



Você está de novo sonhando mentiras,
Estás otra vez soñando mentiras, **Juan.**

Sua Dabeida Baquero Reyes



© by Sua Dabeida Baquero Reyes, 2009.

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

B229v Baquero Reyes, Sua Dabeida
Você está de novo sonhando mentiras, Juan / Sua Dabeida Baquero
Reyes. – Campinas, SP: [s.n.], 2009.

Orientador : Milton José de Almeida.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Imagem. 2. Literatura. 3. Cinema. 4. Educação visual. 5. Poesia. I.
Milton José de Almeida. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Educação. III. Título.

09-112/BFE

Título em inglês : You are once more dreaming lies, Juan

Keywords: Image ; Literature ; Cinema ; Visual education ; Poetry

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Prof. Dr. Milton José de Almeida (Orientador)
Profª. Drª. Agueda Bernardete Bittencourt.
Profª. Drª. Maria do Céu Diel de Oliveira
Profª. Drª. Maria do Carmo Martins
Prof. Dr. Acir Dias da Silva

Data da defesa: 08/05/2009

Programa de pós-graduação : Educação

e-mail : suabaquero@gmail.com

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Título. Você está de novo sonhando mentiras, Juan.

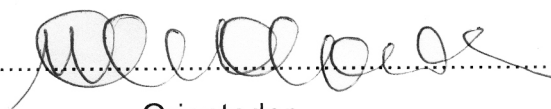
Autor: Sua Dabeida Baquero Reyes

Orientador: Prof. Dr. Milton José de Almeida

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por SUA DABEIDA BAQUERO REYES e aprovada pela Comissão Julgadora.

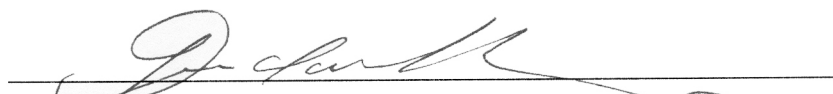
Data: 08/05/09

Assinatura:.....

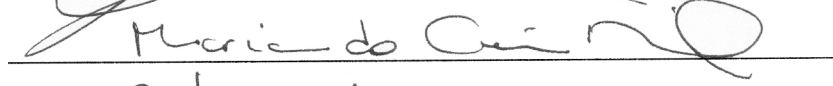


Orientador

COMISSÃO JULGADORA:



Maria do Carmo



Antônio da Silva

Ano 2009

Você está de novo sonhando mentiras,
Estás otra vez soñando mentiras, **Juan.**

Sua Dabeida Baquero Reyes

*Redação final apresentada à banca examinadora como exigência para
conclusão do Mestrado em Educação.*

*Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação
Laboratório de Estudos Audiovisuais - OLHO
Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte*

Orientação do professor Dr. Milton José de Almeida

Banca Examinadora:

*professora Dra. Agueda Bernardete Bittencourt
professora Dra. Maria do Céu Diel de Oliveira
professora Dra. Maria do Carmo Martins
professor Dr. Acir Dias da Silva*

aos amores inconstantes
a los amores inconstantes

Mis agradecimientos a los amores constantes:

A Milton...

A Espe, Baque y Oscar Manuel, porque en su amor y confianza
tuve donde crecer y enraizarme.

A Agueda y Carminha, por compartir intensidades
e incertidumbres de vivir y amar sentidamente.

A João Diel por caminar conmigo a ese lugar extraño y delicioso donde
los sentidos van en busca de palabras; su amistad y cariño me suavizaron los días.

A Ioli y Juan por haber abierto en su casa un lugar para la mía
y con este gesto hacerme dudar que el mundo esta completamente perdido.

A los amigos que en diferentes rincones de este planeta
continúan honrándome con su constancia.

Meus agradecimentos aos amores constantes

A Milton...

A Espe, Baque e Oscar Manuel, porque em seu amor e confiança
tive onde crescer e me enraizar.

A Agueda e Carminha, por compartilhar intensidades
e incertezas de viver e amar sensivelmente.

A João Diel, por caminhar comigo a este lugar estranho e delicioso onde os sentidos vão
em busca de palavras; sua amizade e carinho me suavizaram os dias.

A Ioli e Juan, por ter aberto na sua casa um lugar para a minha
e com este gesto me fazer duvidar que o mundo esteja completamente perdido.

Aos amigos que em diferentes cantos deste planeta
continuam me honrando com sua constância.

Resumo

O seguinte trabalho é uma interpretação poética de algumas imagens existentes na obra literária e fotográfica do escritor mexicano Juan Rulfo e no filme “Del Olvido al no me acuerdo” do diretor Juan Carlos Rulfo. Diálogo onde diversas vozes criam significados sobre perguntas existenciais. Utilizei a interpretação como uma forma de indagação do mundo que imagina, questiona, aprofunda significados e renova sentidos.

Palavras-chave:

imagem, literatura, cinema, educação visual, poesia

Resumen

El siguiente trabajo es una interpretación poética de algunas imágenes existentes en la obra literaria y fotográfica del escritor mexicano Juan Rulfo, y de la película “Del olvido al no me acuerdo” del director Juan Carlos Rulfo. Diálogo donde diversas voces crean significados sobre preguntas existenciais. Utilicé la interpretación como forma de indagación del mundo, que imagina, cuestiona, profundiza significados, y renueva sentidos.

Palabras clave:

imagen, literatura, cine, educación visual, poesía

Abstract

The following research is a work of poetic interpretation from some images in the literary and photographic work of the Mexican writer Juan Rulfo and from images of the movie “Del olvido al no me acuerdo”, from director Juan Carlos Rulfo. A dialogue between voices which create meanings on existential issues. I used interpretation as a way of asking questions about the world that imagines, searches, deepens significances and makes meanings anew.

Keywords:

image, literature, cinema, visual education, poetry

ÍNDICE

Resumen, XI

De aquellas barrancas suben, 01

Todo lo que nace de mí, 21

¿Quién eres tú?, 43

Cruz de Mezquite, 79

I am hurry because finished me the ink, 103

Cantando entre rezos, 129

Último secreto, 149

Notas a pie de página, 187

Bibliografía, 217

ÍNDICE

Resumo, XI

Daquelas colinas sobem, 01

Tudo o que nasce de mim, 21

Quem é você?, 43

Cruz de Algaroba, 79

I am hurry because finished me the ink, 103

Cantando entre rezas, 129

Último segredo, 149

Notas de Rodapé, 187

Bibliografia, 217



Necesito creer, necesito confiar.

Necessito crer, necessito confiar.





Insisto.
Insisto y por eso escribo.
Como si estas palabras fueran dedos de la mano y
tercos intentaran acariciar.

Enfrente: (no sólo esa, sino todas las
preguntas)
¿?
¿?
¿? etc., etc.

Como ves sigo
sin saber alguna
respuesta,
entonces escribo cartas de amor,
para ese sin ti
que soy sin querer.

En otras palabras:

Intento tener fe.

Sólo eso.

Insisto.
Insisto e por isso escrevo.
Como se estas palavras fossem dedos da mão e
teimosos tentam acariciar.



Em frente: (não só esta, senão todas as
perguntas)

¿?
¿?
¿? etc., etc.

Como vês, sigo
sem saber alguma
resposta,
então escrevo cartas de amor,
para esse sem ti
que sou sem querer.

Em outras palavras:

Tento ter fé.

Só isso.

DAQUELAS COLINAS SOBEM

De aquellas barrancas suben



de aquellas barrancas suben los
sueños; pero yo lo único que vi fue el vien-
to, en tremolina.¹

daquelas colinas sobem os sonhos;
mas a única coisa que vi subir foi o vento,
em tremulina.¹





No recuerdo por ahora quién dijo que el hombre era una pura nada. No algo, ni cualquier cosa, sino una pura nada. Y yo me siento así en este instante; quizá porque conociendo lo flaco de mis limitaciones jamás elaboré un espíritu de confianza; jamás creí en el respeto propio. ²

Não lembro por hora quem disse que o homem era um puro nada. Nem alguma coisa, nem qualquer coisa, senão um puro nada. E eu me sinto assim neste instante; talvez porque conhecendo a fraqueza de minhas limitações jamais elaborei um espírito de confiança; jamais acreditei no respeito próprio. ²





Dice muchas cosas y varias interpretaciones, algunas exageradas; otras, en cambio, muy sencillas. Prefiero estas últimas, pues viéndolo bien mi propósito no fue escribir adivinanzas, aunque eso sí, traté de buscar colaboración del lector.³

[Ele] Disse muitas coisas e várias interpretações, algumas exageradas; outras, por vez, muito simples. Prefiro estas últimas, pois, vendo bem, meu propósito não foi escrever adivinhações, mas sim, tentei buscar a colaboração do leitor.³





(...) Sí, hay en Pedro Páramo una estructura, pero es una estructura construida de silencios, de hilos colgantes, de escenas cortadas, donde todo ocurre en un tiempo simultáneo que es un no tiempo. ⁴

(...) Sim, há em Pedro Páramo uma estrutura, mas é uma estrutura construída de silêncios, de fios pendurados, de cenas cortadas, aonde tudo ocorre num tempo simultâneo.⁴





Había leído mucha literatura española y descubrí que el escritor llenaba los espacios desiertos con divagaciones y elucubraciones. Yo antes había hecho lo mismo y pensé que lo que contaban eran los hechos y no las intervenciones del autor, sus ensayos, su forma de pensar, y me reduje a eliminar el ensayo y a limitarme a los hechos, y para eso busqué a personajes muertos que no están dentro del tiempo o el espacio. Suprimí las ideas con que el autor llenaba los vacíos y evité la adjetivación entonces de moda. Se creía que adornaba el estilo, y sólo destruía la sustancia esencial de la obra, es decir, lo sustantivo.⁵

Li muita literatura espanhola e descobri que o escritor preenchia os espaços desertos com divagações e elucubrações. Eu antes tinha feito o mesmo, e pensei que o que contava eram os fatos e não as intervenções do autor, seus ensaios, sua forma de pensar, e concentrei em eliminar o ensaio e a me limitar aos fatos, para isso busquei personagens mortos que não estão dentro do tempo ou o espaço. Suprimi as idéias com as quais o autor preenchia os vazios e evitei a adjetivação então na moda. Acreditava-se que adornava o estilo, e só destruía a substância essencial da obra, quer dizer, o substantivo.⁵





He llegado a mi pueblo y la gente platica en las banquetas, pero si tu te acercas, se callan. Para ellos eres un extraño y hablan de las lluvias, de que ha durado mucho la sequía y no puedes participar en la conversación. Es imposible. Tal vez oí su lenguaje cuando era chico pero después lo olvidé, y tuve que imaginar cómo era por intuición. Di con un realismo que no existe, con un hecho que nunca ocurrió y con gentes que nunca existieron.⁶

Ceguei ao meu povoado e as pessoas conversam nos bancos, mas se você aproxima-se, se calam. Para eles você é um estranho e falam das chuvas, da seca que tem durado muito, e não se pode participar da conversa. É impossível. Talvez tenha ouvido sua linguagem quando era menino mas depois o esqueci, e tive que imaginar como era por intuição. Topei com um realismo que não existe, com um fato que nunca ocorreu e com gentes que nunca existiram.⁶





yo le agradezco mucho sus conceptos, pero yo le digo que cualquier persona que tratara de encontrar esos paisajes, encontrar esos motivos que han dado origen a esas descripciones, no las encontraría (...)Se quería hacer una revista literaria dedicada al Llano en Llamas, entonces se quería fotografiar la zona, la región, pero nunca se encontró el paisaje. Se querían fotografiar los rostros, porque los personajes no tienen rostro, quizás usted haya observado eso también, no la gente es común y corriente, como en todas partes no había nada especial.⁷

Eu agradeço muito seus conceitos, mas digo-lhe que qualquer pessoa que tratar de encontrar essas paisagens, encontrar esses motivos que deram origem a essas descrições, não as encontraria (...) Se quis fazer uma revista literária dedicada ao Chão em Chamas, portanto queriam fotografar a área, a região, mas nunca se encontrou a paisagem. Queriam fotografar os rostos, porque os personagens não têm rosto, talvez você tenha observado isto também, não?, a gente é comum e corrente, como em todas partes, não havia nada especial.⁷





A mí me han criticado mucho mis paisanos porque cuento mentiras, porque no hago historia o porque todo lo que platico o escribo -dicen- nunca ha sucedido; y así es. Para mí lo primordial es la imaginación. (...) la imaginación es infinita, no tiene límites, y hay que romper donde se cierra el círculo; hay una puerta, puede haber una puerta de escape, y por esa puerta hay que desembocar, hay que irse. Así aparece otra cosa que se llama intuición; la intuición lo lleva a uno a adivinar algo que no ha sucedido, pero que está sucediendo en la escritura.⁸

Meus conterrâneos muito têm me criticado porque conto mentiras, porque não faço história ou porque tudo o que digo ou escrevo - dizem- nunca aconteceu; e assim é. Para mim o primordial é a imaginação. (...) a imaginação é infinita, não tem limites, e tem que romper onde se fecha o círculo; há uma porta, pode haver uma porta para escapar, e por esta porta deve-se desembocar, deve-se ir. Assim aparece outra coisa que se chama intuição; a intuição é o que nos leva a adivinhar algo que não sucedeu, mas que está acontecendo na escritura.⁸





En cuatro meses escribí Pedro Páramo y tuve que quitarle cien páginas. En una noche escribía un cuento (...) Espero la magia de otras noches, porque yo soy un tecolote. Todo lo hago de noche.(...).

Rulfo no ve su reloj y me dice:

-Serán las tres. Aquí no se ven las estrellas.

-Es hora de dormir.-

-Es hora de tratar de dormir. ¿Sabes? A veces amanezco queriendo no despertar .⁹

Em quatro meses escrevi Pedro Páramo e tive que tirar-lhe cem páginas. Em uma noite escrevia um conto (...) Espero a magia de outras noites, porque eu sou um [pássaro] tecolote. Tudo o que faço é de noite. (...).

Rulfo não vê seu relógio e me diz:

- Devem ser três da manhã. Daqui não se enxerga as estrelas.

- É hora de dormir. -

- É hora de tratar de dormir. Sabes? Às vezes acordo querendo não despertar - .⁹



TUDO O QUE NASCE DE MIM

Todo lo que nace de mi



J.R. nació en Jalisco, México, el 16 de mayo de 1918. Fue hijo de Juan Nepomuceno Rulfo Navarro y de María Vizcayno Arias. El primero descendía en línea directa del capitán realista Juan Manuel del Rulfo, derrotado por el ejército insurgente en la batalla de Zacoalco, por lo cual fue degradado retirándosele del mando de las tropas. Durante la intervención francesa volvió a las armas y participó, con el grado del coronel, en el combate de “La coronilla” que dio fin a la ocupación de los franceses en Jalisco. Como premio obtuvo la alcaldía de Zapotlán el Grande y la hacienda de San Pedro. Su nieto Juan Nepomuceno sería más tarde el administrador de esta hacienda, donde moriría asesinado en 1920.

Por la rama materna, los Arias, antepasados de María, la madre de J.R., llegaron a Jalisco a mediados del siglo XVI, obteniendo como encomienda el pueblo de Tuxcacuesco; aunque para 1920, fecha en la cual enviudó, ya sólo quedaba en su poder la hacienda ganadera de Apulco, lugar pedregoso y árido. Seis años después estalló la revolución “cristera” que devastó hasta 1930 toda la región, dejándola desolada desde entonces.

Así pues, éstos son a grandes razgos los antecedentes familiares de J.R. Por una parte un oficial de José María Calleja, General y Virrey de la Nueva España, por otra la magra herencia de un encomendero. Ni qué decir tiene que ninguna de estas dos cosas son para enorgullecer a nadie, y menos ahora cuando he llegado a conocer su historia, la cual por lo que a mí respecta ni me va ni me viene, pues nunca supe cuáles fueron sus beneficios y en cambio, al parecer, sí cargué con las consecuencias

Mientras cundía por todo el estado de Jalisco la rebelión cristera veía envejecer mi infancia en un orfanatorio de la ciudad de Guadalajara. Allí me enteré también que mi madre había muerto y esto significaba... bueno, significó un aplazamiento tras otro para salir del encierro, ya que estuve obligado a descontar con trabajo el precio de mi propia soledad.

De algo sirvió aquella experiencia: me volví huraño y aún lo sigo siendo. Aprendí a comer poco o casi a no comer. Aprendí también que lo que no se conoce no se ambiciona y que, al final de cuentas, la única y más grande riqueza que existe sobre la tierra es la tranquilidad.¹



J.R. nasceu em Jalisco, México, em 16 de maio de 1918. Foi filho de Juan Nepomuceno Rulfo Navarro e de María Vizcayno Arias. O primeiro descendia em linha direta do capitão realista Juan Manuel del Rulfo, derrotado pelo exército insurgente na batalha de Zacoalco, pelo qual perdeu sua patente e foi retirado do comando das tropas. Durante a intervenção francesa, voltou às armas e participou, como coronel, no combate de “La coronilla”, que deu fim à ocupação dos franceses em Jalisco. Como prêmio, obteve a prefeitura da cidade de “Zapotlán, o Grande”, e a fazenda “São Pedro”. Seu neto, Juan Nepomuceno, seria mais tarde o administrador desta fazenda onde morreria assassinado em 1920.

Pelo ramo materno, os Arias, antepassados de Maria - a mãe de J.R -, chegaram a Jalisco em meados do século XVI, obtendo como encomienda o povoado de Tuxcacuesco; em 1920, quando enviuvou, só ficava em seu poder a fazenda pecuarista de Apulco, lugar pedregoso e árido. Seis anos depois estourou a revolução “cristeira” que devastou até o ano de 1930 toda a região, deixando-a desolada desde então.

A grosso modo, estes são os antecedentes familiares de J.R. Por uma parte um oficial de José María Calleja, General e Vice-rei da Nova Espanha, por outra, a magra herança de um encomendeiro. Não é preciso dizer que nenhuma destas duas coisas orgulha ninguém, muito menos quando conheci sua história, a qual, pelo que me diz respeito, não me faz diferença, pois nunca soube quais foram seus benefícios; pelo contrário, ao que parece, carreguei as conseqüências.

Enquanto a rebelião cristeira espalhava-se por todo o estado de Jalisco, via envelhecer a minha infância em um orfanato da cidade de Guadalajara. Ali, soube que minha mãe havia morrido e isto significava... bom, significou um adiamento atrás do outro para sair da reclusão, já que fui obrigado a descontar com trabalho o preço de minha própria solidão.

De algo serviu aquela experiência: me tornei arredio e ainda sigo sendo. Aprendi a comer pouco ou quase não comer. Aprendi também que o que não se conhece não se ambiciona e que, no final das contas, a única e maior riqueza que existe sobre a terra é a tranqüilidade.¹



Todo lo que nace de mí, es la transformación de mi mismo .²

Tudo o que nasce de mim, é a transformação de mim mesmo .²





De la primera cosa de la que él me habló fue de cuando era apenas un niño y todo el aire se impregnó de tristeza, de cómo el tiempo envejeció su infancia en la espera y en la soledad. Me dijo:



-Déjenme seguir mi sueño. Todo lo demás es mentira. Nadie puede morir mientras uno duerme. ³

Que no me digan nada. Que se vayan. No estoy para nadie ni en la puerta ni en el teléfono. Estoy agachado sobre plumas. Dormido en un enjambre de plumas. Cuando solo mi soledad me llama. Entonces despierto -. ⁴



yo había pensado en los años de la infancia, los únicos años quizás de que se conserva un recuerdo que a pesar de los malos ratos es, dijéramos, de las pocas noticias agradables que uno tiene. Siempre es un recuerdo más agradable que la vida actual. La infancia, creo yo, es uno de los pocos recuerdos agradables que uno conserva. Es natural que jamás se vuelva a esa infancia, menos a buscar la hierba, las casas, la gente que uno conoció. ⁵



Habló de algunas historias. Lo escuché en silencio, intentando encontrar algo que en sus palabras me dejara verlo.



- Pensar que la dócil palabra de los hombres es su mensaje. Cuando vivimos como miserables criaturas en un mundo de hambre. Pensar que los cuentos que nos contaron eran pura mentira. El solo abrazo de la realidad con la nada. La esperanza, nos dijeron que había una esperanza para esperar en ella. Ahora sabemos que es una mentira la esperanza. ⁶

A primeira coisa que ele me falou foi de quando era apenas um menino e todo o ar se impregnou de tristeza, de como o tempo envelheceu a sua infância na espera e na solidão. Me disse:

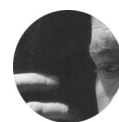
- Deixe-me seguir meu sonho. Todo o resto é mentira. Ninguém pode morrer enquanto se dorme .³

Que não me falem nada. Que partam. Não estou para ninguém nem na porta nem no telefone. Estou agachado sobre plumas. Dormindo em um enxame de plumas. Quando só minha solidão me chama. Então desperto -.⁴

eu havia pensado nos anos da infância, os únicos anos dos quais se conserva alguma lembrança, apesar dos maus momentos. É, por assim dizer, uma das poucas notícias boas que se tem. Esta lembrança é sempre melhor que a vida atual. A infância, eu acho, é uma das poucas recordações agradáveis que alguém conserva. É natural que jamais se volte a essa infância, muito menos para buscar a erva, as casas, a gente que se conheceu. ⁵

Falou de algumas histórias. Escutei em silêncio, tentando encontrar algo que em suas palavras me deixasse vê-lo.

- Pensar que a dócil palavra dos homens é sua mensagem. Quando vivemos como miseráveis criaturas num mundo de fome. Pensar que os contos que nos contaram eram pura mentira. O só abraço da realidade com o nada. A esperança. Disseram-nos que havia uma esperança para esperar nela. Agora sabemos que é uma mentira a esperança.⁶





Quizá el personaje, en el fondo, va en busca de sus raíces. Esto sólo los que han crecido en la orfandad pueden entenderlo cabalmente. La esperanza es uno de los más grandes resortes del mundo y todos nos entregamos a ella en algún momento. Tiene según yo pienso, el mismo valor de la ilusión, y cuántos no vivimos en ese estado permanente, sólo que a veces no queremos reconocerlo. ⁷



No importaba cuánto lo intentara, pese al silencio que nos rodeaba, debía esforzarme para oírle, su voz se deshacía en murmullos que apenas si cambiaban de tonalidad, unas veces más cerca, otras más lejos iban meciendo el tiempo, dejando ver un humo que no era más que el aire caliente que salía de su boca.



- Es cierto, Dorotea. Me mataron los Murmullos.
(...) pero con la diferencia del aire. Allí, donde el aire cambia el color de las cosas; donde se ventila la vida como si fuera un murmullo; como si fuera un puro murmullo de la vida..

- Si, Dorotea. Me mataron los murmullos. Aunque ya traía retrasado el miedo. Se me había venido juntando, hasta que ya no pude soportarlo. Y cuando me encontré con los murmullos se me reventaron las cuerdas. ⁸



Pensé que así debería sonar su vida. Como un puñado de voces secretas continuó diciendo.



Llegué a la plaza, tienes tú razón. Me llevó hasta allí el bullicio de la gente y creí que de verdad la había. Yo ya no estaba muy en mis cabales; recuerdo que me vine apoyado en las paredes como si caminara con las manos. Y de las paredes parecían salir los murmullos como si se filtraran de entre las grietas y las descarapeladuras. Yo los oía. Eran voces de gente; pero no voces claras, sino secretas, como si me murmuraran algo al pasar o como si zumbaban contra mis oídos. ⁹



Eran palabras que se sentían, igual como las palabras que silenciosas se oyen en los sueños

Penas que estarán clavadas en mi alma para toda la vida.

Mi querida hermana:



En estos momentos acabamos de llegar de sepultar a nuestro amado y buen padre y no tienes idea de la tristeza que tengo, pues esto y

Talvez o personagem, no fundo, vá em busca de suas raízes. Isto só os que cresceram na orfandade podem entender cabalmente. A esperança é uma das maiores molas do mundo e todos nos entregamos a ela em algum momento. Tem, segundo o que penso, o mesmo valor da ilusão, e quantos de nós não vivemos neste estado permanentemente, mas às vezes não queremos o reconhecer.⁷



Não importava o quanto eu tentava. Apesar do silêncio que nos rodeava, devia esforçar-me para ouvi-lo, sua voz se desfazia em murmúrios que apenas mudavam de tonalidade, umas vezes mais perto, outras mais longe, iam balançando o tempo, deixando ver uma fumaça que não era mais que o ar quente que saía de sua boca.



-Pois é verdade, Dorotea. Os murmúrios me mataram.

(...) mas com a diferença do ar. Lá, onde o ar muda a cor das coisas; onde a vida se ventila como se fosse um murmúrio; como se fosse um puro murmúrio da vida...”



-Sim, Dorotea. Os murmúrios me mataram. Embora eu trouxesse um medo atrasado. Tinha vindo se juntando, até que não agüentei mais. E quando me encontrei com os murmúrios minhas cordas arrebentaram.⁸

Pensei que assim deveria soar a sua vida. Como um punhado de vozes secretas. Continuou me dizendo.



“Cheguei na praça, você tem razão. Fui levado até lá pelo alvoroço das gentes e achei que de verdade havia gente. Eu já não estava muito em meus eixos; recordo que vim me apoiando nas paredes como se caminhasse com as mãos. E os murmúrios pareciam destilar das paredes, como se se filtrassem entre as gretas e os descascados abertos no reboco. Eu os ouvia. Eram vozes de gente; mas não vozes claras, e sim secretas, como se me murmurassem alguma coisa ao passar, ou como se zumbissem contra meus ouvidos.”⁹



Eram palavras que se sentiam iguais às palavras silenciosas que se ouvem nos sonhos.



Penas que estarão cravadas em minha alma para toda a vida.

Minha querida irmã:

Neste momento acabamos de chegar do enterro do nosso amado e bom pai e você não tem idéia da tristeza que eu tenho, pois isto e



la muerte de nuestro inolvidable Cheno han sido las penas más grandes de mi vida, penas que estarán clavadas en mi alma para todos los días de mi vida.

Hoy hace quince días que llegué a ésta porque mi papá me puso una carta diciéndome que viniera y desde el día que llegué me dijo que él no tenía remedio y que lo teníamos que enterrar el día que su hijo cumpliera el año porque no podía soportar por más tiempo la falta que le hacía su hijo adorado y lo único que sentía era dejarnos a nosotros. Murió a la misma hora de Cheno en su entero conocimiento, con todos los auxilios espirituales y de la ciencia.¹⁰



- Su padre ha muerto.

Yo soñaba que tenía un venado en mis brazos. Un venado dormido, pequeño como un pájaro sin alas; tibio como un corazón quieto y palpitante, pero adormecido.

- Se le acabó la vida.

Era la hora del amanecer tan sombría, tan sin color, sin ningún color. En que todo está tan lejano.¹¹



- Guadalupe Terreros era mi padre. Cuando crecí y lo busqué me dijeron que estaba muerto. Es algo difícil crecer sabiendo que la cosa de donde podemos agarrarnos para enraizar está muerta. Con nosotros eso pasó.

Luego supe que lo habían matado a machetazos, clavándole después una pica de buey en el estómago. Me contaron que duró más de dos días perdido y que, cuando lo encontraron, tirado en un arroyo, todavía estaba agonizando y pidiendo el encargo de que le cuidaran a su familia.¹²



Al interior de los altos muros y las ventanas enrejadas del orfanatorio entendió que el mundo y el tiempo estaban dentro. Cuando ese encierro terminó no terminó el desamparo.



(...) a esto puedo decirle que todos somos unos desamparados, aunque quienes vivimos y aceptamos la soledad como un ambiente propiciatorio no nos dolemos de ella; por el contrario, la soledad es buena madre y gran engendradora de bienes, entre otros el de la imaginación. De este

a morte de nosso inesquecível Cheno têm sido das maiores penas de minha vida, penas que estarão cravadas em minha alma para todos os dias de minha vida.

Hoje faz quinze dias que cheguei a esta cidade porque meu pai enviou uma carta me dizendo que viera e desde o dia que cheguei disse-me que não teria remédio e que teríamos de enterrá-lo no dia que seu filho fizesse o ano, porque não podia suportar por mais tempo a falta que lhe fazia seu filho adorador, e a única coisa que o entristecia era nos deixar. Morreu na mesma hora que Cheno em sua plena consciência, com todos os auxílios espirituais e da ciência.¹⁰

- Seu pai está morto.

Eu sonhava que tinha um veado em meus braços. Um veado dormindo, pequeno como um pássaro sem asas; morno como um coração quieto e palpitante, mas adormecido.

- A vida dele acabou.

Era a hora do amanhecer tão sombria, tão sem cor, sem nenhuma cor. Em que tudo está muito longe.¹¹

- Guadalupe Terreros era meu pai. Quando cresci e procurei me disseram que estava morto. É difícil crescer sabendo que a coisa onde podemos nos agarrar para enraizar está morta. Aconteceu com a gente.

Depois fiquei sabendo que ele tinha sido morto a golpes de facão, e arrematando com um chuço de boi no estomago. Contaram que ficou mais de dois dias perdido e, que quando o encontraram, jogado num arroio, ainda estava agonizando e pedindo que alguém cuidasse da sua família.¹²

Do interior dos altos muros e das janelas gradeadas do orfanato¹³ entendeu que o mundo e o tempo estavam dentro. Quando este confinamento terminou, não terminou o desamparo.

(...) [em resposta] a isto posso lhe dizer que todos somos uns desamparados, ainda que vivamos e aceitemos a solidão como um ambiente propício, não nos doemos dela; pelo contrário, a solidão é boa mãe e grande geradora de bens; entre outros, a imaginação. Deste



modo, qué importa si después de la muerte no encontramos a nadie. ¿Acaso no nacemos y morimos solos? Bueno, se pueden decir muchas cosas de la soledad. Hasta se puede llenar un libro hablando de ella; pero lo único que podría quedar claro por ahora es que jamás la soledad ha sido ingrata ni asesinado a nadie.¹⁴



sentado en la maleta, desanudó el negro listón con que venía atado el certificado escolar (...)Leyó y releyó aquella imitación de pergamino donde aparecían, además del retrato, una serie de firmas ilegibles (...)Ahora, en la calle, se sentía desorientado e inmóvil como una piedra tirada en cualquier camino .¹⁵



Tenía razón. En la vida las cosas se confunden: a veces parece como si se viviera a saltos.



Madre:

Te escribo esta carta desde aquí de la tierra,
a ti que estas en los cielos.

Quiero contarte lo que ha pasado
desde que te fuiste; lo cercano¹⁶

-Y es que la alegría cansa.¹⁷

Nadie anda en busca de tristezas.¹⁸

-¿Y a ti quien te mató, madre?¹⁹



Había algo en él que nunca pude entender, aún a estas fechas, a 17 años de su ausencia: nunca tocamos el tema de sus padres, sobre todo el de su madre. Tal vez en su amor triste el sufría en silencio. (...) Llevaba a cuestas una inmensa tristeza. Decían que posiblemente la había heredado justamente de su madre (...)²⁰

modo, o que importa se depois da morte não achamos ninguém? Por acaso não nascemos e morremos sós? Bem, pode-se dizer muitas coisas da solidão. Até se pode preencher um livro falando dela, mas a única coisa que está clara até agora é que jamais a solidão foi ingrata nem assassinou ninguém.¹⁴

sentado na mala, desatou a fita preta com a qual vinha amarrado o certificado escolar (...) Leu e releu aquela imitação de pergaminho onde apareciam, além do retrato, uma série de assinaturas ilegíveis (...) Agora, na rua, sentia-se desorientado e imóvel como uma pedra jogada em qualquer caminho.¹⁵

Tinha razão. Na vida as coisas se confundem: às vezes parece que vive-se aos pulos.

Mãe:

Escrevo-te esta carta daqui da terra,
a ti que estás nos céus.

Quero te contar sobre o que se tem passado
desde que foste embora, sobre o que está perto¹⁶

- E é que a alegria cansa.¹⁷

Ninguém anda à procura de tristezas.¹⁸

- E quem te matou, mãe?¹⁹

Havia algo nele que nunca pude entender, até hoje, há 17 anos de sua ausência: nunca tocamos no assunto de seus pais, sobretudo no de sua mãe. Talvez em seu amor triste ele sofresse em silêncio. (...) Levava nas costas uma imensa tristeza. Diziam que, possivelmente, a tinha justamente herdado dela (...) ²⁰





Existe una otra casa con jardín,
al fondo. En él hay
tierra negra,
tiempo.

La luz del sol ilumina siempre
las paredes de ladrillo,
desgastados en los bordes

Un corredor que separa el jardín del resto de la casa por entre el que
casi siempre corre un viento frío que hela las manos y la nariz
pero que no incomoda
el contacto con las hojas que con cuidado fueron recolectadas, cada una con su forma, con
su olor.

El romero de hojas pequeñas y perfumadas,
se arranca fácilmente a gajos y si se les clava sobre el pasto parecen árboles
recién nacidos,
en miniatura,
sobre una montaña de tierra recién acabada de hacer.

El pasto, menos con gracia pero siempre con ese verde brillante,
Que mezclado, y después machucado, suelta un tinte en las manos
manchándolas
-¿otra piel?-.
La de un animal de clorofila.

en ese jardín fui.
Fui conmigo misma. Fui sin interrupciones.

Nadie me había arrancado en sueños un pedazo
del costado,
y lo había lanzado,
perdiéndolo
por el mundo.

Existe uma outra casa com jardim
ao fundo. Nele há
terra negra,
tempo.



A luz do sol ilumina sempre
as paredes de tijolos
desgastados nas bordas

Um corredor que separa o jardim do resto da casa pelo qual,
quase sempre, corre um vento frio que gela as mãos e o nariz
mas que não incomoda
na coleta cuidadosa das folhas, cada uma com sua forma, com seu odor.

O alecrim de folhas pequenas e perfumadas;
se arranca facilmente de galho em galho
e, se os enfia sobre a grama, se parecem árvores
recém nascidas,
em miniatura,
sobre uma montanha de terra acabada de fazer.

A grama, com menos graça, mas sempre com esse verde brilhante
Que misturado, e depois macerado, solta uma tintura nas mãos,
manchando-as
- outra pele? -
a de um animal de clorofila.

nesse jardim fui.
Fui comigo mesma. Fui sem interrupções.

Ninguém havia me arrancado em sonhos um pedaço
do lado,
e o tinha jogado,
perdendo-o
pelo mundo.



Siguió contándome cosas que no olvido pero que tampoco recuerdo.



-No hay pichón que no
ensucie el nido, como decía una tía mía.²¹



En mayo de 1954 compré un cuaderno escolar (...) de pronto a media calle, se me ocurría una idea y la anotaba en papelitos verdes y azules. Al llegar a casa después de mi trabajo [...] pasaba mis apuntes al cuaderno. (...)Dejaba párrafos a la mitad, de modo que pudiera dejar un rescoldo o encontrar el hilo pendiente del pensamiento al día siguiente.²²



- (Es peligroso). No es bueno dormir con la boca abierta porque el diablo puede fácilmente apoderarse del alma.
- Dedos crispados.
- A los cadáveres se les dice al oído que ya están muertos y que no vengán a dar guerra a los vivos.
- La mujer, por tener los músculos más débiles, tarda más en llegar al otro mundo.
- El rayo se pasea cuando viene la lluvia.
- La cruz patrona de todos. “La santísima”
- Viajar en sueños.
- “La enfermedad y el dolor oyen cuando les hablan”.
- “María Dyada”. (La diosa luna entre los Tepehuanes).²³



- Hay demasiadas cosas intraducibles,
- pensadas en sueños
- intuitas
- a las cuales uno puede encontrarles su verdadero significado solamente con el sonido original... o el color.
- Inefable.- El idioma de lo inefable
- La aventura de lo desconocido
- Inventar un paisaje²⁴

Continuou falando coisas que não esqueço, mas que tampouco lembro.

-Não há filhote que não
suje o ninho, como dizia uma tia minha .²¹

Em maio de 1954 comprei um caderno escolar (...) de repente, no meio da rua, se me ocorria uma idéia, anotava-a em papeizinhos verdes e azuis. Ao chegar em casa depois de meu trabalho [...] passava minhas anotações ao caderno. (...) Deixava parágrafos pela metade, de modo que pudesse encontrar o fio pendente do pensamento no dia seguinte.²²

- (É perigoso). Não é bom dormir com a boca aberta porque o diabo pode facilmente apoderar-se da alma.
- Dedos crispados.
- Dizem nos ouvidos dos cadáveres que já estão mortos e que não venham a dar trabalho aos vivos.
- A mulher, por ter os músculos mais débeis, tarda mais em chegar ao outro mundo.
- O raio passeia quando vem a chuva.
- A cruz patroa de todos. “La santísima”
- Viajar em sonhos.
- “A enfermidade e a dor ouvem quando se dirige a elas”.
- “María Dyada”. (A deusa-lua entre os Tepehuanes).²³

- Há muitas coisas intraduzíveis,
- pensadas em sonhos
- intuídas
- das quais pode-se achar seu verdadeiro significado somente com o som original... ou a cor.
- Inefável.- O idioma do inefável
- a aventura do desconhecido
- Inventar uma paisagem²⁴



Me sentía desgastado físicamente como una piedra bajo un torrente, pues llevaba cinco años de trabajar catorce horas diarias, sin descanso, sin domingos ni días feriados. Corriendo como un condenado a lo largo y ancho del país para que la fábrica, por la cual me deslomaba, vendiera más que sus competidoras. Me habían lavado el cerebro con la monserga de que el único fin de mi existencia era la fábrica y mi única lucha la muerte del contrario. Y allá iba, yo solo y mi alma, quemando etapas, destrozándole el motor al automóvil; a los tres automóviles que utilicé, uno después de otro, en esa guerra que no era la mía.

Usted ha de decir que adquirí alguna experiencia o que aprendí mucho. Y no, lo único que aprendí fue a perder la memoria. Tuve que tratar con gente y estar en lugares que acabé por no conocer a nadie ni acordarme de cómo eran los pueblos y las ciudades por donde anduve y no tenía a nadie junto a mí para que me los recordaran. (...)

Debe usted saber, antes de seguir adelante, que la industria para la cual trabajaba, (...) que aquellos señores estaban muy enojados conmigo (...), Lo que ellos ignoraban era que después de cinco largos años yo estaba cansado, no sólo física y moralmente cansado, sino también cansado de mentarles la madre todos los días, aunque no encontraba la forma de decírselo en su cara. (...) aproveché para salirme de su infierno sin buscar otra justificación y así lo hice, aunque para entonces no sólo tenía quebrantado el cuerpo, sino adolorida toda el alma. ²⁵



No, de ninguna manera. Nada hay de autobiográfico en esa búsqueda (...). Mis propias experiencias las dejé muy aparte cuando me sumergí en el remolino de la novela. De lo que allí se cuenta yo me hago responsable, aunque mis hermanos, por ejemplo, digan que todo lo que cuento (...) es una sarta de mentiras..²⁶

Sentia-me desgastado fisicamente como uma pedra debaixo de uma torrente, pois carregava cinco anos de trabalho por catorze horas diárias, sem descanso, sem domingos nem feriados. Correndo como um condenado ao comprido e ao largo do país para que a fábrica, pela qual me descadeirava, vendesse mais que suas concorrentes. Haviam-me lavado o cérebro com a conversa fiada de que o único fim da minha existência era a fábrica e a minha única luta era a morte dos opositores. E lá ia, eu sozinho e a minha alma, queimando etapas, destroçando o motor do automóvel; dos três automóveis que utilizei, um depois do outro, nessa guerra que não era a minha.

Você há de dizer que adquiri alguma experiência ou que aprendi muito. Mas não, o único que aprendi foi a perder a memória. Tive que lidar com tanta gente e estar em tantos lugares que acabei por não conhecer ninguém nem recordar como eram os povoados e as cidades por onde andei, e não havia ninguém junto a mim para me lembrar deles. (...)

Você deve saber, antes de seguir adiante, que a indústria para a qual trabalhava, (...) que aqueles senhores estavam muito chateados comigo (...), o que eles ignoravam era que depois de cinco longos anos eu estava cansado, não só física e moralmente cansado, senão também cansado de xingar-lhes a mãe todos os dias, embora não encontrasse a forma de lhes dizer em sua cara.(...) aproveitei para sair daquele inferno sem buscar outra justificativa e foi assim que eu fiz, apesar de ter não só quebrado todo meu corpo, senão machucado toda a alma.²⁵

Não, de jeito nenhum. Não há nada de autobiográfico nesta busca (...). Deixei minhas próprias experiências à parte quando me submergi no redemoinho da novela. Eu sou responsável pelo que se diz ali, mesmo que meus irmãos, por exemplo, digam que tudo o que eu conto (...) seja um monte de mentiras.²⁶





Sucede que hay días que amanece
Y me sale este gusto indiscriminado
por las cosas
casi idiota
hace cosquillas
dulces
sonrisa en la punta de los dedos

y voy por ahí
acariciando su superficie muda.

(¿Por qué tendría que sentir miedo,
o vergüenza
de hablar de este sentimiento
- umbilical, primario -
y su alegría dispersa y sin sentido?
Si está adentro verdaderamente,
- Hoy puedo sentirlo -
tanto como la
cicatriz que simultáneamente me habita)

El mundo no habla,
y sin embargo grita.

Nuestra alianza
está hecha por
las grandes
pequeñeces cotidianas

Con ellas
me abraza

Y nos miramos fijamente
a los ojos
para descubrirnos en las
constantes
contradicciones de las
que estamos hechos

Acontece que há dias em que amanhece
E me sai este gosto indiscriminado
pelas coisas
quase idiota
faz cócegas
doces
sorriso na ponta dos dedos



e vou por aí
acariciando sua superfície muda.

(Por que teria que sentir medo,
ou vergonha
de falar deste sentimento
- umbilical, primário -
e sua alegria dispersa e sem sentido?
Se está dentro, verdadeiramente,
- Hoje posso senti-lo
tanto quanto a
cicatriz que simultaneamente me habita)

O mundo não fala,
E mesmo assim grita.

Nossa aliança
está feita
pelas grandes
pequenezas cotidianas

Com elas
me abraça

E nos olhamos fixamente
nos olhos
para nos descobrir nas
constantes
contradições
pelas quais
somos feitos

QUEM É VOCÊ?
¿Quién eres tú?



Yo soy la que tira la piedra y esconde la mano.

Eu sou a que atira a pedra e esconde a mão.





Jesucristo fue enviado a la Tierra y era el hijo de Dios y de la Virgen María. Nació en un establo de ovejas en San Juan Chamula, el centro del mundo... Nació hace mucho tiempo, quizá hace más de mil años.

Cristo era indio y no ladino; creció muy rápidamente y a los tres días salió con su madre, la Virgen María, y comenzó a caminar por todo el mundo. No creo que en ese entonces existieran pueblos, pero más tarde él los hizo. También hizo montañas y árboles; plantó maíz, frijol, caña, plátanos, sandías y otras plantas.

Un día, cuando Jesús caminaba en las montañas con la virgen, vio a un hombre trabajando. Se dirigió a él y se ofreció a ayudarlo a cortar los árboles para plantar su campo. El hombre no creyó que pudiera hacerlo por ser tan pequeño, pero él insistió que podía. Entonces Jesús tomó su machete para trabajar y en media hora había cortado todo un lado de la montaña. Cuando terminó se fue a casa con el hombre y dijo: “Ahora trabaja tú sólo, y cuando la montaña esté seca, quémala y planta el maíz a tiempo”... El hombre invitó a Jesús a comer; pero él no comió porque es un dios, y se marchó rápidamente con su madre.

El hombre contó a otros lo que había pasado, y ellos se preguntaron: “¿Qué será él un dios o un demonio?, no tomó sus alimentos”. Decidieron seguirlo y matarlo porque pensaron que era un demonio. En pocos días los alcanzaron a él y a la Virgen, y les dijeron que los iban a matar. Cristo contestó: “Si van a matarme, yo quiero morir en una cruz”. Entonces los judíos fueron a hacer las cruces, pero no pudieron traerlas porque estaban muy pesadas...

Cuando Jesús vio esto, se ofreció a traer la cruz, así lo hizo y la puso dentro de la iglesia de Larrainzar. A las doce del día trepó a la cruz y lo clavaron en ella; lanzó un papel a la Virgen que se convirtió en un gallo blanco que comenzó a cantar, y entonces todos los judíos se murieron.

Entonces Cristo bajó de la cruz y a los tres días subió al cielo con la Virgen María. Jesucristo se convirtió en sol y la Virgen en luna, pues antes de él no había más que una débil luz. Así nacieron el Sol y la Luna...

El lugar donde Cristo murió recibe el nombre de Suelen y se encuentra al oriente, la más sagrada de las cuatro direcciones. Actualmente, el papa de la iglesia católica vive ahí, como representante de la voluntad divina, para administrar a la humanidad las recompensas y los castigos enviados por Dios ¹

Jesus Cristo foi enviado à Terra e era o filho de Deus e da Virgem Maria. Nasceu em um estábulo de ovelhas em San Juan Chamula, o centro do mundo... Nasceu faz muito tempo, talvez há mais de mil anos.



Cristo era índio e não ladino; cresceu muito rapidamente e aos três dias saiu com sua mãe, a Virgem Maria, e começou a caminhar por todo o mundo. Não creio que desde então existissem povoados, mas mais tarde ele os fez. Também fez montanhas e árvores; plantou milho, feijão, cana, bananas, melancias e outras plantas.

Um dia, quando Jesus caminhava nas montanhas com a Virgem, viu um homem trabalhando. Dirigiu-se a ele e se ofereceu para ajudá-lo a cortar as árvores para plantar seu campo. O homem não acreditou que pudesse fazê-lo por ser tão pequeno, mas ele insistiu que podia. Então Jesus tomou seu facão para trabalhar e em meia hora havia cortado um lado todo da montanha. Quando terminou foi para casa com o homem e disse: “Agora, trabalhe sozinho, e quando a montanha estiver seca, queime-a e plante o milho na hora certa”... O homem convidou Jesus a comer; mas ele não comeu porque é um deus, e foi embora rapidamente com sua mãe.

O homem contou aos outros o que tinha acontecido, e eles se perguntaram: “O que será ele, um deus ou um demônio?, não comeu seus alimentos”. Decidiram segui-lo e matá-lo porque pensaram que era um demônio. Em poucos dias os alcançaram, a ele e à Virgem, e lhes disseram que iam matá-los. Cristo contestou: “Se vão me matar, eu quero morrer numa cruz”. Então os judeus foram fazer as cruzes, mas não conseguiram trazê-las porque estavam muito pesadas...

Quando Jesus viu isto, se ofereceu a trazer a cruz, e assim o fez e a pôs dentro da igreja de Larrainzar. Às doze horas do dia trepou na cruz e o cravaram nela; lançou um papel à Virgem, o qual se converteu num galo branco que começou a cantar, e então todos os judeus morreram.

Então Cristo desceu da cruz e aos três dias subiu ao céu com a Virgem Maria. Jesus Cristo se converteu no sol e a Virgem na lua, pois antes dele não havia mais do que uma luz fraca. Assim nasceram o Sol e a Lua...

O lugar onde Cristo morreu recebe o nome de Suelen e se encontra no oriente, a mais sagrada das quatro direções. Atualmente, o papa da igreja católica vive ali, como representante da vontade divina, para administrar à humanidade as recompensas e os castigos enviados por Deus.¹



Ya no pude decirle que me dejara tranquila con mis propias penas. Que sus historias me ponían triste y con la sensación de tener tierra entre las muelas. Una mezcla de melancolía cómplice entre los dos había ganado terreno.

De alguna forma yo sabía, así fuera en secreto, de lo que él me hablaba; sólo que de otra forma y con otras palabras. Si por algún momento acaso pensé, quise o imaginé, que podía huir, para entonces ya era demasiado tarde. Los dos andábamos desde hace tiempo, camine que camine por el mundo...



Hey, Hey

¿Quién eres tú?

-Tú amigo-

Ah!, serás el diablo.

-Ah, pos tu amigo

Ah!, le dije. enton' ya te conozco, le dije, pos ahí nos vimos. ²



Ni una gota de aire, sólo el eco de su ruido entre las ramas rotas. Desvanecido a fuerza de ir a tientas, calculando sus pasos, aguantando hasta la respiración: "Voy a lo que voy", volvió a decir. Y supo que era él el que hablaba. ³



Entonces se encontraba uno con un hombre aparentemente pacífico, con personas que no aparentaban ninguna maldad, pero por dentro eran asesinos, eran gente que había vivido pues muchas vidas, con una larga trayectoria de crímenes detrás de ellos y es impresionante conocer a esta gente que de pronto la considera uno pacífica, tranquila, apacible. ⁴



-Voy a lo que voy- ...



Pero el hombre(...)

El hombre traía ya una violencia retardada;

era de chispa retardada. Era un hombre que podía surgirle la violencia en cualquier instante y es que traían todavía los resabios de la revolución, venían con ese impulso que les había dejado la revolución. ⁵

Não pude lhe dizer que me deixara tranqüila com minhas próprias penas. Que suas histórias me deixam triste e com a sensação de ter terra entre os dentes. Uma mistura de melancolia cúmplice entre os dois havia ganhado terreno.



De alguma forma eu sabia - mesmo que fosse em segredo - daquilo que ele me falava; só que de outra forma e com outras palavras. Se por acaso pensei, quis ou imaginei que podia fugir, naquele momento já era demasiado tarde. Os dois andávamos juntos faz algum tempo, andando pelo mundo...

Ei, Ei,
Quem és tu?
- Teu amigo -
Ah!, serás o diabo.
- Ah, teu amigo
Ah!, lhe disse, então já te conheço,
nos vimos por aí.²



Nem uma gota de ar, só o eco do seu ruído entre os galhos partidos. Desvanecido pela força de ir às apalpadelas, calculando seus passos, agüentando até a respiração: “Vou fazer o que tenho de fazer”, tornou a dizer. E confirmou que era ele quem falava.³



Então podia se encontrar um homem aparentemente pacífico, com pessoas que não aparentavam nenhuma maldade, mas que por dentro eram assassinos, era gente que havia vivido muitas vidas, com uma longa trajetória de crimes por trás deles. É impressionante conhecer esta gente que, de repente, se considera pacífica, tranqüila, aprazível.⁴



- Vou ao que vou -...



Mas o homem (...)
O homem trazia já uma violência retardada;



era de faísca atrasada. Era um homem em quem podia surgir a violência em qualquer instante, É que eles traziam, todavia, as desconfiças da revolução, vinham com o impulso que a revolução havia lhes deixado.⁵



No debí matarlos a todos - dijo el hombre-. “Al menos no a todos”. Eso fue lo que dijo. ⁶



Y aún querían ellos seguir,
les había gustado...,
les había gustado el asalto, les había gustado el
allanamiento, la violación, la violencia; y traían
el impulso. ⁷



-Al menos no a todos- ...



Se persignó hasta tres veces. “Discúlpeme”, les dijo. Y comenzó su tarea. Cuando llegó al tercero, le salían chorretes de lágrimas. O tal vez era sudor. Cuesta trabajo matar. El cuero es correoso. Se defiende aunque se haga a la resignación y el machete estaba mellado: “Ustedes me han de perdonar”, volvió a decirles. ⁸



Cuesta trabajo matar.



Eso que me cuenta de todas las muertes que debía y que acababa de efectuar, no me lo perdono. Me gusta matar matones, créame usted. No es la costumbre; pero se ha de sentir sabroso ayudarle a Dios a acabar con esos hijos del mal. ⁹



Pues no, si se está muriendo, déjenme acabarlo, dije.
No espera, no dije déjenme acabarlo, y lo acabo, yo también estoy igual. ¹⁰



Nunca quise hacer una literatura social, no fue afán de denunciar, menos de testimoniar un hecho, sino simplemente la forma en que han caído o han quedado ciertos sitios después de la llamada “Revolución(...)” Debido a esto me han llamado a veces antirrevolucionario. La Revolución (...) es un arma, es un lema, es una argucia que se esgrime (...) No es que yo no crea en ella, la Revolución existió, posiblemente aún exista, aún funcione(...) Por principio a mi la Revolución(...) no me interesa, ni me interesa sí si fue buena o fue mala. ¹¹

“Não devia ter matado todos eles” disse o homem. “Não todos, pelo menos.” Foi o que ele disse.⁶

E ainda eles queriam continuar,
havia gostado...,
havia gostado do assalto, havia gostado da
invasão, do estupro, da violência; e traziam o
impulso.⁷

- Pelo menos não todos - ...

Persignou-se até três vezes. “Desculpem”, disse. E começou sua tarefa. Quando chegou ao terceiro, deitava jorros de lágrimas. Ou talvez fosse suor. Matar dá trabalho. O couro é flexível. Ele se defende, mesmo quando pareça resignado. E o facão estava cego, sem fio. “Vocês me perdoarão”, tornou a dizer a eles.⁸

Dá trabalho matar.

Isso que o senhor me conta, de todas as mortes que ele devia e que acabava de efetuar, eu não me perdôo. Gosto de matar matadores, pode acreditar. Não é meu costume; mas deve ser saboroso ajudar a Deus a acabar com esses filhos do mal.⁹

Não, se está morrendo, me deixa acabá-lo, falei...

Não, espere, não, disse, deixa-me acabá-lo, e eu lhe acabo, eu também estou igual.¹⁰

Nunca quis fazer uma literatura social, não foi o afã de denunciar, menos ainda de testemunhar um fato, mas simplesmente a forma em que têm ficado certos lugares depois da chamada “Revolução (...)” Devido a isto me chamam, às vezes, de anti-revolucionário. A Revolução (...) é uma arma, é um lema, é uma argúcia que se esgrima (...) Não é que eu não acredite nela, a Revolução existiu, possivelmente, talvez exista, talvez funcione (...) Inicialmente para mim a Revolução (...) não me interessa, nem me interessa se foi boa ou foi ruim.¹¹





¿Quién eres tú?

¡Ah, tú eres el diablo!

¿Qué traes de nuevo?

-Pos nada-

¿Cómo ves el mundo? le dije.

-Como siempre lo he visto-

-Pos esté no. Ya no es el que viste ayer -

¿Cómo no ha de ser el mismo, luego que tiene de nuevo?

-Dijo: Mira cada día que va pasando, vas dando un paso a la sepultura, por eso no es el mismo-.¹²



No decimos lo que pensamos. Hace ya tiempo que se nos acabaron las ganas de hablar. Se nos acabaron con el calor. Uno platicaría muy a gusto en otra parte, pero aquí cuesta trabajo. Uno platica aquí y las palabras se calientan en la boca con el calor de afuera, y se le resecan a uno en la lengua hasta que acaban con el resuello. Aquí así son las cosas. Por eso a nadie le da por platicar.

Vuelvo hacia todos lados y miro el Llano. Tanta y tamaña tierra para nada. Se le resbalan a uno los ojos al no encontrar cosa que los detenga

Acabamos por ser unos grupitos tan malos que ya nadie nos tenía miedo. Ya nadie corría gritando: “¡Allí vienen los de Zamora!” Había vuelto la paz al Llano Grande.

Pero no por mucho tiempo.¹⁵



Había vuelto la paz

Pero no por mucho tiempo



¿Cuál tierra nos han dado, Melitón? Aquí no hay ni la tantita que necesitaría el viento para jugar a los remolinos.¹⁶

- Quem és tu?
- Ah, tu és o diabo!
- Que trazes de novo?
- Nada -
- Como vês o mundo? Disse-lhe.
- Como sempre o tenho visto -
- Então.. Já não é o que você viu ontem -
- Como não há de ser eu mesmo, o que tem de novo?
- Falou: Olha, a cada dia que vai passando vais dando um passo à sepultura, por isso não é o mesmo.¹²



Nenhum de nós diz o que pensa. Já faz tempo que se acabou a nossa vontade de falar. Acabou com o calor. Eu mesmo conversaria à vontade em outro lugar, mas aqui dá trabalho. Aqui a gente fala, e as palavras ficam quentes dentro da boca por causa do calor que faz lá fora, e vão se ressecando na língua da gente até a gente ficar sem fôlego.¹³



Eu me viro para todos os lados e olho o planalto imenso. Tanta e tamanha terra para nada. Os olhos da gente derrapam ao não encontrar nada em que se deter.¹⁴

E acabamos virando uns grupinhos tão ralos que ninguém mais tinha medo de nós. Ninguém saía correndo e gritando: “Lá vem o pessoal do Zamora!”

A paz tinha voltado ao Planalto Grande.

Mas não por muito tempo.¹⁵

Havia voltado a paz

Mas não por muito tempo



Que terra nos deram, Melitón? Aqui não tem nem aquele tantinho de terra que o vento ia precisar para fazer um redemoinho.¹⁶





Afuera el viento frío me dice
que al final de todo y todo,
incluso después de la lucha
cuerpo a cuerpo
todos tenemos (o somos a veces
por instantes eternos)
un buraco.

Afuera el viento frío me dice
que al final de todo y todo,
incluso después de la lucha
cuerpo a cuerpo
todos tenemos (o somos a veces
por instantes eternos)
un buraco.



No hay mal que dure cien años ; ni cuerpo que lo resista

Hierba mala nunca muere

El vivo al baile y el muerto al hoyo

Ojo por ojo, diente por diente

El que peca y reza empata

El que calla otorga

Ojos que no ven corazón que no siente

En boca cerrada no entran moscas...



¿Qué más le puedo decir yo?, yo que ando a pedazos, arrastrándome entre recuerdos confusos, míos y de los otros, qué le puedo decir del dolor de una guerra interminable que desde hace tiempo no entiendo y que me heredaron para cargar con sus consecuencias en exilios que tienen nombres de personas amadas, de amigos queridos, que como yo ni saben por qué no quieren volver, queriendo regresar a cado rato, cuando nos ahoga la nostalgia y el desarraigo, a oscuras, entre sueños; cuando la fiesta del mundo se acaba y somos expulsados a la calle desolada de este planeta (que es cualquier parte), ahí vamos, haciendo lo que se llama vivir, esforzándonos, reproduciéndonos, cargando la incertidumbre de lo que se debe hacer y asqueados de tanta cobardía, de nosotros mismos, del olor a impotencia que transpira de nuestros sobacos.

¿Que más le puedo decir?, si esto es un grito mudo, un llanto acalorado en el cuerpo, una incompreensión incrustada en el alma, yo que crecía mientras otros eran asesinados, yo que trabajaba mientras otros no tenían qué comer, que era amada mientras la corrupción gangrenaba el alma de mi gente. Todo tiene su precio, y ellos sabían y pagaban con cajas llenas de dinero. La vida era tan barata que apretar el gatillo contra otro cristiano llegó a costar poca cosa... y todos participábamos de la decadencia. Sólo que le estoy hablando, de algo que cercano; era distante. Nosotros vivíamos a secas y la música del horror acompañaba cada comida, ya nadie la oía y nos íbamos acostumbrando. Yo podría repetir, decir lo dicho, entre llantos y pujos, contar detalles de la barbarie, de las técnicas de la muerte y la tortura, pero eso no me salva. Estaría mintiendo si le dijera que creo que eso me salva. Yo, pobre mortal, suspiro de tiempo en esta terca repetición, salvo el pellejo, y eso, como si fuera poca cosa, me avergüenza. Costumbre, hija de puta, ahí te va este grito sobre la llaga que hiciste en mis pies.



- Dame agua.

- Aquí no hay agua. No hay más que piedras .Aguántate. Y aunque la hubiera no te bajaría a tomar agua. Nadie me ayudaría a subirte otra vez y yo solo no puedo. ¹⁷

Não há mal que dure cem anos; nem corpo que o resista

Erva daninha nunca morre

O vivo no baile e o morto na cova

Olho por olho, dente por dente

O que peca e reza empata

Quem cala consente

O que os olhos não vêem o coração não sente

Em boca fechada não entra mosca...

O que mais posso lhe dizer? Eu, que ando aos pedaços, arrastando-me entre recordações confusas, minhas e dos outros, o que posso lhe dizer da dor de uma guerra interminável que faz tempo que não entendo e que herdei para carregar com suas conseqüências em exílios que tem nomes de pessoas amadas, de amigos queridos, que como eu nem sabem porque não querem voltar, querendo regressar a cada instante, quando nos afoga a nostalgia e o afastamento, na escuridão, entre sonhos; quando a festa do mundo se acaba e somos expulsos à rua desolada deste planeta (que é qualquer parte), aí vamos, fazendo o que se chama viver, esforçando-nos, reproduzindo-nos, carregando a incerteza do que se deve fazer e enojados de tanta covardia de nós mesmos, do fedor da impotência que transpira de nossos sovacos.

Que mais posso dizer? Se isto é um grito mudo, um pranto acalorado no corpo, uma incompreensão incrustada na alma, eu que crescia enquanto outros eram assassinados, eu que trabalhava enquanto outros não tinham o que comer, que era amada enquanto a corrupção gangrenava a alma de minha gente. Tudo tem seu preço, e eles sabiam e pagavam com caixas cheias de dinheiro. A vida era tão barata que apertar o gatilho contra outro cristão chegou a custar pouca coisa... e todos nós participávamos da decadência. Só que estou falando de algo que próximo era distante. Nós vivíamos à secas e a música do horror acompanhava cada comida, já ninguém ouvia e nos íamos acostumando. Eu poderia repetir, dizer o dito, entre prantos e soluços, contar detalhes da barbárie, das técnicas da morte e a tortura, mas isso não me salva. Estaria mentindo se lhe dissesse que acredito que isso me salva. Eu, pobre mortal, suspiro do tempo nesta teimosa repetição, salvo a pele, e isso, como se fosse pouca coisa, me envergonha. Hábito, filho da puta, aí vai este meu grito sobre a chaga que fizeste em meus pés.

- Quero água.

- Aqui não tem água. E aqui só tem pedras. Agüenta. E mesmo que tivesse água, eu não desceria você. Ninguém me ajudaria a subir você de novo, e sozinho não consigo.¹⁷





entonces casi siempre hubo apaciguamiento en los lugares donde yo estuve, eran lugares tranquilos. Pero el hombre no lo era.¹⁸



Tonaya..., Tonaya..., Tonaya ven.

Ahí ta' Tonaya mire, ¿qué pasa Tonaya?, arrímate.¹⁹



-Éste no es ningún camino. Nos dijeron que detrás del cerro estaba Tonaya. Ya hemos pasado el cerro. Y Tonaya no se ve, ni se oye ningún ruido que nos diga que está cerca. (...)

-Me derrengaré, pero llegaré con usted a Tonaya, para que le alivien esas heridas que le han hecho. Y estoy seguro de que, cuando se sienta usted bien, volverá a sus malos pasos. Eso ya no me importa. Con tal que se vaya lejos, donde yo no vuelva a saber de usted (...) He maldecido la sangre que usted tiene de mí. La parte que a mi me tocaba la he maldecido. He dicho: "¡Que se le pudra en los riñones la sangre que yo le dí!" Lo dije desde que supe que usted andaba trajinando por los caminos, viviendo del robo y matando gente... Y gente buena(...) ²⁰



estos personajes se me han grabado y los he tenido que recrear, no pintar como ellos eran, sino que he tenido que revivirlos de alguna forma. Imaginándolos como yo hubiera querido que fueran. Entonces el proceso de creación que sigo en estas cosas, no es propiamente desde la realidad, tomando las cosas de la realidad, sino es imaginándolas.

Lo único que hay de real es la ubicación, ubicando yo el personaje ya le doy yo una cierta realidad aparente y después tengo que inventarle también el modo de hablar, de expresarse; porque ellos no se expresan así.²¹



Ah, pues me estoy muriendo volví a decir yo

Ah! Pues eso sí, le dije,...

Pero eso no es cosa rara le dije, todo lo que nace muere.

Pues no, si se está muriendo, déjenme acabarlo, dije.

No espera, no, dije, déjenme acabarlo, y lo acabo, yo también estoy igual .²²



Estos sujetos aparecieron en nuestro continente desde la época de la conquista con el nombre de encomenderos, y ni las Leyes de Indias ni el fin del coloniaje, ni aun las revoluciones, lograron

então quase sempre tive apaziguamento nos lugares aonde eu estive, eram lugares tranqüilos. Mas o homem não era (...).¹⁸



Tonaya..., Tonaya..., Tonaya vem!

Taí Tonaya, olhe, o que acontece Tonaya? Se achegue.¹⁹



- Isto aqui não é nenhum caminho. Disseram-nos que Tonaya estava atrás do morro. Já passamos o morro. E não aparece Tonaya, nem se ouve um ruído qualquer que nos diga que está perto. (...)



- Eu vou me estropiar inteiro, mas chego a Tonaya com você, para que alguém alivie essas feridas que fizeram no seu corpo. E tenho a mais pura certeza que assim que você estiver se sentindo bem, vai voltar para o mau caminho. Mas isso já não me importa. Com tal de que você vá para longe, onde eu nunca mais tenha notícias (...) Amaldiçoei o sangue que você tem de mim. A minha parte, amaldiçoei: "Que apodreça nos rins dele o sangue que eu lhe dei!" Disse isso assim que fiquei sabendo que você andava traficando pelos caminhos, vivendo do roubo e matando gente... e gente boa(...)"²⁰

estes personagens me foram gravados e tenho precisado recriá-los, não pintar como eles eram, senão precisado revivê-los de alguma forma. Imaginando-os como eu quis que fossem. Então o processo de criação que sigo nestas coisas não é propriamente a partir da realidade, tomando as coisas da realidade, senão imaginando-as.



A única coisa que há de real é a localização, localizando o personagem já lhe dou uma certa realidade aparente e depois tenho que inventar também o modo de falar, de expressar-se; porque eles não se expressam assim.²¹

Ah, estou morrendo, voltei a dizer.

Ah! isso sim, lhe disse,...

Mas isso não é coisa estranha, lhe disse, tudo o que nasce morre.

Se está morrendo, deixe-me acabar com ele, disse.

Não, espera, não, disse, deixe-me acabar com ele, acabo com ele, eu também estou igual.²²



Estes sujeitos apareceram em nosso continente na época da conquista com o nome encomendeiros, e nem as leis das Índias, nem o fim da colonização nem as revoluções conse-



extirpar esa mala yerba. Aún en nuestros días, los hay que son dueños hasta de países enteros, (...) el cacicazgo existía como forma de gobierno siglos antes del descubrimiento(...) de tal suerte que los conquistadores(...) sólo “echaron raspa”, es decir, les fue fácil desplazar al cacique indio para tomar ellos su lugar. Así nació la encomienda y más tarde la hacienda con su secuela de latifundismo o monopolio de la tierra. Ésa es la realidad, sin tapujos ni metáforas ni nada de sueños. Pedro Páramo es un cacique de los que abundan todavía en nuestros países: hombres que adquieren poder mediante la acumulación de bienes y éstos, a su vez, les otorgan un grado muy alto de impunidad para someter al prójimo e imponer sus propias leyes.²³



-La semana venidera irás con el Aldrete. Y le dices que corra el lienzo. Ha invadido tierras de la Media Luna.

-Él hizo bien sus mediciones. A mí me consta.

-Pues dile que se equivocó. Que estuvo mal calculado. Derrumba los lienzos si es preciso.

-¿Y las leyes?

-¿Cuáles leyes Fulgor? La ley de ahora en adelante la vamos a hacer nosotros(...) ²⁴



No hay en ello, pues, ninguna metáfora, si acaso cierta metamorfosis que los convierte, por asociación, en consorcios o en sociedades anónimas al servicio de determinados intereses. En otras palabras, son los representantes del antiguo coloniaje al que aún estamos sometidos.²⁵



Entré. Era una casa con la mitad del techo caída. Las tejas en el suelo. El techo en el suelo. Y en la otra mitad un hombre y una mujer.

-¿No están ustedes muertos?-les pregunté.

Y la mujer sonrió. El hombre me miró seriamente.

-Está borracho- dijo el hombre.

-Solamente está asustado- dijo la mujer.²⁶

guiram extirpar essa erva daninha. Ainda em nossos dias, há alguns que são donos de países inteiros, (...) o cacicazgo existia como forma de governo séculos antes do descobrimento (...) de tal forma que os conquistadores (...) pegaram “a raspa do tacho”, quer dizer, lhes foi fácil deslocar o cacique índio para tomarem seu lugar. Assim nasce a encomienda, e mais tarde a fazenda com sua seqüela de latifundismo, ou monopólio da terra. Essa é a realidade, sem tapumes nem metáforas nem nada de sonho. Pedro Páramo é um cacique dos que abundam ainda em nossos países: homens que adquiriram poder mediante a acumulação de bens, e estes, por sua vez, lhes outorgam um grau muito alto de impunidade para submeter ao próximo e impor suas próprias leis.²³

Semana que vem você vai ver Aldrete. E diz a ele que recolha a cerca. Invadiu terras da Media Luna.

-Ele fez as medições direito. Eu conferi.

-Pois vá lá e diga a ele que se enganou. Que calculou mal. Se for preciso, derruba as cercas.

-E as leis?

-Que leis Fulgor? A lei, de agora em diante, nós é que fazemos (...).²⁴

Não há naquilo, pois, nenhuma metáfora, talvez certa metamorfose que os converte, por associação, em consórcios ou em sociedades anônimas a serviço de determinados interesses. Em outras palavras, são os representantes da antiga colônia aos quais ainda estamos submetidos.²⁵

Entrei. Era uma casa com metade do teto derrubado. As telhas no chão. O teto no chão. E na outra metade um homem e uma mulher.

- Vocês não estão mortos?- perguntei a eles.

E a mulher sorriu. O homem me olhou seriamente.

- Está bêbado - disse o homem.

- Só está assustado - disse a mulher.²⁶



Con la pregunta “¿Están ustedes muertos?” se quiere encontrar una respuesta al por qué las fuerzas del poder, no obstante que opera en todas direcciones, permanecen en la oscuridad. Hay ocasiones en que uno desearía saber dónde se oculta aquello que causa a veces tanto daño. Por ejemplo ignoramos cómo se produce y cunde la pobreza; quién o qué la causa y por qué. Yo no me preguntaría por qué morimos, pongamos por caso; pero sí quisiera saber qué es lo que hace tan miserable nuestra vida. ²⁷



Según mi papá, ellas se habían echado a perder porque éramos muy pobres en mi casa y ellas eran muy rebotadas. ²⁸

Aquí todo va de mal en peor. ²⁹

Por eso le entra la mortificación a mi papá, ahora por la Tacha, que no quiere vaya a resultar como sus otras dos hermanas, al sentir que se quedó muy pobre viendo la falta de su vaca, viendo que ya no va a tener con qué entretenerse mientras le da por crecer y pueda casarse con un hombre bueno, que la pueda querer para siempre. Y eso ahora va a estar difícil. ³⁰

Yo la abrazo tratando de consolarla, pero ella no entiende. Lloro con más ganas. De su boca sale un ruido semejante al que se arrastra por las orillas del río, que la hace temblar y sacudirse todita, y, mientras, la creciente sigue subiendo (...) y los dos pechitos de ella se mueven de arriba abajo, sin parar, como si de repente comenzaran a hincharse para empezar a trabajar por su perdición. ³¹



I.
Ustedes dirán que es pura necesidad la mía,
Que es un desatino lamentarse de la suerte,
Y cuantimás de esta tierra pasmada
donde nos olvidó el destino.

La verdad es que cuesta trabajo aclimatarse al
hambre.

Y aunque digan que el hambre
repartida entre muchos
toca a menos,
lo único cierto es que todos
aquí

Com a pergunta “Vocês estão mortos?” se quer encontrar uma resposta ao porquê das forcas do poder, que, não obstante, operam em todas as direções e permanecem na obscuridade. Há ocasiões em que se desejaria saber onde se oculta aquilo que causa, às vezes, tanto dano. Por exemplo ignoramos como se produz e espalha a pobreza; quem ou o que a causa e porque. Eu não me perguntaria por que morreremos, por exemplo; mas sim gostaria de saber o que é que faz tão miserável nossa vida.²⁷



Segundo papai, elas tinham se perdido porque éramos muito pobres lá em casa e elas eram muito rebeldes.²⁸



Aqui tudo vai de mal a pior.²⁹

Por isso mesmo papai fica mortificado, agora por causa da tacha, que não quer acabar que nem as outras duas irmãs, e sente que ficou muito pobre pela falta da sua vaca, vendo que não vai ter com que se ocupar enquanto espera crescer para conseguir casar com um homem bom que consiga gostar dela para sempre. E agora isso vai ficar difícil.³⁰

Eu a abraço e tento consolá-la, mas não adianta. Ela chora cada vez mais. Da sua boca sai um ruído semelhante ao que se arrasta pelas beiras do rio, faz ela tremer e se sacudir inteirinha, e enquanto isso a enchente continua subindo(...) e os dois peitinhos dela se movem para cima e para baixo, sem parar, como se de repente comessem a inchar para começar a trabalhar pela sua perdição.³¹

I.

Vocês dirão que é pura estupidez a minha,
que é um desatino lamentar-se da sorte,
inda mais desta terra pasma
onde nos esqueceu o destino.



A verdade é que dá muito trabalho se aclimatar à
fome.

E ainda que diga que a fome
repartida entre muitos
vira menos fome,
a única coisa certa é que todos
aqui

estamos a medio morir
y no tenemos ni siquiera
dónde caernos muertos.

Según parece
ya nos viene de a derecho la de malas.

Nada de que hay que echarle nudo ciego a este
asunto.
Nada de eso.
Desde que el mundo es mundo
hemos echado a andar con el ombligo pegado al
espinazo
y agarrándonos del viento con las uñas.

Se nos regatea hasta la sombra,
y a pesar de todo así seguimos:
medio aturdidos por el maldecido sol
que nos cunde a diario a despedazos,
siempre con la misma jeringa,
como si quisiera revivir más el rescoldo.
Aunque bien sabemos
que ni ardiendo en brasas
se nos prenderá la suerte.

Pero somos porfiados.
Tal vez esto tenga compostura.

El mundo está inundado de gente como nosotros,
de mucha gente como nosotros.
Y alguien tiene que oírnos,
alguien y algunos más,
aunque les revienten o reboten nuestros gritos.

No es que seamos alzados,
ni es que le estemos pidiendo limosnas a la luna.
Ni está en nuestro camino buscar de prisa la covacha,
o arrancar pa'l monte
cada vez que nos cuchilean los perros.

Alguien tendrá que oírnos.

estamos em meio morrer
e não temos nem mesmo
onde cair mortos.

Ao que parece
a perversa vem direto para nós.
Nada de dar nó cego a esse
assunto.

Nada disso.
Desde que o mundo é mundo
desandamos a andar com o umbigo grudado no
espinhaço
e nos agarrando ao vento com as unhas.

Nos regateiam até a sombra,
e apesar de tudo continuamos assim:
meio atordoados pelo sol maldito
que nos afunda dia a dia aos pedaços,
sempre com a mesma seringa,
como se o rescaldo quisesse reviver mais.
Embora a gente saiba muito bem
que nem ardendo em brasas
acenderá a nossa sorte.

Mas somos teimosos.
Talvez isto tenha conserto.

O mundo está inundado de gente feito a gente,
de muita gente feito a gente.
E alguém tem que nos ouvir,
alguém e mais alguns,
embora arrebentem ou devolvam nosso gritos.

Não é que sejamos rebeldes,
nem que estejamos pedindo esmola á lua.
Nem está em nosso caminho buscar depressa a
pocilga,
ou arrancar para a montanha
cada vez que os cães nos esfaqueiem.

Alguém terá que nos ouvir.

Cuando dejemos de gruñir como avispas en
enjambre,
o nos volvamos cola de remolino,
o cuando terminemos por escurrirnos sobre la tierra
como un relámpago de muertos
entonces
tal vez llegue a todos el remedio. ³²



Vivimos en una tierra en que todo se da,
gracias a la providencia; pero todo se da con
acidez.
Estamos condenados a eso.
-Tiene usted razón, señor cura.
Allá en Comala he intentado sembrar uvas.
No se dan.
Sólo crecen arrayanes y naranjos;
naranjos agrios y arrayanes agrios.
A mí se me ha olvidado el sabor de las cosas
dulces. ³³



Déjenme cantar, en nombre de mi amigo,
La canción de mi amigo por su viña.

Una viña tenía mi amigo
en una loma fértil.
La cavó quitando las piedras
y plantó cepas escogidas.
En medio de ella construyó una torre
y también hizo un lagar.
Él esperaba que produjera uvas,
pero sólo se dio frutos amargos.

Acérquense, habitantes de Jerusalén,
y hombres de Judá:
juzguen ahora entre mi viña y yo.
¿Qué otra cosa pude hacer de mi viña
que no se la hice?
¿Por qué, esperando que diera uvas,
sólo ha dado racimos amargos?

Quando deixarmos de roncar feito vespas em
exame,
ou nos volvermos cauda de redemoinho,
ou quando terminamos por escorrer sobre a terra
como um relâmpago de mortos,
então
talvez chegue a todos o remédio.³²

Vivemos em uma terra que tudo dá,
graças à Providência; mas tudo dá com aci-
dez.
Estamos condenados a isso.
- Tem razão, senhor cura.
Lá em Comala tentei plantar uvas.
Não dão.
Por lá só cresce goiaba e laranja;
Laranjas amargas e goiabas amargas.
Eu já me esqueci do sabor das coisas doces.³³



Cantarei em nome de meu amigo
um canto de amor para sua vinha.

O meu amigo possuía uma vinha
em fértil colina.
Capinou a terra, tirou as pedras
e plantou nela videiras de uvas vermelhas.
No meio, construiu uma guarita
e fez um tanque de pisar uvas.
Esperava que produzisse uvas boas,
Mas ela produziu uvas azedas.



E agora moradores de Jerusalém
E homens de Judá, eu lhes peço:
julguem entre mim e a minha vinha.
O que mais eu deveria ter feito pela minha vinha,
que não fiz?
Por que esperei que desse uvas boas,
e ela me deu uvas azedas?

Déjenme que les diga
Lo que voy a hacer con mi viña
Le quitaré la cerca,
y no será más que maleza para el fuego;
derribaré el muro, y pronto será pisoteada.
La convertiré en un lugar devastado,
no se podará ni se limpiará más,
sino que crecerán en ella la zarza y el espino
y les mandaré a las nubes
que no dejen caer más lluvias sobre ella

La viña de Yavé de los Ejércitos es el pueblo de Israel,
Y los hombres de Judá, su plantación escogida.
Él esperaba rectitud,
y va creciendo el mal;
esperaba justicia,
y sólo se oye el grito de los oprimidos.

¡Pobres de aquellos que, teniendo una casa,
compraron el barrio poco a poco!
¡Pobres de aquellos que juntan campo a campo!
¡Así que ustedes se van a apropiarse de todo
Y no dejarán nada para los demás!
(Isaías 5,1-8)

II.



Cola de relámpago,
remolino de muertos.
Con el vuelo que llevan,
poco les durará el esfuerzo.
Tal vez acaben deshechos en espuma
o se los trague este aire lleno de cenizas.

Y hasta pueden perderse
yendo a tientas
entre la revuelta oscuridad.

Al fin y al cabo ya son puro escombros.
El alma se ha de haber partido
de tanto darle potreonos a la vida.

Pois agora, vou dizer-lhes
o que farei com minha vinha:
vou arrancar a sua cerca para que sirva de pasto;
derrubarei o seu muro para que seja pisada.
Vou fazer dela um matagal:
ficará sem podar e nem capinar,
só mato e espinhos carecerão nela;
e às próprias nuvens
eu mandarei que não chovam sobre ela.

A vinha de Javé dos exércitos é a casa de Israel,
e sua plantação preferida são os homens de Judá.
Eu esperava deles o direito,
e produziram injustiça:
esperava justiça, e aí estão gritos de desespero!

Ai daqueles que juntam casa com casa
e emendam campo a campo,
até que não sobre mais espaço
e sejam os únicos a habitarem no meio do país.
(Isaías 5,1-8)

II.

Cauda de relâmpago,
redemoinho dos mortos.
Com o vôo que levam,
pouco lhes durará o esforço.
Talvez acabem desfeitos em espuma
ou os trague este ar cheio de cinza.

E até podem se perder
indo tateando
entre a revolta escuridão.

Ao fim e a cabo já são puro escombros.
A alma se haverá partido
de tanto tropeçar na vida.



Puede que se acalambren
entre las hebras heladas de la noche.
O el miedo los liquide
borrándoles hasta el resuello.

San Mateo amaneció desde ayer con la cara ensombrecida
Ruega por nosotros
Ánimas benditas del purgatorio.
Ruega por nosotros
Tan alta que está la noche y ni con qué velarlos.
Ruega por nosotros

Santo Dios, Santo Inmortal.
Ruega por nosotros
Ya están todos pachiches de tanto que el sol
les ha sorbido el jugo.
Ruega por nosotros
Santo san Antoñito
Ruega por nosotros
Atajo de malvados, retahíla de vagos.
Ruega por nosotros
Cáfila de bandidos
Ruega por nosotros
Al menos éstos ya no vivirán calados por el hambre. ³⁴

Ruega por nosotros.

Por nosotros.

Por nosotros.

Soy la hija de Esperanza, hermana de Consuelo;
y eso;
a veces
es mucho para una sola persona.

Pode ser que tenham câimbra
entre os fios gelados da noite.
Ou o medo os liquide
Apagando-lhes até o fôlego.

São Mateus amanheceu desde ontem com a cara sombreada
Rogai por nós
Animas benditas do purgatório.
Rogai por nós
Tão alta está a noite e não há com o que velá-los.
Rogai por nós
Santo Deus, Santo Imortal.
Rogai por nós
Já estavam todos desidratados de tanto que o sol
lhes tinha sugado o suco.
Rogai por nós
Santo são Antoninho
Rogai por nós
Réstia de malvados, ladainha de vagabundos.
Rogai por nós
Cáfila de bandidos
Rogai por nós
Ao menos estes já não viverão escaldados pela fome.³⁴

Rogai por nós.

Por nós.

Por nós.

Sou a filha de Esperanza, irmã de Consuelo;
e isto,
de vez em quando,
é muito para uma pessoa só.





Dónde estás, a estas horas perdidas en que te ando
buscando con los brazos extendidos
en la penumbra de este
tiempo infinito de la espera...

Ven que mis brazos no quieren saber sino de tu
cuerpo, y mis besos
quieren soletrar tu nombre en la oreja
del cielo
junto a la estrella loca y brillante
de lo que se siente
cuando se te tiene cerca...

Ven rápido, y trae tus manos y tus ojos,
para estar con ellos algunas horas,
y ver si ellos me dicen eso que tu no pronuncias
y que mi alma apretada necesita.

Aonde estás, nestas horas perdidas em que ando te
buscando com os braços abertos
na penumbra deste
tempo infinito da espera...

Vêm que meus braços não querem saber senão do teu
corpo, e meus beijos
querem soletrar teu nome na orelha
do céu
junto à estrela louca e brilhante
do que se sente
quando te têm perto...

Vem rápido, e traz tuas mãos e teus olhos,
para estar com eles algumas horas,
e ver se eles me dizem isso que tu não pronuncias
e que minha alma apertada precisa.





Quisiera yo andar allí en la chinga. ³⁵

De la suerte y la muerte,
no se escapa ninguno,
por grande que sea el mundo
nadie puede esconderse.

Un caso particular
fué el que a mí me sucedió
la muerte me amenazó,
como queriéndome llevar.

Me mostró una circular y en la lista estaba yo.

Y yo lo tomé fue a juego,
eso no me causó susto,
le dije yo estoy muy nuevo
y no quiero ser difunto.

No ruegue que me lo llevo
yo mis misiones las cumplo.

Le tengo apartado el cupo donde están los parranderos.

19 de Enero del año 87
fue el problema más serio
que tuve con la muerte.

Por cierto fue un día domingo
que estaba tranquilo yo
en un pequeño descuido
la muerte me amenazó

Enseguida me asecho
para tirarme al peligro

pero no pudo conmigo
porque el tiro le falló
ahora vivo aprehendido
por si rencor le quedó. ³⁶

Eu gostaria de andar ali na sacanagem.³⁵



Da sorte e da morte,
não se escapa nenhum,
por grande que seja o mundo
ninguém pode se esconder.

Um caso particular
Foi o que me aconteceu
a morte me ameaçou,
como que querendo me levar.

Mostrou-me uma circular e na lista estava eu.

E eu achei que estivesse de brincadeira,
isso não me assustou,
lhe disse estou muito novo
e não quero ser defunto.

Não rogue que eu o levo
eu cumpro minhas missões.

Tenho-lhe reservado uma vaga onde estão os festeiros.

19 de Janeiro do ano 87
foi o problema mais sério
que tive com a morte.

Certamente foi um dia domingo
que eu estava tranquilo
em um pequeno descuido
a morte me ameaçou

Em seguida me trapaceou
para me jogar no perigo

Mas não pôde comigo
porque o tiro lhe falhou
agora vivo prevenido
Vai que o seu rancor tenha ficado.³⁶



Éste mundo,
por que de preciso no hay otro,
yo creo que no hay otro igual a éste. Según yo creo y pienso, que no habrá otro; dicen
que hay pero yo no lo creo, porque pues, ¡Quién sabe cómo será la cosa!, pero uno no se
cansa de vivir, aunque esté enfermo, aunque esté pobre, aunque esté como esté.

Lo mismo es el pobre que el rico, no más que el rico se da otra vida y el pobre pos
también. Que tal yo fui pobre todo el tiempo no más que yo gasté centavos y fui parrande-
ro, y mujerero como dice uno, pero todo se acaba, se acaba el humor, se acaba todo; pero
no hay otra vida que sea tan bonita como la primera que es este mundo. ³⁷



Y él me siguió mirando con esos ojos perdidos.

Este mundo,
por que na verdade não há outro,
eu acredito que não haja outro igual a este. Segundo o que acredito e penso, não
haverá outro; dizem que há, mas eu não acredito. Quem sabe como será a coisa! Mas nin-
guém se cansa de viver, mesmo que esteja doente, mesmo que esteja pobre, mesmo que
esteja como está.



A mesma coisa é o pobre e o rico, só que o rico se dá uma vida e, o pobre, outra. Que
tal eu, fui pobre o tempo todo, não gastei mais que centavos e fui festeiro e mulherengo
como se dizem, mas tudo se acaba, acaba-se o humor, acaba-se tudo; mas não tem outra
vida que seja tão bonita como a primeira que é este mundo.³⁷

E ele seguiu me olhando com seus olhos perdidos.



CRUZ DE ALGARROBA

Cruz de Mezquite



FORMAÇÃO ROCHOSA

formación rocosa



PLANALTO COM PASTOR E OVELHAS
llano con pastor y ovejas



ATOR DE “A ESCONDIDA” ENTRE MAGUEYES
actor de La Escondida entre magueyes



MULHER E CACTOS AO PÉ DO PENHASCO BERNAL
mujer y cactus al pie de la Peña Bernal

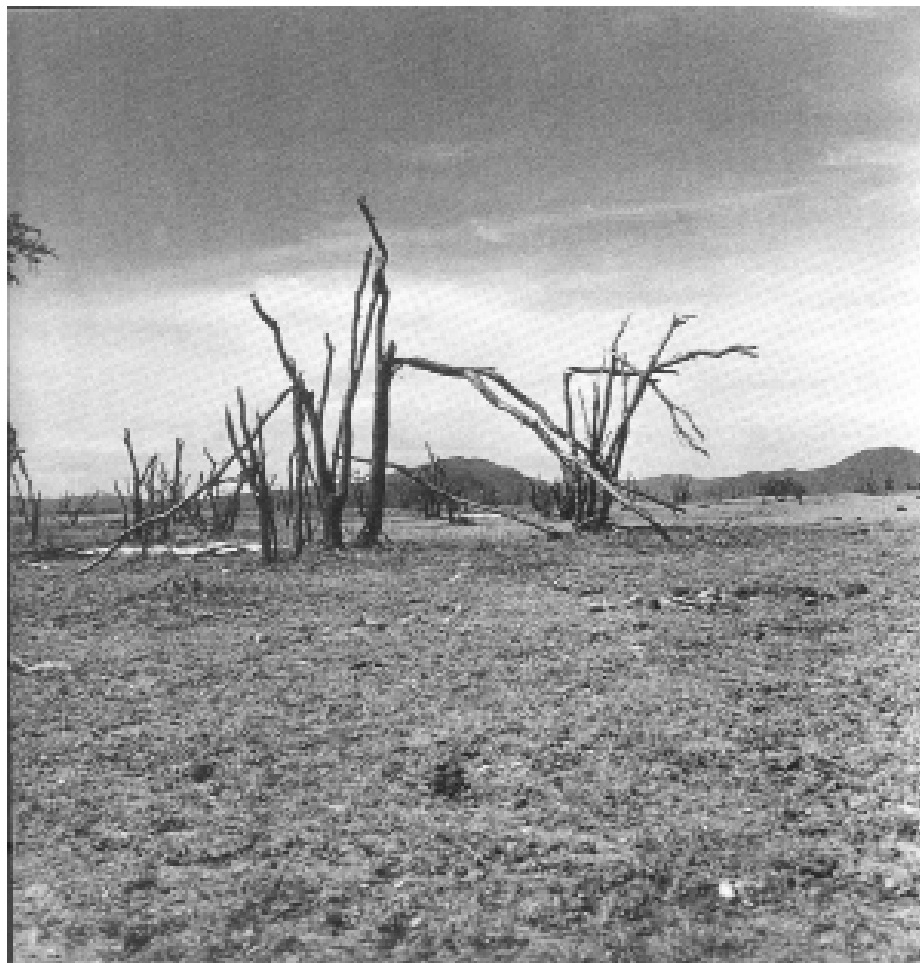


MURO EM RUÍNAS

muro en ruínas



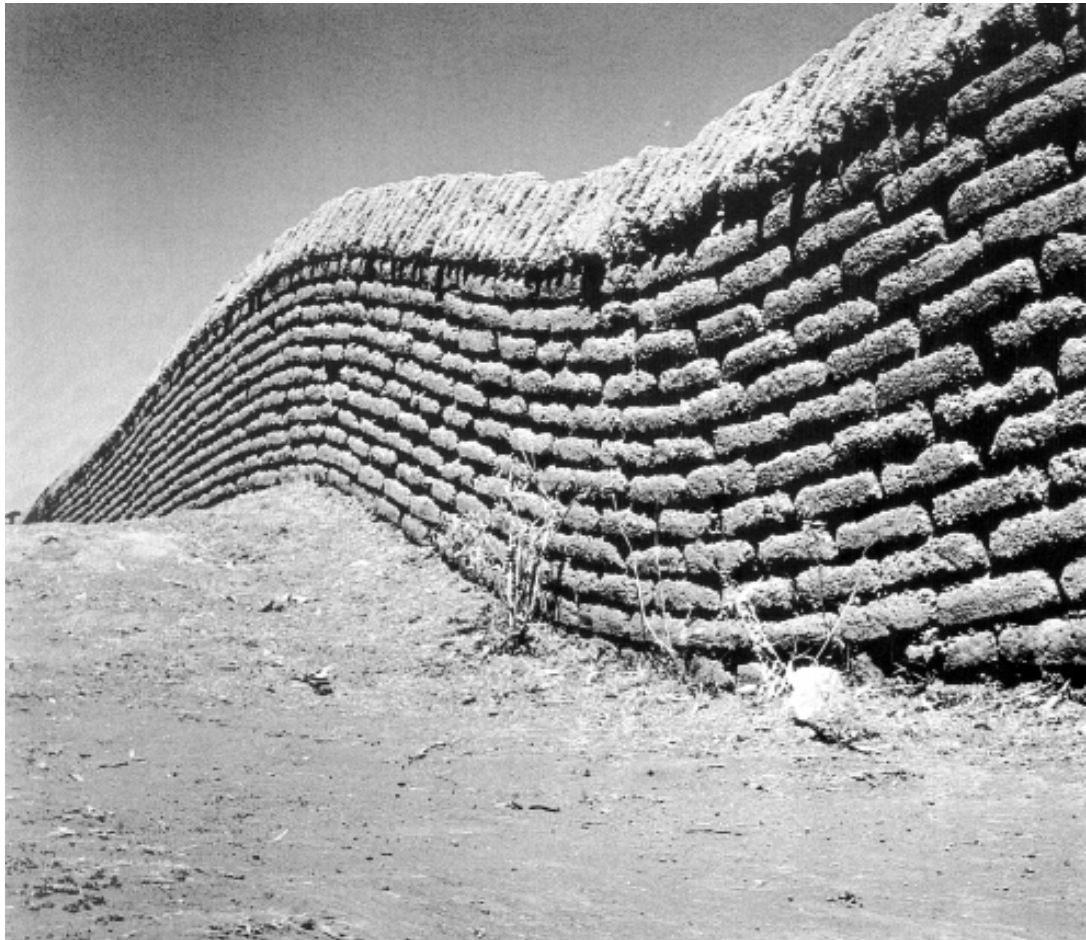
O PLANALTO GRANDE
el Llano Grande



CERCA ESTICADA EM UM CAMPO VERDE

barda estirada en un campo verde

“La cerca de piedra culebreada mucho al subir y bajar por las lomas, y ellos, La Perra y los Cuatro, iban también culebreando como los pies trabados” (El Llano en llamas)



MULHERES E BANDA EM LA ESCONDIDA
mujeres y banda musical en La Escondida



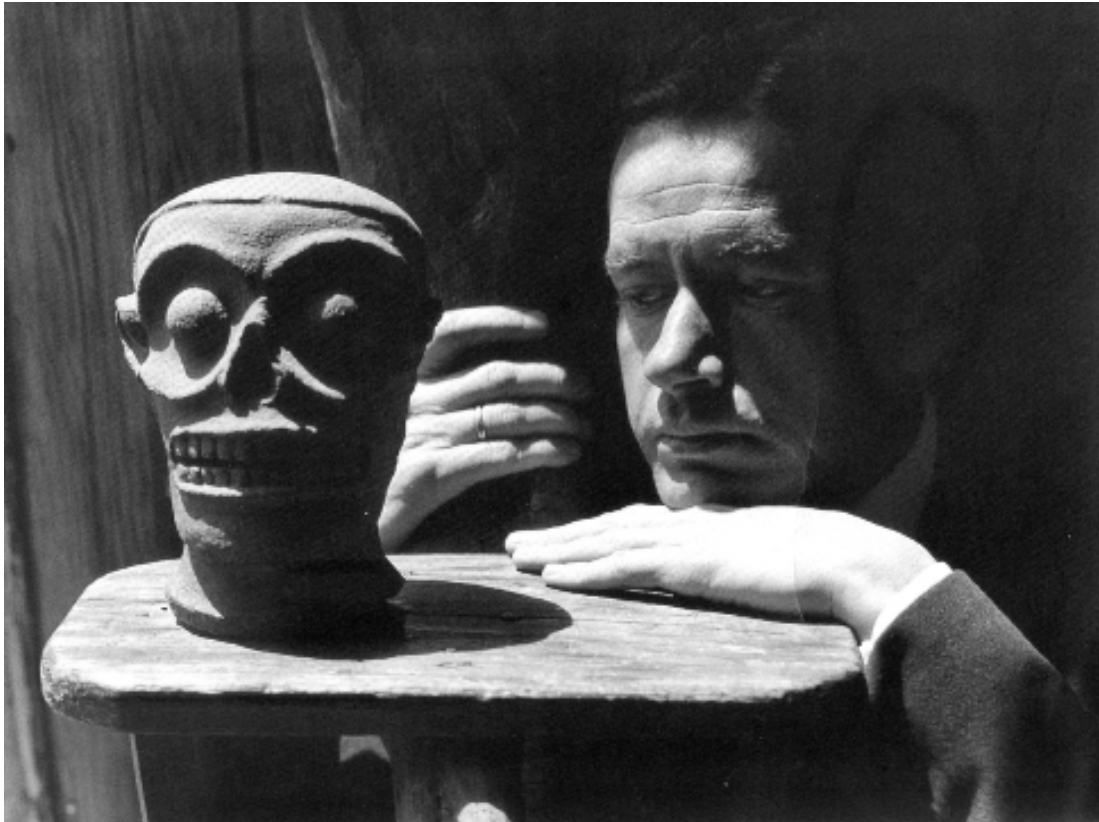
CRUZ DE ALGAROBÁ
cruz de mezquite



CLARA RULFO E CLAUDIA
Clara Rulfo y Claudia



JUAN RULFO COM MÁSCARA
Juan Rulfo con máscara



I AM HURRY BECAUSE FINISHED ME
THE INK

Eu estou apressado porque acabou a tinta
Yo estoy afanado porque se me acabó la tinta



Si pudiera
mataría
clavando una palabra,
un grito,
ahí.

igual a todas esas personas
que sólo cuentan los días para comer;
respiras y cagas.

Éste mi odio es tan verdadero
que sólo puede ser comparado
con tu mediocridad,
y con mi deseo.

Se pudesse
cravar uma palavra,
um grito,
ali.



igual a todas estas pessoas
que só contam os dias para comer;
respiras e cagas.

Este meu ódio é tão verdadeiro
que só pode ser comparado
com tua mediocridade,
e com meu desejo.



Desde que te conozco, hay un eco en cada rama que repite tu nombre; en las ramas altas, lejana; en las ramas que están junto a nosotros, se oye.

Se oye como si despertáramos de un sueño en el alba.
Se respira en las hojas, se mueve como se mueven las gotas del agua.

Clara: corazón, rosa, amor...
Junto a tu nombre el dolor es una cosa extraña.
Es una cosa que nos mira y se va, como se va la sangre de una herida; como se va la muerte de la vida.
Y la vida se llena con tu nombre. Clara, claridad esclarecida.

Yo pondría mi corazón entre tus manos sin que él se revelara.
No tendría ni así de miedo, porque sabría quién lo tomaba.
Y un corazón que sabe y que presiente cuál es la mano amiga, manejada por otro corazón no teme nada.
¿Y qué mejor amparo tendría él, que esas tus manos, Clara?

He aprendido a decir tu nombre mientras duermo. Lo he aprendido a decir entre la noche iluminada.
Lo han aprendido ya el árbol y la tarde...
y el viento lo ha llevado hasta los montes y lo ha puesto en las espigas de los triguales. Y lo murmura el río...

Clara:
Hoy he sembrado un hueso de durazno en tu nombre.

Guadalajara 10/44
juan rulfo ¹

Desde que te conheço, há um eco em cada galho que repete teu nome; nos galhos altos, distantes; nos galhos que estão juntos a nós, escuta-se.



Ouve-se como se acordássemos de um sonho na alvorada.
Respira-se nas folhas, se move como se movem as gotas da água.

Clara: coração, rosa, amor...

Junto a teu nome a dor é uma coisa estranha.

É uma coisa que nos mira e vai embora, como se vai o sangue de uma ferida; como se vai a morte da vida.

E a vida se enche com teu nome. Clara, claridade esclarecida.

Eu colocaria meu coração entre tuas mãos sem que ele se revelasse.

Não teria nenhum pouco de medo, porque saberia quem o tomava.

E um coração que sabe e que pressente qual é a mão amiga conduzida por outro coração não teme nada.

E que melhor amparo teria ele, que estas tuas mãos, Clara?

Aprendi a dizer teu nome enquanto durmo. Aprendi a dizê-lo entre a noite iluminada.

Já o aprendeu a árvore e a tarde...

E o vento o levou até os montes e colocou-o nas espigas dos trigais. E o rio o murmura...

Clara:

Hoje plantei um caroço de pêssego em teu nome.

Guadalajara 10/44

juan rulfo¹



Pensaba en ti Susana. En las lomas verdes. Cuando volábamos papalotes en la época del aire. ²



¿Recuerdas Juan cuando nos íbamos al campo?, tú me llevabas, camine y camine. Yo ya cansada te decía, ¿Hasta dónde Juan? Hasta allá. Lejos, lejos.

¿Ves aquél árbol?, Hasta allá vamos a llegar.

Yo volteaba y no veía nada, no veía árbol, no veía nada. ¡Hay no!, yo hasta aquí llego. ³



...y dime que tú no me vas a olvidar aunque sea nunca... ⁴



No recuerdo esta calle.

No recuerdo esta calle Juan. No sé.

No recuerdo la calle. Mejor luego que me acuerde porque no me acuerdo.

No recuerdo. Hay ahí, en el leterito.

Aquí estoy. Volviendo a recordar. ⁵



- En el mar sólo me sé bañar desnuda- le dije. Y él me siguió el primer día, desnudo también, fosforescente al salir del mar. No habían gaviotas; sólo esos pájaros que les dicen “picos feos”, que gruñen como si roncaran y que después que sale el sol desaparecen. Él me siguió el primer día y se sintió solo, a pesar de estar yo allí.

- Es como si fueras un “pico feo”, uno más entre todos –me dijo-. Me gustas más en las noches, cuando estamos los dos en la misma almohada, bajo las mismas sábanas, en la oscuridad.

Y se fue.

Volví yo. Volvería siempre. El mar moja mis tobillos y se va, moja mis rodillas, mis muslos, rodea mi cintura con su brazo suave, da vuelta sobre mis senos, se abraza de mi cuello; aprieta mis hombros. Entonces me hundo en él. Entera. Me entrego a él en su fuerte batir, en su suave poseer, sin dejar pedazo.

-Me gusta bañarme en el mar- le dije.

Pero él no comprende.

Y al otro día estaba otra vez en el mar, purificándome. Entregándome a sus olas. ⁶



- Estás otra vez soñando mentiras, Susana. ⁷



...Estoy aquí muy a gusto, vagando día y noche como un loco al que de pronto se le ocurre que existen otros lugares y otra vida, donde habita gente que quizás tiene problemas como los nuestros o mayores que los nuestros... ⁸

Pensava em você, Susana. Nas colinas verdes. Quando soltávamos pipas na época do vento.²

Recordas, Juan, quando nós íamos ao campo?, tu me levavas,
caminhe e caminhe. E eu já cansada te dizia
Até onde Juan?
Até lá. Longe, longe.
Vês aquela árvore? Vamos chegar até lá.
Eu voltava e não via nada, não via árvore, não via nada.
Ai não!, Eu chego até aqui.³

...e me diz que você não vai me esquecer, mesmo que seja nunca...⁴

Não me lembro desta rua.
Não me lembro desta rua Juan. Não sei.
Não me lembro da rua. Melhor depois que me lembrar, porque não me lembro.
Não recordo. Ai!, ali, na plaquinha.
Aqui estou. Voltando a lembrar.⁵

- No mar só sei me banhar nua - disse a ele. E ele me seguiu no primeiro dia, nu também, fosforescente ao sair do mar. Não havia gaivotas; só esses pássaros que se chamam de “bicos feios”, esses tucanos grunhem como se roncassem e depois que o sol sai desaparecem. Ele me seguiu no primeiro dia e sentiu-se só, apesar de estar eu ali.

- É como se você fosse um “bico feio”, um mais entre todos – me disse - Gosto mais de você nas noites, quando estamos os dois no mesmo travesseiro, debaixo dos lençóis, na escuridão.

E se foi.

Eu voltei. Voltaria sempre. O mar molha meus tornozelos e vai embora; molha meus joelhos, minhas coxas; rodeia minha cintura com seu braço suave, dá volta sobre meus seios; se abarca ao meu pescoço; aperta meus ombros. Então me afundo nele, inteira. E me entrego a ele em seu bater forte, em seu suave possuir; sem deixar pedaço.

- Gosto de tomar banho no mar - disse a ele.

Mas ele não entende.

E no outro dia estava outra vez no mar, me purificando. Entregando-me às suas ondas.⁶

Você está de novo sonhando mentiras, Susana.⁷

...Estou aqui muito à vontade, vagando dia e noite como um louco, ao que de repente lhe ocorre que existem outros lugares e outra vida, aonde habita gente que talvez tenha problemas como os nossos ou maiores que os nossos...⁸





Clara le preguntó años después sobre Susana. ¿Qué le contaba sobre ella? ¡Ah! Rulfo le dijo que de niño todas las mañanas se le aparecía frente a la ventana y lo invitaba a jugar. Él se sentía feliz y se acostumbró a verla. Pero un día, ya no pasó y él fue y le preguntó a su madre si no había visto a la niña que venía todos los días a jugar. ¿Una niña hijo?, le preguntó su mamá. Yo no he visto a ninguna niña venir por aquí.⁹



...Una vez vinieron los Reyes Magos y le trajeron un libro lleno de monitos donde se contaban historias de piratas que corría las tierras y los mares más raros que tú o yo hayamos visto. Desde entonces no tuvo otro quehacer que estarse leyendo aquella clase de libros donde él encontrara un relato parecido al de sus sueños. Se volvió muy flojo. Porque a todos los que les gusta leer mucho, de tanto estar sentados, les da flojera hacer cualquier otra cosa. Y tú sabes que el estarse sentado y quieto le llena a uno la cabeza de pensamientos. Y esos pensamientos viven y toman las formas extrañas y se enredan de tal modo que, al cabo del tiempo, a la gente que eso le ocurre se vuelve loca (...) Pero hay algo más. Al muchacho este del cuento que te estoy contando lo salvó la campana en aquella ocasión. Se le murieron sus papás. Casi los dos al mismo tiempo. Y lo dejaron pobre. Eso fue lo que lo salvó...¹⁰



Tenía sangre por todas partes. Y al enderezarme chapiotié con mis manos la sangre regada en las piedras. Y era mía. Montonales de sangre. Pero no estaba muerto. Me di cuenta. Supe que don Pedro no tenía intenciones de matarme. Sólo de darme un susto. Quería averiguar si yo había estado en Vilmayo dos meses antes. El día de San Cristóbal. En la boda. ¿En cuál boda? ¿En cuál San Cristóbal? Yo chapoteaba entre mi sangre y le preguntaba: ¿En cuál boda don Pedro? No, no don Pedro, yo no estuve. Si acaso, pasé por allí. Pero fue por casualidad... Él no tuvo intenciones de matarme. Me dejó cojo, como ustedes ven, y manco si ustedes quieren. Pero no me mató. Dicen que se me torción un ojo desde entonces, de la mala impresión. Lo cierto es que me volví más hombre. El cielo es grande. Y ni quien lo dude.

-¿Quién será?

-Ve tú a saber. Alguno de tantos. Pedro Páramo causó tal mortandad después que le mataron a su padre, que se dice casi acabó con los asistentes a la boda en la cual don Lucas Páramo iba a fungir como padrino. Y eso que a don Lucas nomás le tocó de rebote, porque al parecer la cosa era contra el novio. Y como nunca se supo de dónde había salido la bala que le pegó a él, Pedro Páramo arrasó parejo.¹¹



... Ayer pensé en ti y antier y antes de antier y todos estos días. Además, pensé lo bueno que sería yo si encontrara el camino hacia el durazno de tu corazón; lo pronto que se le acabaría la maldad a mi alma y lo despiadado. ¿No te he contado alguna vez lo despiadado que soy? Pues sí, Kiko, yo odio mucho al

Clara lhe perguntou anos depois sobre Susana. O que lhe contava sobre ela? Ah! Rulfo lhe disse que, quando era criança, todas as manhãs lhe aparecia frente à janela e o convidava a brincar. Ele sentia-se feliz e acostumou-se a vê-la. Mas um dia, não aconteceu e ele foi e perguntou a sua mãe se não tinha visto a menina que vinha todos os dias a brincar. Uma menina filho?, Perguntou-lhe sua mãe. Eu não vi nenhuma menina vir aqui.⁹



...Uma vez vieram os Reis Magos e lhe trouxeram um livro cheio de desenhinhos aonde se contavam histórias de piratas que corriam as terras e os mares mais raros que você e eu tenhamos visto. Desde então não teve outro afazer além de ler aquele tipo de livros aonde ele encontrava um relato parecido ao de seus sonhos. Volveu-se muito frouxo. Porque a todos os que gostam de ler muito, de tanto estar sentados, lhes dá moleza de fazer qualquer outra coisa. E você sabe que ficar sentado e quieto enche a cabeça de pensamentos. E estes pensamentos vivem e tomam formas esquisitas e se enredam de tal modo que, ao cabo do tempo, as pessoas a quem isto acontece ficam malucas (...) Mas tem mais. O rapaz, aquele do conto que estou lhe contando, foi salvo pelo gongo: morreram seus pais. Quase os dois ao mesmo tempo. E o deixaram pobre. Isto foi o que o salvou...¹⁰



Tinha sangue por tudo que é lado. E ao me levantar chafurdei com minhas mãos no sangue regado nas pedras. E era meu. Montões de sangue. Mas eu não estava morto. Reparei. Soube que dom Pedro não tinha intenção de me matar. Só de me dar um susto. Queria averiguar se eu tinha estado em Vilmayo dois meses antes. No dia de São Cristóvão. No casamento. Qual casamento? Que São Cristóvão? Eu chafurdava no meu sangue e perguntava a ele: “Em qual casamento, dom Pedro?” Não, não, dom Pedro, eu não fui. Pode até ser que, por acaso, eu tenha passado por lá. Mas foi coincidência... Ele não teve intenção de me matar. Fiquei manco, desse jeito que vocês vêem, e até maneta, se vocês quiserem. Mas não me matou. Dizem que desde então fiquei com um olho torto, por causa da impressão. Mas a verdade é que virei mais homem. O céu é grande. Não tem como duvidar disso.



- Quem será?

- Vai saber... Um de tantos. Pedro Páramo causou tamanha mortandade depois que mataram seu pai, que se fala por aí que ele acabou com quase todos os que estavam no casamento em que dom Lucas Páramo ia ser padrinho. E isso que dom Lucas foi pego meio que sem querer, porque parece que a coisa toda era contra o noivo. E como nunca se soube de onde tinha saído a bala que acertou nele, Pedro Páramo arrasou por baixo.¹¹

... Ontem pensei em você e anteontem e antes de anteontem e todos estes dias. Além disso, pensei o bem que seria para mim se eu encontrasse o caminho para o pêssego de seu coração; rapidamente iria se terminar a maldade da minha alma e a falta de piedade. Não te contei uma vez a falta de piedade que eu tenho? Pois sim, Kiko, eu odeio muito o mundo



mundo y mi odio es constante... ¹²



Bueno, pero me parece que me he desviado mucho de su pregunta. A ver, cómo iba la cosa...

Ah, sí. No creo que sea incongruente Pedro Páramo con su modo de pensar hacia el final de su vida. El amor hacia Susana San Juan era lo único limpio en aquella existencia tan trafagueada. Susana pesaba más en su conciencia que sus crímenes, los cuales sólo habían sido un instrumento para alcanzar el poder. A esas alturas ya no tenía poder ninguno, estaba como quien dice en el umbral de la eternidad. Así era. La prueba está en que no pudo impedir que su pena se convirtiera en jolgorio para los demás. Castigó al pueblo, es cierto, con la ruina y la miseria; pero qué más se podía esperar de un hombre miserable como él. En cambio Susana San Juan era el único símbolo de redención que le quedaba, la única forma tangible y hermosa por la cual hizo tantas atrocidades. Ella significaba su perdón, así que al perderla se sintió el más desventurado de los seres humanos. ¿O no cree usted que para algunas personas ciertas mujeres son como un trasunto del cielo, y quizá el cielo mismo? Así veo yo las cosas. ¹³



...Bueno, se bebió, se comió y se dijeron muchas barbaridades, que no te cuento porque te pondrías coloradita. Y como te iba diciendo me acordé de ti mucho y ya no hallaba a quién contarle que tu vivías sobre la tierra y que comías y dormías y no eras ningún fantasma ni ninguna alucinación mía... ¹⁴



-¿Eres tú la que ha dicho todo eso, Dorotea?
-¿Quién, yo? Me quedé dormida un rato. ¿Te siguen asustando?
- Oí a alguien que hablaba. Una voz de mujer. Creí que eras tú.
-¿Vos de mujer? ¿Creíste que era yo? Ha de ser la que habla sola. La de la sepultura grande. Doña Susanita. Esta aquí enterrada a nuestro lado. Le ha de haber llegado la humedad y estará removiéndose entre el sueño. ¹⁵

e o meu ódio é constante...¹²

Bom, mas parece-me que eu tenho desviado muito da sua pergunta. Vamos ver, como é que ia a coisa...

Ah, sim. Não acredito que Pedro Páramo seja incongruente com seu modo de pensar no final da sua vida. O amor pela Susana San Juan era a única coisa límpida naquela existência tão batida. Susana pesava mais em sua consciência que seus crimes, os quais só tinham sido um instrumento para alcançar o poder. A estas alturas já não tinha poder nenhum, estava, como se diz, no umbral da eternidade. Assim era. A prova está em que não conseguiu impedir que sua pena se convertesse em farra para os demais. Castigou o povoado, é verdade, com a ruína e a miséria; mas o que podia se esperar de um homem miserável como ele? Pelo contrário, Susana San Juan era o único símbolo de redenção que lhe restava, a única forma tangível e formosa pela qual fez tantas atrocidades. Ela significava seu perdão, por isso que, ao perdê-la, se sentiu o mais desventurado dos seres humanos. Você não crê que para algumas pessoas, certas mulheres são como um pedaço do céu, e talvez o céu mesmo? Assim eu vejo as coisas.¹³

... Bem, bebeu-se, comeu-se e falou-se muitas barbaridades, que não te conto porque ficarias corada. Como ia te dizendo me lembrei de ti muito e não achava a quem lhe contar que tu vivias sobre a terra e que comias e dormias e não eras nenhum fantasma nenhuma alucinação minha...¹⁴

- Foi você que disse tudo isso, Dorotea?
- Quem, eu? Adormeci um pouco. Continuam assustando você?
- Ouvi alguém falando. Uma voz de mulher. Achei que era você.
- Voz de mulher? Achou que era eu? Deve ser a que fala sozinha. A da sepultura grande. Dona Susanita. Esta enterrada aqui, ao nosso lado. A umidade deve ter chegado até ela, que está revirando no meio do sono.¹⁵





...Mayecita:

Ellos no pueden ver el cielo. Viven sumidos en la sombra, hecha más oscura por el humo. Viven ennegrecidos durante ocho horas, por el día o por la noche, constantemente, como si no existiera el sol ni nubes en el cielo para que ellos las vean, ni aire limpio para que ellos lo sientan. Siempre así incansablemente, como si sólo hasta el día de su muerte pensarán en descansar. Te estoy platicando lo que pasa con los obreros en esta fábrica, llena de humo y de olor a hule crudo. Y quieren todavía que uno los vigile, como si fuera poca la vigilancia en que los tienen unas máquinas que no conocen la paz de la respiración. Por eso creo que no resistiré mucho a ser esa especie de capataz que quieren que yo sea. Y sólo el pensamiento de trabajar así me pone triste y amargado. ¹⁶



- Este mundo, que lo aprieta a uno por todos lados, que va vaciando puños de nuestro polvo aquí y allá, deshaciéndonos en pedazos como si rociara la tierra con nuestra sangre. ¿Qué hemos hecho? ¿Por qué se nos ha podrido el alma? Tu madre decía que cuando menos nos queda la claridad de Dios. Y tú la niegas. Susana. ¿por qué me niegas a mí como tu padre? ¿Estás loca?

-¿No lo sabías?

-¿Estás loca?

-Claro que sí. Bartolomé ¿No lo sabías? ¹⁷



....Clara, vida mía, me hace falta tantita de tu bondad, porque la mía está endurecida y echada a perder de tanto andar solo y desamparado (...) yo soy un desequilibrado de amor y tú no, ahora lo sé y sé también que por eso me gustas así, porque eres como la brisa suave de una noche tranquila (...) Aquí está haciendo de las tuyas el frío; pero yo estoy enamorado y a los enamorados no nos hace fuerza nada. Quisiera poder contarte más cosas de esto y de aquello, pero soy muy flojo para escribir y lo hago muy mal. Ojalá se componga el tiempo y vuelva la inspiración... ¹⁸



- No creas. Él la quería. Estoy por decir que nunca quiso a ninguna mujer como a ésa. Ya se la entregaron sufrida y quizá loca. Tan la quiso, que se pasó el resto de sus años aplastado en un equipal, mirando el camino por donde se la habían llevado al camposanto. Le perdió interés a todo. Desalojó sus tierras y mandó quemar los enseres. Unos dicen que porque ya estaba cansado, otros que porque lo agarró la desilusión; lo cierto es que echó fuera a la gente y se sentó en su equipal, cara al camino. ¹⁹



...Te voy a dar un consejo antes que nada: no te enamores nunca, porque duele; duele aquí donde la gente dice que tenemos el corazón. Y a mi no me gustaría que sufrieras, antes por el contrario, que fueras feliz siempre, por todos los siglos de los años. Amén... ²⁰

...Mayecita:

Eles não podem ver o céu. Vivem acuados na sombra, mais escura por causa da fumaça. Vivem enegrecidos durante oito horas, pelo dia ou pela noite, constantemente, como se não existisse o sol ou as nuvens no céu para que eles as vissem, nem ar límpido para que eles o sintam. Sempre assim inesgotavelmente, como se só até o dia da sua morte pensassem em descansar. Estou te falando o que se passa com os operários nesta fábrica, cheia de fumaça e cheiro de borracha crua. E querem, todavia, que eu os vigie, como se fosse pouca a vigilância em que os têm algumas máquinas, que não conhecem a paz da respiração. Por isso, creio que não suportarei muito ser essa espécie de capataz que eles querem que eu seja. E só o pensamento de trabalhar assim me põe triste e amargurado.¹⁶

- Este mundo, que nos aperta por todos os lados, que vai esvaziando punhados de nosso pó aqui e acolá, desfazendo-nos em pedaços como se regasse a terra com nosso sangue. O que fizemos? Por que nossa alma apodreceu? Sua mãe dizia que pelo menos nos resta a caridade de deus. E você a renega, Susana. Por que me renega, a mim, como seu pai? Você está louca?

- Você não sabia?

- Você está louca?

- Claro que sim, Bartolomé. Você não sabia?¹⁷

... Clara, minha vida, me faz falta um pouquinho da tua bondade, porque a minha está endurecida e estragada de tanto andar só e desamparado (...) eu sou um desequilibrado de amor e você não, agora eu sei e sei também que por isso gosto de você, porque você é como a brisa suave de uma noite tranqüila (...) Aqui está fazendo das suas o frio; mas eu estou enamorado e os enamorados não temem nada. Quisera poder lhe contar mais coisas disto e daquilo, mas sou muito frouxo para escrever e o faço muito mal. Oxalá o tempo melhore e volte a inspiração...¹⁸

- Não acredite nisso. Ele gostava dela. Quase que eu digo que ele não quis nunca outra mulher como quis essa. É que já entregaram ela sofrida e vai ver, louca. Tanto gostou dela, que passou o resto de seus anos amassado numa cadeira de assento de couro, olhando o caminho por onde ela foi levada para o campo-santo. Perdeu o interesse por tudo. Desalojou sua terra e mandou queimar os seus trastes e suas coisas. Uns dizem que foi porque ele já estava cansado, outros porque ficou desiludido; mas o fato é que pôs o pessoal para fora e sentou-se na sua cadeira de couro, virado de cara para o caminho.¹⁹

... Vou lhe dar um conselho antes de mais nada: não se enamore nunca, porque dói; dói aqui onde as pessoas dizem que temos o coração. E eu não gostaria que você sofresse, muito pelo contrário, gostaria que fosse feliz sempre, por todos os séculos dos anos. Amém...²⁰



Pensaba más en Susana San Juan, metida siempre en su cuarto, durmiendo, y cuando no como si durmiera.(...)Desde que la había traído a vivir aquí no sabía de otras noches pasadas a su lado, sino de estas noches doloridas, de interminable inquietud. Y se preguntaba hasta cuándo terminaría aquello.

Esperaba que alguna vez. Nada puede durar tanto, no existe ningún recuerdo por intenso que sea que no se apague. ²¹



Pero voy a ver,
¿cómo se llama?.
No recuerdo. ²²



... Luego vino ese sentimiento, que no me ha abandonado todavía, de que yo era un pobre diablo y de que tenía que luchar mucho para defenderme de mí mismo. Pues yo no te quería entregar un corazón enfermo como el mío y un espíritu (muchos dicen alma) cansado de tanto andar solo por el ancho mundo. Pues yo, y esto no te lo he contado todavía, desde que yo me acuerdo, siempre fui un sujeto dado a estar solo... ²³

... Así hasta que crecí. Después nada. Nadie. La pura soledad Y la soledad es una cosa que se llega a querer del mismo modo como se quiere a una persona...

PD. Esta carta la escribí
con tu pluma rota,
por eso salió quebrada. ²⁴

Pensava mais em Susana San Juan, metida sempre em seu quarto, dormindo, e quando não, era como se dormisse (...) Desde que tinha trazido Susana para morar aqui não sabia de outras noites passadas ao seu lado, a não ser aquelas noites doloridas, de interminável quietude. E se perguntava quando é que aquilo iria terminar.

Esperava que alguma vez. Nada pode durar tanto, não existe nenhuma recordação que por intensa que seja não se apague.²¹

Mas vou ver,
como se chama?
Não lembro.²²

... Depois veio esse sentimento, que ainda não me abandonou, de que eu era um pobre diabo e que tinha que lutar muito para me defender de mim mesmo. Pois eu não queria te entregar um coração doente como o meu e um espírito (muitos dizem alma) cansado de tanto andar só pelo largo mundo. Pois eu, e isto eu não tinha te contado ainda, desde que eu me lembro, sempre fui um sujeito dado a estar só...²³

... Assim até que cresci. Depois nada. Ninguém. A pura solidão. E a solidão é uma coisa que se chega a querer do mesmo modo como se quer a uma pessoa...

PS: Esta carta a escrevi
com tua caneta estragada,
por isso saiu quebrada.²⁴





Algunas veces hecha de silencio, soy eso que no tiene límites.

Algumas vezes feita de silêncio, sou isso que não tem limites.





Hoy que vine de ti, sostenido a tu sombra, he mirado la noche.
He mirado las nubes en la noche como lágrimas alrededor de la luna clara; los árboles oscuros, las estrellas blancas.

Hoy he visto cómo por todas partes la noche era muy alta.
Y me detuve a mirarla como se detiene el que descansa.

Clara:

Hoy se murió el amor por un instante y creí que yo también agonizaba.
Fue a la hora en que diste con tus manos aquel golpe en la mitad de mi alma.
Y dijiste: tres años, como si fuera tan larga la esperanza.

Hoy caminé despacio pensando en tus palabras.
Oyendo los ruidos del pájaro que duerme y los ruidos del ansia.
Del ansia que nos mancha la congoja de no ser omnipotentes para labrar una piedra dentro de otra alma.

Con todo tres años no son nada. No son nada para los muertos, ni para los que han asesinado lo que aman.

Tres años son, Clara, como querer cortar con nuestras manos un hilito de agua.

Y en esperar que pasen los tres años, el tiempo nunca pasa.

Clara:

Hoy que vine de ti, sostenido a tu sombra, me puse a mirar mi soledad y la encontré más sola.

Guad. Oct. de 1944
juan rulfo ²⁵



Hoje que vim de ti, pendurado à tua sombra, tenho visto a noite.
Tenho visto as nuvens na noite como lágrimas em volta da lua clara;
as árvores escuras, as estrelas brancas.

Hoje vi, como por todas as partes, a noite é muito alta.
E detive-me a olhá-la como se detém aquele que descansa.

Clara:

Hoje morreu o amor por um instante e acreditei que eu também agonizava.
Foi a hora em que você deu com suas mãos aquele golpe na metade de minha alma.
E disse: três anos, como se fosse tão comprida a esperança.

Hoje caminhei devagar pensando em tuas palavras.
Ouvindo os barulhos do pássaro que dorme e os barulhos da ânsia.
Da ânsia que nos mancha a pena de não sermos onipotentes para lavar uma pedra dentro
de outra alma.

Contudo três anos não são nada. Não são nada para os mortos, nem para os que assassi-
naram o que amam.

Três anos são, Clara, como querer cortar com nossas mãos um fio de água.

E na espera que passem os três anos, o tempo nunca passa.

Clara:

Hoje que vim de ti, sustentado pela tua sombra, me pus a olhar minha solidão e a encontrei
mais só.

Guad. Out. de 1944
juan rulfo²⁵



Y no es dolor de hombre,
lo que cansa...
lo peor es que
ya ni sé porque lloro, yo que no tengo nada
ni dios,
ni sueño,
ni amparo

Ya lo perdí todo.
el dueño,
el collar
la casa.

E não é dor de homem
o que cansa...
o pior é que
já nem sei porque choro, eu que não tenho nada
nem deus,
nem sonho,
nem amparo

Já o perdi todo.
o dono,
o colar
a casa.





Clara²⁶, pequeña amiga mía: Muchachita: Chiquilla: Criatura: Kiko: Mujercita: Mayecita: Chiquitina: Cariñito: Chachita: Querida chachinita: Muchachita fea: Señora:

No, no es fácil querer mucho,
Juan.

I am hurry because finished me the ink
Juan Rulfo

Te recomiendo no me hagas mucho caso pues soy muy amante de quejarme.
Tu muchacho.

Con todo mi aborrecimiento.
Juan.

Mírate frente al espejo y di: te manda saludar y abrazar y besar mucho aquel pobre muchacho que te quiere tanto.
Tu Juan.
Yo

Más

De corazón, de palabra y de pensamiento, para siempre estará lleno de amor por ti. Juan (el tonto)
Yo más

Tú Más

Y que siempre seas igual, chachinita adorada.
No, aire de las colinas, tú no.

Juan

Yo hasta el quinto infierno

este Juan tuyo.
Ola tibia del mar

Y tú, chiquitina fea, recibe todos los pedazos de mi corazón para que lo compongas y me lo guardes muy bien guardado junto al tuyo tan querido.

XXXXX Juan XXXXXXXXXXXX

Nada-Nada-Ninguna nada.

Desde el infierno hasta el cielo

Y tú recibe muchos besos para tus ojos y para tu boca y mucho amor para tu corazón, muchachita adorada, de tu chachino.

Juan

Tú, montoncito de nubes, tú, no.

Yo como un amontonadero de cielos.

Yo no hago más que quererte. No sirvo para otra cosa ya, sino para quererte, chiquilla fea.
tu hijo Juan

Clara²⁶, pequena amiga minha: Muchachita: Chiquilla: Criatura: Kiko: Mujercita: Mayecita: Chiquitina: Cariñito: Chachita: Querida chachinita: Muchachita fea: Señora:



Não, não é fácil querer muito,
Juan.

I am hurry because finished me the ink²⁷
Juan Rulfo

Te recomendo que não me faças muito caso pois sou muito amante de queixar-me.
Teu muchacho.

Com todo meu aborrecimento.
Juan.

Olha-te frente ao espelho e fala: manda-te cumprimentar e abraçar e beijar muito aquele
pobre muchacho que tanto te quer.
Teu Juan.
Eu

Mais

De coração, de palavra e de pensamento, para sempre estará cheio de amor por ti.
Juan (o tonto)
Eu mais

Tu mais

E que sempre sejas igual, chachinita adorada.
Não, ar das colinas, tu não.

Juan

Eu até o quinto dos infernos.

este Juan teu.
Onda morna do mar

E tu, chiquitina feia, recebe todos os cacos de meu coração para que o componhas e o guardes muito bem guardado junto ao teu tão querido.

XXXXXX Juan XXXXXXXXXXXX

Nada-Nada-Nenhum nada.

Desde o inferno até o céu

E tu receba muitos beijos para teus olhos e para tua boca e muito amor para teu coração,
muchachita adorada, do teu chachino.

Juan

Tú, montezinho de nuvens, tu não.

Eu como um amontoado de céus.

Eu não faço mais que querer-te. Não sirvo para outra coisa já, senão para te querer, chiquilla feia.

Teu filho Juan



...Me da gusto saber que arreglaste por fin lo de tu matrimonio para las once del día 23. Yo, como siempre lo he dicho, te acompañaré, yendo a tu lado para que tú te cases...²⁸

Entrábamos a la iglesia pero,
no le veía la cara.
Me agachaba y no le veía su cara.
Ni sus zapatos.
No le veía, pero no trae zapatos.
Le miraba la cara. Bueno, ¿pero por qué?
Por más que sea no le veía su cara.
Pasó el tiempo y esto le comenté a una amiga. Imagínate que me soñé que me casaba pero nunca le vi su cara ni sus zapatos, se quedó pensando y me dice, -¿Sabes Clara?, que con el que te casaste, nunca existió.
Nunca.²⁹



Estás otra vez soñando mentiras, Juan.

... É gostoso saber que finalmente marcou teu matrimônio para as onze do dia 23. Eu, como sempre lhe disse, te acompanharei, indo a teu lado para que tu te cases...²⁸

Entrávamos na igreja mas,
não lhe via a cara.
Me agachava e não via cara.
Nem seus sapatos.

Lhe via, mas sem sapatos.

Lhe olhava a cara. Bom, mas por que?

Por mais que quisesse não via sua cara.

Passou o tempo e isto contei a uma amiga. Imagina que sonhei que casava, mas nunca vi sua cara nem seus sapatos, ficou pensando e me disse,

Sabes Clara?, aquele com quem te casaste,
nunca existiu.

Nunca.²⁹

Estás outra vez sonhando mentiras, Juan.



CANTANDO ENTRE REZAS

Cantando entre rezos



Haz que no me canse -nunca-
de perder
lo que no he de encontrar.
Aunque vuelva a creer -por instantes-
entre los brazos de los
hombres de barro.

Faça com que não me canse – nunca -
de perder
o que não encontrarei
Embora volte a acreditar – por instantes -
nos braços dos
homens de barro





Así se nos pasó el tiempo, entre sueño y sueño. Su voz era la que me dejaba verlo, y tratando de escucharlo lo fui conociendo. Afuera el viento soplaba y era como si le estuviéramos robando el último aliento.



-Abuela, vengo a ayudarle a desgranar maíz.
-Ya terminamos; pero vamos a hacer chocolate. ¿Dónde te habías metido? Todo el rato que duró la tormenta te anduvimos buscando.
-Estaba en el otro patio.
-¿Y qué estabas haciendo? ¿Rezando?
-No, abuela solamente estaba viendo llover ¹



Estaba viendo cómo el viento empujaba las nubes para dejar ver las estrellas. Estaba tratando de tejer sus palabras y mi nostalgia en silencio.



... Espero que tú, que tienes labios de cielo, le pidas a Dios que nos ayude y que no nos llene de piedras el camino... ²



Piedra en el páramo. Sí, escogí el mismo nombre del personaje para darle título a toda la novela ³



Me voy,
cuna de mis ilusiones,
donde yo tanto soñé,
lo que nunca realicé,
cuando yo te conocí,
a ti.⁴



Ruidos. Voces. Rumores. Canciones lejanas:

Mi novia me dio un pañuelo
con orillas de llorar...

En falsete. Como si fueran mujeres las que cantaran ⁵



La noche estrellada era como un manto gigante con el que podíamos cobijarnos y sentirnos tibios. Sus ojos negros brillaban mientras masticaba las palabras que yo sin vergüenza le pedía prestadas para caminar por entre el incendiado llano de tierra roja y seca.



¿Que vinieron por el dinero de las misas gregorianas? Ella no dejó ningún dinero. Díselos Justina. ¿Que no saldrá del Purgatorio si no le rezan esas misas? ¿Quiénes son ellos para hacer la justicia, Justina? ¿Dices que estoy loca? Esta bien. ⁶

Assim nos passou o tempo, entre sonho e sonho. Sua voz era a que me deixava vê-lo, e tentando escutá-lo o fui conhecendo. Lá fora o vento soprava e era como se estivéssemos roubando dele o último suspiro.

- Avó, vim ajudar a debulhar.
- Já acabamos. Mas vamos fazer chocolate. Onde é que você se meteu? O tempo inteiro que durou a tormenta ficamos procurando você.
- Eu estava no quintal de lá -
- E fazendo o quê? Rezando?
- Não, avó, eu só estava vendo chover. ¹

Estava vendo como o vento empurrava as nuvens para deixar ver as estrelas. Estava tentando tecer suas palavras e minhas saudades em silêncio.

... Espero que você, que tem lábios de céu, peça a Deus que nos ajude e que não nos encha o caminho de pedras. ²

Pedra no alto da montanha. Sim, escolhi o mesmo nome do personagem para dar o título a toda a novela. ³

Vou-me,
berço de minhas ilusões,
onde eu tanto sonhei,
o que nunca realizei,
quando eu te conheci
a ti. ⁴

Ruídos. Vozes. Rumores. Canções distantes:

Minha noiva me deu um lenço
com bordados de chorar...

Em falsete. Como se fossem mulheres cantando ⁵

A noite estrelada era como um manto gigante com o qual poderíamos nos cobrir e nos sentir aquecidos. Seus olhos negros brilhavam enquanto mastigava as palavras que eu, sem vergonha, lhe pedia emprestadas para caminhar pelo chão incandescente de terra vermelha e seca.

Estão atrás do dinheiro das missas gregorianas? Ela não deixou nenhum dinheiro. Diga a quem estiver aí, Justina. Que ela não vai sair do Purgatório se não rezarem essas missas? Quem são eles para fazer justiça, Justina? Você acha que eu estou louca? Está bem. ⁶





No me dejes sola sin mí
a la intemperie y muda
para vivir el misterio
que dicen existe
en el uno –desdoblado-
y no en el dos -inalcanzable-



Pues me acuerdo que antes era de un modo
y ahora es de otro,
ahora es pura deshonestidad, ya no se casan
las mujeres,
las muchachas,
porque ya están cansados los hombres,
de ver patas.⁷

Não me deixe sozinha sem mim
à intempérie e muda
para viver o mistério
que dizem existir
no um – desdobrado –
e não no dois - inalcançável



Pois me lembro que antes era de um jeito
e agora é de outro,
agora é pura desonestidade, já não se casam
as mulheres,
as moças
porque já estão cansados os homens
de ver patas. ⁷





Dios no castiga ni con rejo ni con palo
Dios aprieta pero no ahorca
Al que madruga Dios le ayuda
A Dios rogando y con el mazo dando
Ponerle una vela a Dios y otra al diablo
A Dios lo que es de Dios y al César lo que es del César
A quien Dios no le da hijos el diablo le da sobrinos
Dios da pan al que no tiene dientes
De las aguas mansas líbrame Señor, que de las bravas me libro yo
Dios los cría y el diablo los junta
Ni pa' Dios ni pa' su santo
Dios escribe derecho por líneas torcidas
Quien le da a los pobres le presta a Dios, quien le da a los pobres, adiós

Recuerdo el olor del fogón de leña de esas vacaciones de fin de año en la casa de los parientes, me parece escuchar los estallidos de la madera que hacía que el fuego ronroneara como cuando se acaricia un gato, recuerdo las trenzas largas de mis primas, las bocas sin dientes de leche, las muñecas colgadas en las paredes guardadas en bolsas de plástico transparente. Es como si estuviera viendo las gallinas en el patio de tierra comiendo maíz después de que las llamara con un cutucutucú, que cada vez que lo cantaba me dejaba una felicidad simple en la boca de niña que crecía en un conjunto de apartamentos; las botas de caucho, los sacos de colores, varios de nosotros en una sola cama.

Recuerdo el frío y el parlante de la iglesia tocando villancicos temprano, las novenas en la noche con pesebres que tenían pastores gigantes al lado de ovejas de plástico minúsculas, las cascadas de celofán y el lago de espejo donde cisnes verdes y azules nadaban apaciblemente; las luces de colores que prendían y apagaban casitas de cartón huecas por donde se les metía el bombillo, pueblitos colombianos en medio de un Belén vuelto a contar. No olvido cómo cambiábamos de lugar las figuras a escondidas de una tía vigilante y como siempre me pareció extraño que un niño Jesús enorme esperara el día de su nacimiento escondido debajo de una mata que era parte de la escenografía viviente.

En esa navidad fui un ángel con alas de papel crepé y delantal de arandelas blanco. Subidos en un remolque todo lleno de claveles, nosotros niños, le dábamos la vuelta al marco de la plaza del pueblo diminuto.



-¿Qué haces aquí, Agripina?
-Entré a rezar- nos dijo.
-¿Para qué?- le pregunté yo.
Y ella se alzó de hombros ⁸

Deus não castiga nem com chicote nem com pau
Deus aperta mas não enforca
Deus ajuda quem cedo madruga
A Deus rogando e com o malho dando
Acenda uma vela a Deus e outra ao diabo
A Deus o que é de Deus e a César o que é de César
A quem Deus não dá filhos o diabo dá sobrinhos
Deus dá nozes a quem não tem dentes
Das águas mansas livra-me, Senhor, que das bravas me livro eu
Deus os cria e o diabo os une
Nem pra Deus nem pra o santo
Deus escreve certo por linhas tortas
Quem dá aos pobres, empresta a Deus, quem dá aos pobres, adeus.



Lembro-me do cheiro do fogão de lenha daquelas férias de fim de ano na casa dos parentes, pareço ouvir os estalidos da madeira que fazia o fogo ronronar como quando se acaricia um gato, me lembro das tranças largas de minhas primas, as bocas sem dentes de leite, as bonecas penduradas nas paredes, empacotadas em sacolas de plástico transparente. É como se estivesse vendo as galinhas no quintal de terra comendo milho depois de chamá-las com um titititi que cada vez que cantava me deixava uma felicidade simples na boca de menina que crescia em um condomínio; as botas de plástico, os casacos coloridos, vários de nós em uma cama só.

Lembro-me do frio e do auto-falante da igreja tocando vilancetes logo cedo, das novenas à noite com presépios que tinham pastores gigantes ao lado de ovelhas minúsculas de plástico, as cachoeiras de celofane e o lago feito de espelho onde cisnes verdes e azuis nadavam tranqüilamente; as luzes coloridas que piscavam dentro de casinhas de papelão ocas, povoados colombianos no meio de uma Belém que está sendo contada mais uma vez. Não me esqueço de como trocávamos as figuras de lugar escondidos de uma tia vigilante e como sempre me pareceu estranho que um menino Jesus enorme esperava o dia de seu nascimento escondido embaixo de uma planta que era parte da cenografia vivente.

Naquele Natal fui um anjo com asas de papel crepom e avental de babados brancos. Em cima de uma carroceria cheia de cravos, nós, as crianças, dávamos uma volta ao redor da praça do povoado pequeno.

- O que você está fazendo aqui, Agripina?
- Entrei para rezar - ela disse.
- Para quê?- perguntei.
- E ela ergueu os ombros.⁸





¡Viejas hijas de demonio! las vi venir a todas juntas, en procesión. Vestidas de negro, sudando como mulas bajo el mero rayo del sol. Las vi desde lejos como si fueran una recua levantando polvo. (...) Venían por el camino de Amula, cantando entre rezos, entre el calor, con sus negros escapularios grandotes y renegridos, sobre los que caían en goterones el sudor de su cara. ⁹



*Si el cruel destino se nos opone
a que vivamos juntos tu y yo.
Ay! nunca olvides que me juraste,
que nuestras almas se habrían de unir,
y estando unidas en dulce calma,
con tu caricias seré feliz.*

*Pregunta al cielo que ve que lloro,
él es testigo de mi sufrir,
no seas ingrata yo sí te quiero,
no ten' principio ni porvenir.*

*Ay!, mil ausencias y ni la muerte
De mi memoria podrá arrancar
Y estando muerto en mi sepulcro
Hasta mis restos te han de adorar
Ay! ya no puedo más.
Sabía muchos pero ahora no.
Le digo quién es ese? Y yo, no me acuerdo quién es. ¹⁰*



¿Estás viendo?, ves cómo se nos escurre el tiempo entre las manos, acaso puedes cogerlo y guardarlo... él me miró y se rió, no me dijo nada, ni sí, ni no, yo creo que fue a propósito, sólo para que me quedara con la pregunta en la lengua, tal vez para que sintiera que hay cosas que no tienen respuesta y que es mejor que me vaya acostumbrando... también es bueno así y continuó.



-¿Y tu alma? ¿Donde crees que haya ido?
-Debe andar vagando por la tierra como tantas otras; buscando vivos que recen por ella. Tal vez me odie por el maltrato que le di; pero eso ya no me preocupa. He descansado del vicio de sus remordimientos. ¹¹



-Yo también lo entiendo así. (...) Y diles de paso a esas mujeres que no armen tanto escándalo, es mucho alboroto por mi muerto. Si fuera de ellas, no llorarían con tantas ganas. ¹²

Velhas filhas do demônio! Vi quando chegavam todas juntas, em procissão. Vestidas de negro, suando como mulas no meio do raio de sol. Vi-as de longe como se fosse uma récua levantando poeira. (...) Vinham pelo caminho de Amula, cantando entre rezas, entre o calor, com seus escapulários negros e grandões e imundos sobre os quais caíam em gotonas o suor de suas caras. ⁹

*Se o cruel destino a nós se opõe
a que vivamos juntos você e eu
Ai! Nunca se esqueça que me jurou
Que nossas almas teriam-se de se unir,
e estando unidas em doce calma,
com suas carícias serei feliz.*

*Pergunta ao céu que vê que choro,
ele é a testemunha do meu sofrer,
não seja ingrata, eu sim a quero
não tem começo nem fim.*

*Ai! mil ausências e nem a morte
de minha memória poderá arrancar
e estando morto em meu sepulcro
até meus restos irão adorá-la
Ai! Não posso mais
Sabia muitos, mas agora não.
Digo-lhe quem é esse? E eu não me lembro quem que é. ¹⁰*

Está vendo?, vê como nos escorre o tempo entre as mãos, acaso poderia pegá-lo e guardá-lo? Ele me olhou e riu, não me disse nada, nem sim nem não, eu creio que foi de propósito, só para me deixar com a pergunta na língua, talvez para que sentisse que há coisas que não têm resposta, e é melhor que eu vá me acostumando... também é bom assim, e continuou.

- E sua alma? Onde acha que ela foi parar?

- Deve andar vagando pela terra como tantas outras; buscando vivos que rezem por ela. Tal vez me odeie pelo mau trato que dei a ela, mas isso já não me preocupa. Descansei do vício de seus remorsos. ¹¹

- É o que eu também acho. (...) e aproveita para dizer a essas mulheres que não armem tanto escândalo, é alvoroço demais para o meu morto. Se fosse delas, não chorariam com tanta vontade. ¹²



Alma mía,
sola, siempre sola
sin que nadie comprenda tu sufrimiento,
tu horrible padecer.

Fingiendo una existencia
siempre llena
de dicha y de placer
de dicha y de placer

Si yo encontrara un alma
como la mía,
cuántas cosas secretas
le contaría

Una alma que al mirarme
sin decir nada
me lo dijera todo
con la mirada

Un alma que embriagase
con suave aliento
y al mirarme sintiera
lo que yo siento

Y a veces me pregunto
¿qué pasaría
si yo encontrara un alma
como la mía?¹³

-Tal vez rezando mucho.

-Vamos rezando mucho, padre.

-Digo tal vez, si acaso, con las misas gregorianas; pero para eso necesitamos pedir ayuda, mandar traer sacerdotes. Y eso cuesta dinero.(...)

-No tengo dinero. Eso usted lo sabe, padre.

-Dejemos las cosas como están. Esperemos en Dios.

-Si padre. ¹⁴

-¿Cuántas veces viniste aquí a pedirme que te mandara al cielo cuando murieras?
(...) Pues bien, no podrás ir ya más al cielo. Pero que Dios te perdone.

-Gracias, padre.

-Si. Yo también te perdono en nombre de él. Puedes irte.

Alma minha
Sozinha, sempre só
Sem que ninguém compreenda seu sofrimento
Seu horrível padecer.

Fingindo uma existência
Sempre cheia
De felicidade e de prazer
De felicidade e de prazer

Se eu encontrasse uma alma
Como a minha
Quantas coisas secretas
Lhe contaria

Uma alma que ao me olhar
Sem dizer nada
Me diria tudo
Com o olhar

Uma alma que embriagasse
com suave alento
e que ao me olhar sentisse
o que eu sinto

E às vezes me pergunto
O que aconteceria
Se eu encontrasse uma alma
Como a minha? ¹³

- Talvez se a gente rezar muito.
- Pois vamos rezando muito, padre.
- Digo talvez, quem sabe? Com as missas gregorianas; mas para isso precisamos pedir ajuda, mandar vir sacerdotes. E tudo custa dinheiro. (...)
- Não tenho dinheiro. O senhor sabe disso, padre.
- Então vamos deixar as coisas do jeito que estão.
Vamos esperar em Deus.
- Está bem, padre. ¹⁴

- Quantas vezes você veio até aqui a me pedir que a mandasse para o céu quando você morresse? (...) Pois bem: você não pode mais ir para o céu. Que Deus a perdoe.
- Obrigada, padre. Está bem.
Eu também perdôo você, em nome dele. Pode ir.



-¿No me deja ninguna penitencia?

-No la necesitas, (...).

-Gracias, padre.

Vé con Dios. ¹⁵



-(...)¿Qué has hecho de la fuerza de Dios? (...)Quiero creer que todos siguen siendo creyentes; pero no eres tú quien mantiene su fe; lo hacen por superstición y por miedo. (...)Sé lo difícil que es nuestra tarea en estos pobres pueblos donde nos tienen relegados; pero eso mismo me da derecho a decirte que no hay que entregar nuestro servicio a unos cuantos, que te darán poco a cambio de tu alma, y con tu alma en manos de ellos ¿qué podrás hacer para ser mejor que aquellos que son mejores que tú? No, (...), mis manos no son lo suficientemente limpias para darte la absolución. Tendrás que buscarla en otro lugar.

-¿Quiere usted decir, señor cura, que tengo que ir a buscar la confesión en otra parte?

-Tienes que ir. No puedes seguir consagrando a los demás si tú mismo estás en pecado.(...)

-¿ No podría usted...? Provisionalmente, digamos... Necesito dar los santos óleos... la comunión. Mueren tantos en mi pueblo, señor cura.

-Padre, deja que a los muertos los juzgue Dios. ¹⁶



... Tal vez tú sabes también si Dios piensa castigarme en la otra vida, dándome en ésta la felicidad que tú eres para mí. Dime si tú lo sabes. Y si es así, que así sea. Al fin y al cabo tú me salvarás y me harás ser bueno, y entonces Él no tendrá nada contra mí. Nada estando tú de por medio... ¹⁷



Felipa es muy buena conmigo. Por eso la quiero... La leche de Felipa es dulce como las flores del obelisco. Yo he bebido leche de chiva y también de puerca recién parida; pero no, no es igual de buena que la leche de Felipa... ahora ya hace mucho tiempo que no me da a chupar de los bultos esos que ella tiene donde tenemos solamente las costillas, y de donde sale, sabiendo sacarla, una leche mejor que la que nos da mi madrina en el almuerzo los domingos (...)la leche de Felipa era de ese sabor sólo que amí me gustaba más porque, al mismo tiempo que me pasaba los tragos, Felipa me hacía cosquillas por todas partes. Luego sucedía que casi siempre se quedaba dormida junto a mí, hasta la madrugada. Y eso me servía mucho; porque yo no me apuraba del frío ni de ningún miedo a condenarme en el Infierno si me moría yo solo ahí.¹⁸

- Não vai me deixar nenhuma penitência?
- Você não precisa (...).
- Obrigada, padre.
- Vá com Deus.. ¹⁵

O que é que você fez da força de Deus (...) Quero acreditar que todos continuam sendo crentes; mas não é você quem mantém a sua fé; eles mantêm a fé por superstição ou por medo. (...) Sei como é difícil essa nossa tarefa nesses pobres povoados onde nos abandonaram; mas isso mesmo me dá o direito de dizer a você que não se deve entregar nossos serviços a uns poucos, que nos darão um pouco a troco da nossa alma, e que com a nossa alma nas mãos deles o que é que você poderá fazer para ser melhor que aqueles que são melhores do que você?(...) Não, (...) minhas mãos não são suficientemente limpas para dar a sua absolvição. Você vai ter de procurar em outro lugar.

- Então o senhor está querendo dizer, senhor pároco, que tenho de ir a buscar confissão em outras bandas?

- Tem. Não pode continuar consagrando os outros se você próprio estiver em pecado (...)

- Será que o senhor não poderia...? Provisionalmente, digamos... Preciso dar os santos óleos... a comunhão. No meu povoado morrem tantos, senhor pároco.

- Padre, deixe os mortos ao julgamento de Deus. ¹⁶

... Talvez você saiba também se Deus pensa me castigar-me na outra vida, dando-me nesta a felicidade que você é para mim. Diga-me, se você o sabe. E se for assim, que assim seja. Finalmente, você me salvará e fará com que eu seja bom, e então Ele não terá nada contra mim. Nada, estando você no meio... ¹⁷

Felipa é muito boa comigo. Por isso gosto dela... O leite de Felipa é doce como as flores de jasmim do Cabo. Eu bebi leite de cabra e também de porca recém parida; mas não, não é bom que nem o leite de Felipa... Agora já faz muito tempo que não me dá para chupar aqueles montes que ela tem onde a gente só tem costelas, e de onde sai, sabendo tirar, um leite melhor do que a minha madrinha dá para a gente no almoço de domingo (...) e o leite de Felipa era desse sabor, só que eu gostava mais porque ao mesmo tempo em que me dava os goles, Felipa me fazia cosquinhas por todos os lugares. Depois acontecia quase sempre dela ficar dormindo ao meu lado, até a madrugada. E isso me ajudava muito; porque eu não me apurava de frio nem de nenhum medo de me condenar no inferno se eu morresse sozinho ali. ¹⁸





Ojos hinchados.

-Yo. Yo te vi -

Apretando los ojos y cortando la respiración;
sintiendo como el pecho se astillaba.

¿Qué dices?

-Lo que acabo de decir-.

Olhos inchados.

- Eu. Eu te vi –

Apertando os olhos e prendendo a respiração;
sentindo como o peito se estilhaçasse

O que você diz?

- O que acabo de dizer.





Ya iba siendo dominado por el sueño cuando se sentó en la cama: “Estoy repasando una hilera de santos como si estuviera viendo saltar cabras”(…)

Salió fuera y miró el cielo. Llovían estrellas. Lamentó aquello porque hubiera querido ver un cielo quieto.(…)

Sintió la envoltura de la noche cubriendo la tierra. La tierra, “este valle de lágrimas.”¹⁹



Juan, este valle de lágrimas.

Já começava a ser dominado pelo sono quando sentou-se na cama: “Estou repassando uma fileira de santos como se estivesse vendo cabras saltarem”



Saiu para fora da casa e olhou o céu. Choviam estrelas. Lamentou aquilo, porque teria gostado de ver um céu quieto. Ouviu o canto dos galos. Sentiu a envoltura da noite cobrindo a terra. A terra, “este vale de lágrimas”.¹⁹

Juan, este vale de lágrimas.



ar
ser
política
ris

e' sim
tudo
isso



ÚLTIMO SEGREDO

Último secreto

La garganta quema, el aire seco de esa tierra extranjera hace que se le reseque y duela; lo peor es que es por la noche acostada, cuando se vuelve toda garganta que arde, no hay agua, ni balde, ni toalla que la refresque.

-Y es que el agua se evapora para hacer nubes que llueven. Allá si llueve, llueve casi todos los días. El color de las cosas muda bajo la luz de ese lugar.-

Después viene la tos que le quiere escupir el relleno, solo que ya no queda nada, ni siquiera el aire que respira.

Le dije:

Ahora es mi turno. Escúchame con esos tus ojos atentos en la penumbra de este silencio que nos cobija; ya lo puse todo afuera con el llanto de hace dos noches. Vacía, puedo contarte este último secreto.

Estoy aplazando. Sé que todo lo que estoy diciendo es sólo para aplazar –para aplazar el momento en que tendré que comenzar a decir, sabiendo que nada más me resta decir. Estoy aplazando mi silencio.¹



Este secreto quiere exponer algunas de las reflexiones que acompañaron la escritura de las primeras cinco partes de este texto, tanto es su sentido como en su *forma*, y a la vez conversar con algunos asuntos puestos en la banca de cualificación de la primera versión. Así, lo que parecía claro y no resultó serlo a partir de esa experiencia de lectura, escritura y crítica, me invitan a hacer *aparecer* algunas de esas estructuras, que como dijo Juan Rulfo, están *construidas de silencios, de hilos colgados, de escenas cortadas*, de lo que significó pensar, sentir y crear *con –junto-* y no *sobre* las imágenes escogidas del filme “*Del olvido al no me acuerdo*” del director Juan Carlos Rulfo; de algunas fotografías hechas en los viajes que realizó Juan Rulfo por todo México; de las diferentes imágenes contenidas en los cuentos y novelas del escritor (porque detrás de una palabra hay una imagen, ... *tú también viste, meu amor*, así no te hayas dado cuenta...) y claro, de las diferentes lecturas, que no siempre pertenecientes (a una única y/o vencedora) *línea, o escuela académica* vinieron a soplar ideas en mis oídos (*claro de la mano de mi orientador, compañero de los riesgos de esta escrita, soplador de vientos, ouvinte de mi alma...*).

A garganta queima, o ar seco dessa terra estrangeira faz com que ela se resseque e doa; o pior é que, à noite, enquanto deitada, quando se torna uma garganta que arde, não há água, nem balde, nem toalha que a refresque.

- E é que a água se evapora para fazer nuvens que chovam. Lá chove, chove quase todos os dias. A cor das coisas muda embaixo da luz desse lugar. -

Depois vem a tosse que quer que cuspa o recheio, só que não tem nada, nem sequer o ar que respira.

Lhe disse:

Agora é minha vez. Me escuta com seus olhos atentos na penumbra deste silêncio que nos cobre; já pus tudo pra fora com o pranto há duas noites. Vazia, posso te contar esse último segredo.

Estou adiando. Sei que tudo o que estou falando é só para adiar - adiar o momento em que terei que começar a dizer, sabendo que nada mais me resta a dizer. Estou adiando o meu silêncio. ¹

Este *segredo* quer expor algumas das reflexões que acompanharam a escrita das primeiras cinco partes deste texto, tanto em seu sentido como em sua *forma*, e também conversar com algumas perguntas apresentadas na banca de qualificação da primeira versão deste texto. Assim, o que parecia claro e não resultou sê-lo a partir desta experiência de leitura, escrita e crítica me convidam a fazer *aparecer* algumas dessas estruturas, que como disse Juan Rulfo, estão *construídas de silêncios, de fios pendurados, de cenas cortadas*, do que significou pensar, sentir e criar *com – junto – e não sobre* as imagens escolhidas do filme “*Del olvido al no me acuerdo*” do diretor Juan Carlos Rulfo, de algumas fotografias feitas nas viagens que realizou Juan Rulfo por todo o México; das diferentes imagens contidas nos contos e novelas do escritor (porque atrás de uma palavra há uma imagem... *você também viu, meu amor*, mesmo que não tenha percebido...) e claro, das diferentes leituras que nem sempre pertencentes (a uma única e/ou vencedora) *linha, ou escola acadêmica* vieram a soprar as idéias em meus ouvidos (*da mão de meu orientador, companheiro dos riscos dessa escrita, soprador de ventos, ouvinte de minha alma...*)

-Oye, mientras me dices estas cosas abre la ventana para que nos acaricie el viento-.

Parar para pensar. Parar para preguntarse por la experiencia de este trabajo, de los diferentes sentidos que brotan cuando se crea el vacío de la pregunta. Vacío en donde todo esta presente como posibilidad... a punto de ser creado.

Uno ha creído a veces, en medio de este camino sin orillas, que nada habría después; que no se podría encontrar nada al otro lado, al final de esta llanura rajada de grietas y de arroyos secos. ²

-¿Quién soy?-

-¿Por qué estoy viva?

¿? ...

¿? ...

¿? ...

Tentativas de respuesta, al lado de quienes se preguntan y preguntaron las mismas cosas...

-Algunos dijeron que el pensamiento es un viento-.

-Aire para respirar, no importa si ya está oscureciendo-.

La tierra estaba sin forma y vacía; la oscuridad cubría el abismo y un viento impetuoso soplabla sobre las aguas. ³

Más importante que la respuesta es ese preguntar, a partir del cual, pueden ser creadas interpretaciones que siempre se transforman...

-Estoy viva, por eso estoy inacabada.-

¿Habría sido el amor lo que vi? Pero qué amor es ese tan ciego como una célula-huevo? ¿Eso fue? Aquel horror, ¿Eso era el amor? Amor tan neutro que –no, no quiero todavía hablarme, hablar ahora sería precipitar un sentido (...). O estaré apenas aplazando el comenzar a hablar? ¿Por qué no digo nada y apenas gano tiempo? Por miedo. Es necesario valor para aventurarme a una concretización de lo que siento. Es como

- Escuta, enquanto me diz essas coisas abre a janela para que nos acaricie o vento -

Parar para pensar. Parar para se perguntar sobre a experiência deste trabalho, dos diferentes sentidos que brotam quando se cria o vazio da pergunta. Vazio onde tudo está presente como possibilidade... a ponto de ser criado.

Eu às vezes achei, no meio desse caminho sem eira nem beira que não haveria nada depois, que não se poderia encontrar nada do lado de lá, no final desse chapadão rachado de gretas e arroios secos. ²

- Quem é que eu sou?

- Por que estou viva?

?...

?...

?...

Tentativas de resposta ao lado daqueles que se perguntam e se perguntaram as mesmas coisas...

- Alguns disseram que o pensamento é um vento.

- Ar para respirar, não importa se já está anoitecendo.

A terra estava sem forma e vazia; as trevas cobriam o abismo e um vento impetuoso sopra sobre as águas.³

Mais importante que a resposta é esse perguntar, a partir do qual podem ser criadas interpretações que sempre se transformam...

- Estou viva, por isso estou inacabada.

Terá sido o amor o que vi? Mas que amor é esse tão cego como o de uma célula-ovo? Foi isso? Aquele horror, isso era amor? amor tão neutro que - não, não quero ainda me falar, falar agora seria precipitar um sentido (...). Ou estarei apenas adiando o começar a falar? Por que não digo nada e apenas ganho tempo? Por medo. É preciso coragem para me aventurar numa tentativa de concretização do que sinto. É como se

*si tuviera una moneda y no supiera en qué país
ella vale.*⁴

La diferenciación de no trabajar *sobre* las imágenes y sí *junto* a ellas se hace únicamente para facilitar la explicación, ya que, de cierta forma no se *analizó* el filme, las fotografías o los textos, éstos fueron *interpretados* sin *distanciarlos* u *organizarlos bajo un único tema*⁵, tampoco fueron introducidas por una *secuencia temporal lineal*, o una *referencia geográfica particular*. De esta forma aparecen *varios temas*, la vida, los amores, las violencias, las muertes, entre otros, de manera inconclusa, y sin ningún origen de tipo *causal*.

En mi caso, sin fotografiar o filmar regularmente, y viniendo de una formación en donde las imágenes, filmes y literatura si acaso entraban para ilustrar discusiones autónomas, esta escritura representó un esfuerzo para encontrarme con los Rulfos⁶ sin analizarlos, quería *ir con ellos, ver el mundo de otra forma, arriesgarme a pensar algo que no conocía* que es una forma *intensa* de vivir y claro:

- Contártelo todo a ti, *meu amor*-...
- Sólo que eso, lo sé ahora que ya pasó-

Así, me arriesgué a *trabajar* fotos, textos, filmes en su *calidad plástica*, los *acerqué*, los *moldeé* - desfigurándolos y volviéndolos a formar - recortándolos, pegándolos, mezclándolos, en fin, *significándolos* nuevamente; por consiguiente éstos se repiten, se parafrasean creando al mismo tiempo, una *forma* y un *contenido*, que les es propia, dado el *contacto* que ellos me permitieron, pero que también estaba presente en una forma específica - y de ninguna manera, *arbitraria*- en el estado *del alma* del *lector/autor* (yo, tú, unos probables ellos...) De esta forma, *son estas imágenes* y no otras; ni todas y ni siquiera ellas mismas en otro momento, las que *consintieron, inspiraron e impulsaron* este texto que se quiere *honesto*.

El diablo es que naturalmente yo vengo siempre

eu tivesse uma moeda e não soubesse em que país ela vale. ⁴

A diferenciação de não trabalhar *sobre* as imagens e sim *junto* a elas se faz unicamente para facilitar a explicação, já que, de certa forma, não se *analisou* o filme, as fotografias ou os textos, estes foram *interpretados* sem *distanciá-los* ou *organizá-los sob um único tema*⁵, tampouco foram apresentados em uma *seqüência temporal linear*, ou uma *referência geográfica particular*. Desta forma, aparecem *vários temas*: a vida, os amores, as violências, as mortes, entre outros, de maneira inconclusa, e sem nenhuma origem de tipo *causal*.

No meu caso, sem fotografar ou filmar regularmente, e vindo de uma formação onde as imagens, filmes e literatura entravam de vez em quando para ilustrar discussões autônomas, esta escrita representou um esforço para encontrar-me com os Rulfos⁶ sem analisar-los, queria *ir com eles*, *ver o mundo de outra forma*, *arriscar-me a pensar algo que não conhecia* que é uma forma *intensa* de viver, e claro:

- Contar tudo a ti, *meu amor*.
- Só que isso eu só sei agora que já passou.

Assim, me arrisquei a *trabalhar* fotos, textos, filmes em sua *qualidade plástica*, os *aproximei*, os *moldei* – desfigurando-os e voltando-os à forma –, recortando-os, colando-os, misturando-os, enfim, *significando-os* novamente; por conseqüência, estes se repetem, se parafraseiam, criando ao mesmo tempo uma *forma* e um *conteúdo* que lhes é próprio, dado o *contato* que eles me permitiram, mas que também estava presente numa forma específica – e de jeito nenhum *arbitrária* – no estado *de alma* do *leitor/autor* (eu, você, uns prováveis eles...). Desta forma, são *estas imagens* e não outras, nem todas e nem sequer elas mesmas em outro momento, as que *consistiram*, *inspiraram* e *impulsionaram* este texto que quer ser *honesto*.



O diabo é que naturalmente eu venho sempre

*de últimas, de modo que siempre estoy en lo que ya está hecho.*⁷

-Pues explicar, explicar... uno lo explica... sólo que ahí no está lo importante-
(en este tipo de cosas?).

-Lo importante acostumbra a ser mudo. -

(Por eso es que toca inventarse la forma de decirlo hasta donde sea posible y rogando para que no se banalice...)

*No se puede hacer arte sólo porque se tiene un temperamento infeliz o loquito. Un desánimo profundo. Pensé que sólo no dejaba de escribir porque trabajar es mi moralidad verdadera.*⁸



Cuando nos referimos al *alma* (que ya apareció algunas veces en palabra, cuando en realidad está presente desde la primera página) nos referimos entre otras cosas, a la *búsqueda existencial de sentido*; unas veces personal –motor inicial de este trabajo- y otras (o al mismo tiempo) colectiva: en el grupo de investigación, con algunos profesores, escribiendo este *secreto*, estudiando algunas *obras de autores*. De modo que, esta búsqueda no es “novedosa”, ni proclama una especie de “psicologización” –superficial- de la investigación, solamente quiere estar presente de una forma *radical* y no escondida, ya que en esa aparición esta escritura fortalece su sentido *político*⁹.

Buscar, encontrar y de nuevo perder para de nuevo buscar, es una opción política que entiende el mundo –y a sí mismo- en constante transformación. La vida es el proceso de comprender *la propia vida* y el *mundo*. En el cual está (*el*) *lo otro* –en sentido general-, y el *extraño* o el *extranjero* dentro de mi.

Mira con el rabo del ojo. Distraídamente: está, desaparece. Pasa, piernas blancas, pasa, cabello mojado, se devuelve, espalda húmeda, una última vez, descalza. Extraño.
Es reflejo en espejo que después desaparece.

-Algunas veces me siento llena de cuerpo y de vida, otras, me veo distante, como la envoltura de algo que pocas veces se revela-

Al interpretar las distintas imágenes de los Rulfos,

*por último, de modo que eu sempre estou no que já está feito.*⁷

- Pois explicar, explicar... a gente explica... só que aí não está o importante –
(neste tipo de coisas?)

- O importante costuma ser mudo.

(Por isso que toca a se inventar a forma de dizê-lo até onde seja possível e torcer para que não se banalize..)

*Não se pode fazer arte só porque se tem um temperamento infeliz e doidinho. Um desânimo profundo. Pensei que só não deixava de escrever porque trabalhar é a minha verdadeira moralidade.*⁸

Quando nos referimos à *alma* (que já apareceu algumas vezes em palavra, quando em realidade está presente desde a primeira página), nos referimos, entre outras coisas, à *busca existencial de sentido*; algumas vezes pessoal – motor inicial deste trabalho – e outras (ou ao mesmo tempo) coletiva: no grupo de pesquisa, com alguns professores, escrevendo este *segredo*, estudando algumas *obras de autores*. Deste modo, esta procura não é uma “novidade”, nem proclama uma espécie de “psicologização” – superficial – da pesquisa, somente quer estar presente de uma forma *radical* e não escondida, já que nesta aparição esta escrita fortalece seu sentido *político*⁹.

Buscar, encontrar e de novo perder para de novo buscar é uma opção política que entende o mundo – e ao si mesmo – em constante transformação. A vida é o processo de compreensão *da própria vida* e do *mundo*, onde está (*ele*) o *outro* – em sentido geral – e o *estranho*, ou o *estrangeiro* dentro de mim.

Olha com o rabo do olho. Distraidamente: está, desaparece. Passa, pernas brancas, passa, cabelo molhado, volta, costas úmidas, uma última vez, descalça. Estranho.

É reflexo no espelho que depois desaparece.

- Algumas vezes me sinto cheia de corpo e de vida, outras, me vejo distante, como a embalagem de algo que poucas vezes se revela.

Ao interpretar as diferentes imagens dos Rulfos, eu



yo misma me iba *transformando*, inicialmente en la forma de pensar, -marcada fuertemente por cierta costumbre¹⁰ que da por sentado que es posible separar: sujeto de objeto, razón de sentimiento, pensamiento de acción, academia de literatura, método de contenido, introducción de conclusión etc., me iban dejando toda a pedazos, por no decir de las muchas veces que esa forma de relacionarme con lo que está *por conocer*, me dejó árida y sin motivaciones...- pero después y conforme profundizaba en la *interpretación*, las fotografías, el filme y los textos, me iban contando y volviendo a contar de una manera existencial, yo era inventada nuevamente por lo que estaba estudiando, por lo que estaba viendo. ¡Y como fui feliz de tanto sentirme viva!. (También sufrí pero era *otra forma* de sufrir)

*Existe también... No sé qué. Tal vez cualquier cosa que valga la pena. Por lo menos para mirar del bus y sonreír. O si no, por qué no entregase al mundo, así sea sin comprenderlo? Individualmente es absurdo buscar la solución. Ella se encuentra mezclada a los siglos, a todos los hombres, a toda la naturaleza. Y hasta tu mayor ídolo en la literatura o la ciencia, no hizo nada más que sumar ciegamente un dato más al problema.*¹¹

Son raras las personas que conocen alguna cosa sobre el alma ancestral, y todavía más las que creen en ella. ¿No somos todos portadores de la historia total de la humanidad? ¿Por qué es tan difícil considerar que cada uno de nosotros posee dos almas? Cuando un hombre completa cincuenta años de edad, solamente una parte de su ser existió por medio siglo. La otra parte, que también vive en su psiquis, puede tener millones de años (...) traté pacientes que tenían visiones sobre acontecimientos que ocurrieron hace muchas centenas de años. Todo esto solo puede provenir del inconsciente, del alma impersonal, del cerebro acabado del recién nacido. El hombre contemporáneo es apenas el más reciente fruto maduro del árbol de la raza humana. Ninguno



mesma me ia *transformando*, inicialmente na forma de pensar – marcada fortemente por certo costume¹⁰, que dá por certo que é possível separar: sujeito de objeto, razão de sentimento, pensamento de ação, academia de literatura, método de conteúdo, introdução de conclusão, etc. Isto ia me deixando toda em pedaços, por não falar das muitas vezes que essa forma de me relacionar com o que está *por conhecer* deixou-me árida e sem vontades... – mas depois, e conforme me aprofundava na *interpretação*, as fotografias, o filme e os textos iam me contando e voltando a contar de uma maneira existencial, eu era inventada novamente pelo que estava estudando, pelo que estava vivendo. E como fui feliz de tanto me sentir viva! (Também sofri, mas era *outra forma* de sofrer).



*Existe também... sei lá o quê. Talvez qualquer coisa que valha a pena. Pelo menos pra olhar do ônibus e sorrir. Ou se não, porque não se entrega ao mundo, mesmo sem compreendê-lo? Individualmente é absurdo procurar a solução. Ela se encontra misturada aos séculos, a todos os homens, a toda a natureza. E até o teu maior ídolo em literatura ou ciência nada mais fez do que acrescentar cegamente mais um dado ao problema.*¹¹

São raras as pessoas que conhecem alguma coisa sobre a alma ancestral e ainda menos as que acreditam nela. Não somos todos nós os portadores da história total da humanidade? Por que é tão difícil acreditar que cada um de nós possui duas almas? Quando um homem completa cinquenta anos de idade, somente uma parte de seu ser existiu por meio século. A outra parte, que também vive na sua psique, pode ter milhões de anos (...) tratei pacientes que tinham visões sobre acontecimentos que ocorreram há muitas centenas de anos. Tudo isso só pode provir do inconsciente, da alma impessoal, do cérebro acabado do recém-nascido. O homem contemporâneo é apenas o mais recente fruto maduro na árvore da raça humana. Nenhum

*de nosotros sabe lo que sabemos.*¹²

Parte de estas transformaciones, o al menos de las preguntas existenciales, de las preguntas del alma, estuvieron presentes los poemas de mi autoría¹³ y de una forma *compartida* en la selección de los fragmentos de los Rulfos en cada una de las cinco partes, que querían ser contadas como sueños¹⁴.

Todos los sueños revelan experiencias espirituales (...) El hombre civilizado, en sus sueños, revela su necesidad espiritual.

*Cuando la ciencia moderna desinfectó el cielo. No encontró a Dios. Algunos científicos dicen que la resurrección de Jesús, el nacimiento de un vientre de una virgen, los milagros; todas esas cosas que alimentaron el pensamiento cristiano a lo largo de eras, son bellas historias inverídicas. Pero yo digo. No olviden el hecho de que esas ideas que millones de hombres alimentaron de generación a generación, son grandes y eternas verdades psicológicas.*¹⁵

La primera parte titulada “*De aquellas barrancas suben*” fue agrupada pensando en cómo debería ser leído este texto, a manera de prólogo o introducción en nueve citaciones de Rulfo. Muchas de las ideas claves, que me acompañaron en la profundización del mundo de las imágenes (literarias, fotográficas y filmicas), en diálogo con algunas obras de autores consignados en la bibliografía y brevemente citados en este secreto, fueron puestas en esa parte, si se quiere de manera *condensada*, con la belleza de las palabras de un escritor, que en mi lectura iba encontrándose con esas otras ideas sobre la interpretación, el pensamiento como un viento, los vacíos de las preguntas, el sueño, el alma, de la vida del espíritu...

*Desgraciadamente el aspecto mítico del hombre se manifiesta en la actualidad muy esporádicamente. El hombre actual ya no es capaz de crear fábulas. Por ello se le escapan muchas cosas, pues es importante y saludable hablar también de las cosas inaccesibles.*¹⁶

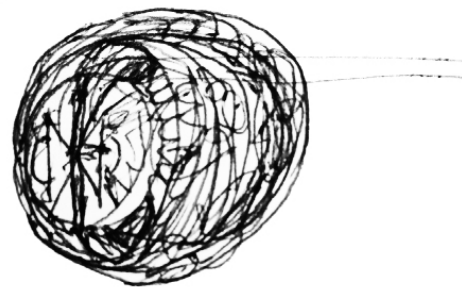
*de nós sabe o que sabemos.*¹²

Parte destas transformações, ou ao menos das perguntas existenciais, das perguntas da alma, estiveram presentes nos poemas de minha autoria¹³ e *compartilhada* na seleção dos fragmentos dos Rulfos em cada uma das cinco partes que queriam ser contadas como sonhos¹⁴.

Todos os sonhos revelam experiências espirituais,...) O homem civilizado, em seus sonhos, revela a sua necessidade espiritual.

*Quando a ciência moderna desinfetou o céu, não encontrou Deus. Alguns cientistas dizem que a ressurreição de Jesus, o nascimento no ventre de uma virgem, os milagres – todas essas coisas que alimentaram o pensamento cristão ao longo das eras, são belas histórias mas inverídicas. Mas eu digo. Não esqueçam o fato de que essas idéias que milhões de homens alimentaram de gerações em gerações são grandes e eternas verdades psicológicas.*¹⁵

A primeira parte, intitulada “*Daquelas colinas sobem*”, foi agrupada pensando em como deveria ser lido este texto, à maneira de prólogo ou introdução em nove citações de Rulfo. Muitas das idéias-chave que me acompanharam no aprofundamento do mundo das imagens (literárias, fotográficas e filmicas) em diálogo com algumas obras de autores expostos na bibliografia e brevemente citados neste segredo, foram postas nesta parte, de maneira *condensada*, com a beleza das palavras de um escritor, que em minha leitura ia se encontrando com estas outras idéias sobre a interpretação, o pensamento como um vento, os vazios das perguntas, o sonho, a alma, a vida do espírito...



*Desgraçadamente, o aspecto mítico do homem se manifesta na atualidade muito esporadicamente. O homem atual já não é capaz de criar fábulas. Por isso, escapam-se dele muitas coisas, pois é importante e saudável falar também das coisas inacessíveis.*¹⁶

*Dame tu mano desconocida que la vida me está doliendo y no sé cómo hablar –la realidad es demasiado delicada, sólo la realidad es delicada.*¹⁷

-¿Y ese fondo blanco?-

Ah! Eso, es un telón para proyectar tu sueño...

Para exponer este proceso (...) no puedo utilizar el lenguaje científico; pues yo no puedo experimentarme como problema científico.

Lo que se es según la intuición interna y lo que el hombre parece ser (...) se puede expresar sólo mediante un mito. El mito es más individual y expresa la vida con mayor exactitud que la ciencia. La ciencia trabaja con conceptos de término medio que son demasiado generales para dar cuenta de la diversidad subjetiva de una vida individual.

*Así pues, me he propuesto hoy (...) explicar el mito de mi vida. Sin embargo no puedo más que hacer más que afirmaciones inmediatas, sólo “contar historias”. Si son verdaderas no es problema.*¹⁸



- Entender, comprender no está solo en lo explícito: no se trata de entender únicamente las palabras, sino también lo que está en las entrelineas, aquello que *está* silenciado. También se puede pensar y comprender mediante aquello que no es dicho. Mediante la escogencia.

Comprender no es decir lo que habló el otro: es pasar una idea a otra que la exprese. Así, comprender es reconstruir, entender cómo fue armado el pensamiento. Comprender es rehacer el camino (no quitar las dudas o los malos entendidos) obteniendo otros resultados.

Una persona es un proceso psíquico que ella misma no domina, o solo parcialmente. Por eso no puede dar un juicio final de sí misma ni de su vida. Para ello tendría que saber todo lo que le concierne pero a lo máximo que llega es a figurarse que lo sabe. En el fondo, uno nunca sabe cómo ha ocurrido nada. La historia de una persona tiene un comienzo, en cualquier punto

*Dá-me a tua mão desconhecida que a vida está me doendo, e não sei como falar – a realidade é delicada demais, só a realidade é delicada.*¹⁷

- E esse fundo branco?

Ah! Esse é uma tela para projetar seu sonho...

Para expor este processo (...) não posso utilizar a linguagem científica, pois eu não posso me experimentar como um problema científico.

O que se é segundo a intuição interna e o que o homem parece ser (...) pode-se se expressar somente mediante um mito. O mito é mais individual e expressa a vida com maior exatidão que a ciência. A ciência trabalha com conceitos de meio-termo que são demasiados gerais para dar conta da diversidade subjetiva de uma vida individual.

*Assim, tenho-me proposto hoje (...) a explicar o mito de minha vida. Porém, não posso fazer mais do que afirmações imediatas, apenas “contar histórias”. Se são verdadeiras não é o problema.*¹⁸

- Entender, compreender, não está somente no explícito, não se trata de entender unicamente as palavras, mas também o que está nas entrelinhas, aquilo que está silenciado. Também se pode pensar e compreender mediante aquilo que não é dito. Mediante a escolha.

Compreender não é dizer o que o outro falou, é passar uma idéia a outra que a expresse, assim compreender é reconstruir, entender como foi armado o pensamento. Compreender é refazer o caminho (não tirar as dúvidas ou os mal-entendidos), obtendo outros resultados.

Uma pessoa é um processo psíquico que ela mesma não domina, ou domina parcialmente. Por isso, não pode dar um juízo final de si mesma nem de sua vida. Para isto, ela teria que saber tudo o que a concerne, mas o máximo que chega é acreditar que o sabe. No fundo, um nunca sabe como ocorreu nada. A história de uma pessoa tem um começo, em qualquer ponto

*del que ella se acuerde, pero ya entonces era muy complicado. Uno no sabe adónde va a parar la vida. Por eso el relato no tiene comienzo, y la meta sólo se puede indicar aproximadamente.*¹⁹

-Pero es que este trabajo es también la escucha intensa de voces, murmullos, canciones lejanas -

*De mí estoy asombrado, desilusionado, contento. Estoy triste, abatido, entusiasmado. Yo soy todo eso también y no puedo sacar la suma. No estoy en condiciones de comprobar un valor o una imperfección definitivos, no tengo juicio alguno sobre mi vida ni sobre mí. De nada estoy seguro del todo. No tengo convicción alguna definitiva, propiamente de nada. Sólo sé que nací y existo y me da la sensación de que soy llevado. Existo sobre la base de algo que no conozco. Pese a toda la inseguridad, siento una solidez en lo existente y en la continuidad de mi ser.*²⁰

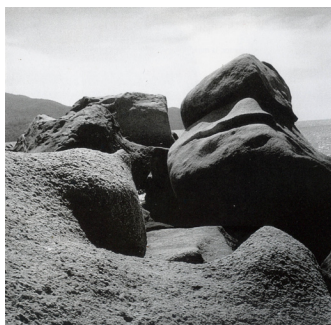
- Estás viendo, *meu amor*, cómo tener fe puede ser una actitud de conocimiento; porque es necesario confiar en que hay *algo* que no conozco para poder preguntarme por lo que es, y ahí... ahí comenzar a indagar, a pensar, pero siempre en el acogimiento del mundo como misterio que puede ser descubierto, sentido.

*que ela se lembre, mas já então era muito complicado. Ninguém sabe aonde vai parar a vida. Por isso, o relato não tem começo, e a meta só pode se indicar aproximadamente.*¹⁹

- Mas é que este trabalho é também a escuta intensa de vozes, murmúrios, canções distantes.

*Sobre mim estou assombrado, desiludido, contente. Estou triste, abatido, entusiasmado. Eu sou tudo isso também e não posso obter o total. Não estou em condições de comprovar um valor ou uma imperfeição definitivos, não tenho juízo algum sobre minha vida nem sobre mim. Sobre nada estou seguro totalmente. Não tenho convicção definitiva alguma, propriamente de nada. Só sei que nasci e que existo e me dá a sensação que sou levado. Existo sobre a base de algo que não conheço. Apesar de toda a insegurança, sinto uma solidez no que existe e na continuidade do meu ser.*²⁰

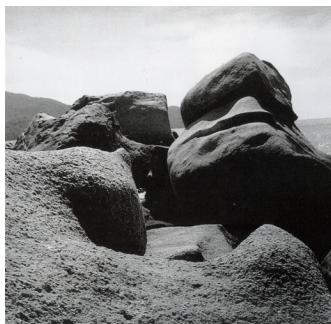
- Está vendo, *meu amor*, como ter fé pode ser uma atitude de conhecimento? Porque é necessário confiar que há *algo* que não conheço para poder me perguntar sobre o que é, e aí.. aí começar a indagar, a pensar, mas sempre no aconchego do mundo como mistério que pode ser descoberto, sentido.



La primera foto seleccionada, *Formación Rocosa*, realza la textura de unas rocas gigantes a la orilla del mar suavemente insinuado a la derecha. Al fondo las montañas y un cielo despejado componen una atmósfera de quietud, de silencio. ¿Cuántos cientos de años esas rocas han estado *ahí* sentadas mirando el mar y las estrellas?, claro, ellas están en algún lugar de México, pero al mismo tiempo *están en el comienzo del tiempo*, como si fueran inmensos huevos prehistóricos o simplemente la espalda de un animal gigante, esperando a que el sol lo caliente, o a que una presa descuidada le dé un chance... También es la primera piedra, la piedra fundadora, Pedro: piedra... Pedro Páramo... piedra fundadora de este trabajo... *sentidos* que se entretejen, esa *no es únicamente* la roca que se puede ver con los ojos de carne, ella se desdobla a otros lugares al mismo tiempo... aparecerá después en las palabras del escritor...y la película del hijo...

*Vine a Comala porque me dijeron que acá vivía mi padre. Un tal Pedro Páramo.*²¹

-Y Juan Carlos fué a lo mismo y se encontró el olvido y el no me acuerdo. (Pero no sólo eso, ... ese es el problema de poner así este secreto, parece como si alguna de estas



A primeira foto selecionada, *Formação Rochosa*, realça a textura de umas rochas gigantes na orla do mar, suavemente insinuado à direita. Ao fundo, as montanhas e um céu limpo compõem uma atmosfera de quietude, de silêncio. Quantos centos de anos estas rochas têm estado sentadas *aí*, olhando o mar e as estrelas?, claro, elas estão em algum lugar do México, mas ao mesmo tempo *estão no começo do tempo*, como se fossem imensos ovos pré-históricos ou simplesmente as costas de um animal gigante, esperando que o sol os aqueça, ou que uma presa descuidada lhes dê uma chance... Também é a primeira pedra, a pedra fundadora, Pedro: pedra... Pedro Páramo... pedra fundadora deste trabalho... *sentidos* que se entretencem, esta *não é unicamente* a rocha que se pode ver com os olhos de carne, ela se desdobra em outros lugares ao mesmo tempo... aparecerá depois nas palavras do escritor... e no filme do filho...

*Vim a Comala porque me disseram que aqui vivia meu pai. Um tal de Pedro Páramo.*²¹

- E Juan Carlos fez o mesmo e se encontrou com o esquecido e o não-me-lembro. (Mas não somente a isso, ... esse é o problema de colocar assim este segredo, parece como

interpretaciones se solidificaran, se cristalizaran, o fueran conclusiones, pero eso no pasó, ellas están moviéndose, se movieron todo el tiempo en la escritura)



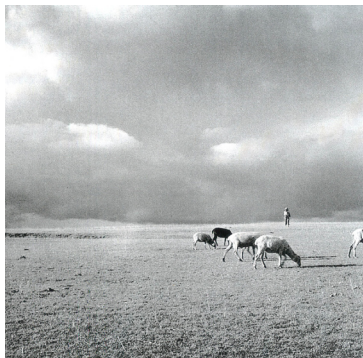
En el principio, Dios creo el cielo y la tierra(...) Y Dios llamó al firmamento de “cileo” (...) Y Dios llamó al suelo seco de “tierra”, y al conjunto de las aguas “mar”. Y Dios vio que era bueno.²²

Llano en llamas... y los corderos, los hombres y las hierbas en su inmensidad, paisaje Mexicano, paisaje bíblico, paisaje de un comienzo que está, aquí y allá, la creación vuelta a contar... para quien tiene ojos para ver. Ver para creer... -¿sientes el calor *meu amor?*, o acaso la tuya es una pradera tranquila que no arde en revoluciones, amores, rezos y crueldades humanas, humanas tan humanas...

Inmensidad del desierto..., partir sin saber si se va a volver, con la única seguridad de que lo que se hace es andar, sentido que se hace en el desplazamiento... tesis de maestría que se hace para andar, para caminar con ella y no necesariamente para llegar... ²³

- Lo que tienes en tus manos es una huella, para testimoniar que estuve aquí y que amé, ¿que qué haces con ella?, ella no sirve para nada, tal vez sólo para estar, para vivir, para que tu también comiences tus andanzas, para contarte que así fue...pero que también así será (de otras formas, ¿cómo saber?) cada vez que sea leída... porque yo seguiré las caminadas hasta deshacerme-

se algumas destas interpretações se solidificaram, se cristalizaram ou se tornaram conclusões. Mas isso não aconteceu, elas estão se movimentando, se moveram todo o tempo na escrita.)



*No princípio, Deus criou o céu e a terra
(...) E Deus chamou ao firmamento “céu” (...) E
Deus chamou ao chão seco “terra”, e ao conjunto
das águas “mar”. E Deus viu que era bom.²²*

Chão em chamas... e os cordeiros, os homens e as ervas em sua imensidão, paisagem Mexicana, paisagem bíblica, paisagem de um começo que está aqui e lá, a criação volta a contar... para quem tem olhos para ver. Ver para crer... Sente o calor, *meu amor?*, ou acaso a sua é uma pradaria tranqüila que não arde em revoluções, amores, rezas e crueldades humanas, humanas tão humanas...

Imensidão do deserto... partir sem saber se vai voltar, com a única segurança de que o que se faz é andar, sentido que se faz no deslocamento... dissertação de mestrado que se faz para andar, para caminhar com ela e não precisamente para chegar... ²³

- O que você tem em suas mãos é um rastro para testemunhar que estive aqui e que amei, que faz com ela?, ela não serve para nada, talvez apenas para estar, para viver, para que você também comece suas andanças, para te contar que assim foi, mas que também assim será (de outras formas, como saber?) cada vez que seja lida... porque eu seguirei as caminhadas até me desmanchar.

- Vamos, vamos para ver que es lo qué tiene *adentro*, un paso detrás de otro... pero si es un sueño... ¿cómo es que vamos a caminar en sueño? No sé, de cualquier forma en blanco y negro... corriendo, caminando, volando, apareciendo y desapareciendo...

Las otras cuatro partes, cada una se inspiró en un personaje del filme, y cada párrafo o frase es seguido de una nota a pie de página que explica la fuente de donde se obtuvo. Únicamente los poemas o las frases de mi autoría no tienen citación, y para ayudar a esta señalización se crearon íconos que van al lado de cada una de las voces que intervienen.

-Estamos todos conversando, unas veces apenas con murmullos, otras veces gritando, solos y reunidos, descubriendo el ritmo, componiendo una melodía.

Pero qué abismo entre la palabra y lo ella intentaba, qué abismo entre la palabra amor y el amor que no tiene ni siquiera sentido humano-porque- porque el amor es la materia viva. ¿El amor es la materia viva? ²⁴

De la misma forma como fueron tratadas las fotografías, el filme “*Del olvido al no me acuerdo*” no fue analizado, en el sentido de haberlo *tematizado*, y sobre la escogencia de un asunto en particular haber recurrido a otras *fuentes* o referencias teóricas para poner las dos cosas a hablar, exclusivamente. Estudié la película de diferentes formas: editándola, lo que me permitió imaginar y entender cómo había sido el montaje, descubrir que pese a que los personajes hablaban todo el tiempo, Juan Carlos Rulfo filmó el olvido que había entre todos esos recuerdos, filmó algo que no está más porque se olvidó, filmó algo que pasó y que no está fijo como la memoria... recuerdo que fue ésta una de las cosas que más me impresionó, y que tenía mucho que ver con la comprensión de las entrelineas.

Si falta el mundo intermedio de la fantasía mítica el espíritu está amenazado por la rigidez del doctrinarismo. Pero, a la inversa, la consideración de los principios míticos comporta también un peligro para los espíritus débiles y sugestionables: el peligro de tomar los presen-

- Vamos, vamos para ver o que tem *dentro*, um passo atrás do outro... mas se é um sonho, como é que vamos caminhar em sonho? Não sei, de qualquer forma, em branco e preto... correndo, caminhando, voando, aparecendo e desaparecendo...

A cada uma das outras quatro partes se inspirou em um personagem do filme, e cada parágrafo ou frase são seguidos de uma nota de rodapé que explica a fonte de onde foi retirada. Unicamente os poemas e a frases de minha autoria não têm citação e, para ajudar a sinalização, se criaram ícones que vão ao lado de cada uma das vozes que intervêm.

- Estamos todos conversando, umas vezes apenas como murmúrios, outras vezes gritando, sós e juntos, descobrindo o ritmo, compondo uma melodia.

*Mas que abismo entre a palavra e o que ela tentava, que abismo entre a palavra amor e o amor que não tem sequer sentido humano – porque – porque amor é a matéria viva. Amor é a matéria viva?*²⁴

Da mesma maneira como foram tratadas as fotografias, o filme “*Del olvido al no me acuerdo*” não foi analisado, no sentido de tê-lo *tematizado*, e também não foi feita a escolha de um assunto em particular que tenha precisado de outras fontes ou referências teóricas para colocar tanto os temas quanto as fontes a falar exclusivamente. Estudei o filme de diferentes maneiras: editando-o, me permitiu imaginar e entender como havia sido feita a montagem, descobrir que apesar dos personagens falarem o tempo todo, Juan Carlos Rulfo filmou o esquecimento que havia entre todas essas lembranças, filmou algo que não está mais porque se esqueceu, filmou algo que passou e que não está fixo como uma memória... recordo que foi esta uma das coisas que mais me impressionou e que tinha muito a ver com a compreensão das entrelinhas.

Se falta o mundo intermediário da fantasia mítica, o espírito está ameaçado pela rigidez da doutrina. Mas, pelo contrário, a consideração dos princípios míticos comporta também um perigo para os espíritos débeis e sugestionáveis: o perigo de tomar os pressentimentos por conhe-

*timientos por conocimientos y de hipostasiar las fantasmagorías.*²⁵

- Un poco por eso, es necesaria cierta disciplina que impone la forma, para no perderse. -

Otra manera como el filme se convirtió en texto de estudio fue señalizando las diferentes secuencias en su orden original para ver de qué manera los personajes y sus historias eran entretajadas, y ahí llegó otra comprensión importante: el sonido. El director editó el sonido, obteniendo el mismo tratamiento que las imágenes; en unas partes era disminuido, en otras aumentado, en otras se adelantaba a la imagen, en otras era incluida una frase del mismo Rulfo²⁶ y así muchas más posibilidades... De manera que también las diferentes voces del texto se entrecortan, se repiten, cambian de la primera a la segunda persona, mezclan tonos de voz (de una respuesta a una entrevista, después a un discurso o a un diálogo de la película o de un cuento) para encontrar una unidad.

*(...) la vida de la psique no necesita ni espacio ni tiempo. La existencia psíquica, particularmente las imágenes internas de las que actualmente nos ocupamos, proporcionan la materia para todas las especulaciones míticas acerca de una existencia en el otro mundo, y ésta me la imagino como un progreso en el mundo de las imágenes. Así la psique podría ser aquella existencia en la que se encuentra el "otro mundo" o "el país de los muertos". El inconsciente y el país de los muertos son en ese sentido sinónimos.*²⁷

Las dos últimas formas de *trabajo* que cabe señalar se concentraron en dos *ejercicios*; uno consistió en separar algunos cuadros del filme que tuvieran alguna semejanza o que recordaran las fotografías de Rulfo papá, de donde pude ver cómo las ruinas, las mujeres con pañolón, los horizontes, entre otras cosas, permanecen. No sólo porque los dos vienen de los mismos lugares geográficos, sino porque los dos construyen un mundo *de sueños*, un mundo donde *los muertos sin tiempo o espacio literal* existen. La última cosa que hice y que ter-

*cimentos e tornar as fantasmagorias reais.*²⁵

- Um pouco por isso, é necessária certa disciplina que impõe a forma, para não se perder.

Outra forma como o filme se converteu em texto de estudo foi sinalizando as diferentes seqüências em sua ordem original para ver de que maneira os personagens e suas histórias eram entrecidos, e ali chegou outra compreensão importante: o som. O diretor editou o som, obtendo o mesmo tratamento que as imagens; em umas partes era diminuído, em outras, aumentado, em outras, se adiantava à imagem; em outras, era incluída uma frase do mesmo Rulfo²⁶ e assim outras tantas possibilidades... De maneira que também as diferentes vozes do texto se entrecortam, se repetem, mudam da primeira para a segunda pessoa, misturam tons de voz (de uma resposta a uma entrevista, depois a um discurso ou diálogo de filme ou de um conto) para encontrar uma unidade.



*(...) a vida da psique não precisa nem espaço nem tempo. A existência psíquica, particularmente as imagens internas das que atualmente nos ocupamos, proporciona a matéria para todas as especulações míticas acerca de uma existência em um outro mundo, e esta imagino como um progressor no mundo das imagens. Assim, a psiquê poderia ser aquela existência na qual se encontra o “outro mundo” ou “o país dos mortos”. O inconsciente e o país dos mortos são nesse sentido sinônimos.*²⁷

As duas últimas formas de *trabalho* que cabe sinalizar se concentraram em dois *exercícios*; um consistiu-se em separar alguns quadros do filme que tiveram alguma *semelhança* ou que *recordaram* as fotografias de Rulfo, o pai, de onde pude *ver* como as ruínas, as mulheres com véus, os horizontes, entre outras coisas, permanecem, não somente porque os dois vêm dos mesmos lugares geográficos, mas sim porque os dois constroem um mundo *de sonhos*, um mundo onde *os mortos sem tempo ou espaço literal* existem. A última coisa que fiz e que terminou

minó estructurando algunas de las partes escritas fue la reedición de tres personajes del filme: Clara, la esposa de Rulfo; la mujer que inicialmente aparece en el filme con un pañolón en la cabeza y que canta, el hombre que habla con el diablo... a esta edición se le sumó la transcripción de los diálogos, que aparecen en cada una de las partes.

- *Ah, no retires de mi tu mano, yo me prometo que tal vez hasta el fin de este relato imposible, tal vez yo entienda, o tal vez por el camino del infierno llegue a encontrar lo que nosotros necesitamos- pero no retires tu mano, así yo sepa que encontrar tiene que ser por el camino de lo que somos, si consigo no hundirme definitivamente en aquello que somos.*²⁸

Qué bueno que no hay nadie para poder andar así por la casa. Piensa así mientras la recorre. En el cuarto casi nada. Todo lo que tiene le cabe en una maleta.

-Sin embargo hay momentos en que he creído que lo que me cabe (adentro) es el mundo-.

Casa ambulante, casa caracol.

-Mi casa soy yo-.

Otra idea-imagen que podría ayudar para una mejor comprensión de este texto, está dada por el *lugar* en donde me encuentro a la hora de *escribir y/o hablar* sobre los Rulfos, ya que estoy en el entrecruzamiento del español (lengua materna e idioma original de las obras) y el portugués (lengua en la que debe estar este texto, con la que me comunico y en la que leo), de una para la otra y viceversa, de modo que *el sentido, el significado* no está en las palabras –sino, no sería posible la *traducción*-, entonces ¿*en dónde está?*

- Ahí donde esta el corazón de este trabajo -

El acto de traducir poesía no implica, en principio, la prevalencia de ningún proceso consciente de “descostrucción” textual o “intervención” coautoral. Lo que prevalece en la escritura poética traducida, en mi opinión, es la “angustia de la autoría”, cuando el autor-poeta-traductor, al mismo tiempo que ansía por hacer “suyo” un texto ajeno, no se reconoce en ese texto. ²⁹

estruturando algumas das partes escritas foi a reedição de três personagens do filme: Clara, a esposa de Rulfo; a mulher que inicialmente aparece no filme com um véu na cabeça e canta; o homem que fala com o diabo... a esta edição foi somada a transcrição dos diálogos que aparecem em cada uma das partes.

- Ah, não retires de mim a tua mão, eu me prometo que talvez até o fim deste relato impossível talvez eu entenda, oh talvez pelo caminho do inferno eu chegue a encontrar o que nos precisamos - mas não retires tua mão, mesmo que eu saiba que encontrar tem que ser pelo caminho daquilo que somos, se eu conseguir não me afundar definitivamente naquilo que somos. ²⁸

Que bom que não há ninguém para poder andar assim pela casa. Pensa assim enquanto a percorre.

No quarto, quase nada. Tudo o que tem cabe em uma maleta.

- Porém há momentos em que acreditei que o que me cabe (dentro) é o mundo.

Casa ambulante, casa caracol.

- Minha casa sou eu.

Outra idéia-imagem que poderia ajudar uma melhor compreensão deste texto está dada pelo *lugar* onde me encontro na hora de *escrever e/ou falar* sobre os Rulfos, já que estou na encruzilhada do espanhol (língua materna e idioma original das obras) e o português (língua na qual deve estar este texto, com a qual me comunico e a que leio), de uma para a outra, e vice versa, de modo que *o sentido, o significado* não está nas palavras – senão não seria possível a *tradução* – então, *onde está?*

- Ali, onde está o coração deste trabalho.

O ato de traduzir poesia não implica, em princípio, a prevalência de nenhum processo consciente de “desconstrução” textual ou “intervenção” co-autoral. O que prevalece na escrita poética traduzida, a meu ver, é a “angústia da autoria”, quando o autor-poeta-tradutor, ao mesmo tempo em que anseia por tornar “seu” um texto alheio, não se reconhece nesse texto. ²⁹

-La interpretación pone todo junto, todo sobre la mesa, en reunión; a diferencia del conocimiento especializado.

Todo texto es compuesto por “estados” momentáneos de lectura, inestables por naturaleza. Cada traducción toma como punto de partida varias instancias interpretativas, cada una oriunda de un determinado “momento textual”, el texto en sus múltiples partes y no el texto como un todo no divisible. Esta visión “personal” del proceso de traducción, considera el texto original, el traductor y su traducción como entes inconclusos y esencialmente mutantes. O sea: siempre que un texto es abordado por alguien, es un nuevo alguien que aborda un nuevo texto. Se hace una nueva lectura, se tiene una nueva visión/ interpretación/traducción de ese mismo texto, son captados nuevos aspectos intra/extra/con/textuales. El texto, como el ser humano, es agua y no piedra. El poema es lo que es, el texto no (ni el traductor): éstos fueron, están siendo, podrán llegar a ser.³⁰

- ¿Pero dónde está que no lo vi?

... Palpitando en Comala, en la Colina de las Comadres, en Tonaya que son y no son Jalisco y San Gabriel... que están en *ninguna parte*, inmenso Llano en llamas...para caminar bajo su sol calcinante, o bajo su noche y el viento. En la espera, escribiendo poemas de amor inacabados...

Estar entre, entre las palabras, que son leídas pero que también nos leen, entre la imagen que vemos pero que también nos mira, sentido que aparece y se escapa, sentido que como aire nos impulsa pero es imposible de ser agarrado en su totalidad, pensamientos que son siempre una posibilidad.

-Entre las palabras y el sentido hay un abismo y ese abismo es político; es humano.

Déjeme decirle que hablo con usted a solas, a veces de madrugada. Le repito las preguntas que me hago, y su respuesta se me olvida antes que pueda recordarla. En silencio.

No, claro que no hay maldad, tal vez un poco de crueldad, sólo que siempre es mayor la impotencia.

Su silencio y mi dolor me dejaron en otro lugar, uno grande donde ya no hay senti-

- A interpretação põe tudo junto, tudo sobre a mesa, em reunião; a diferença do conhecimento especializado.

Todo texto é composto de “estados” momentâneos de leitura, instáveis por natureza. Cada tradução toma como ponto de partida várias instâncias interpretativas, cada uma delas oriunda de um dado “momento textual”: o texto em suas múltiplas partes e não o texto como um todo não-divisível. Esta visão “pessoal” do processo tradutório considera o texto original, o tradutor e sua tradução como entes inconclusos e essencialmente mutáveis. Ou seja: sempre que um texto é abordado por alguém, é um novo alguém que aborda um novo texto. Faz-se uma nova leitura, tem-se uma nova visão/ interpretação/tradução desse mesmo texto, são captados novos aspectos intra/extra/co/com/textuais. O texto, como o ser humano, é água e não pedra. O poema é que é, o texto não (nem o tradutor): estes foram, estão sendo, poderão vir a ser.³⁰

- Mas onde está que não o vi?

... Palpitando em *Comala*, na *Colina das Comadres*, em *Tonaya* que são e não são Jalisco e São Gabriel... que estão em *nenhuma parte*, imenso *Chão em Chamas*... para caminhar embaixo do sol calcinante, ou sob a noite e o vento. Na espera, escrevendo poemas de amor inacabados...

Estar entre, entre as palavras, que são lidas mas que também nos lêem, entre a imagem que vemos mas que também nos vê, sentido que aparece e escapa, sentido que como o ar no impulsiona mas é impossível de ser agarrado em sua totalidade, pensamentos que são sempre uma possibilidade.

- Entre as palavras e o sentido há um abismo e esse abismo é político, é humano.

Deixa-me dizer que falo sozinha com você, às vezes de madrugada. Lhe repito as perguntas que me faço, e eu esqueço sua resposta antes que possa recordá-la. Em silêncio.

Não, claro que não há maldade, talvez um pouco de crueldade, só que sempre é maior a impotência.

Seu silêncio e a minha dor me deixaram em outro lugar, um grande onde já não há

mientos. Un lugar que está dentro de una pregunta. A veces creo que no hay desplazamiento a ninguna parte específica, lo que hay es intensidades posibles.

-Sigo sin entender-

-Acaso no ves que no se trata solamente de entender una cosa sino de expresarla... ahí otra vez caíste en la dualidad!... Es claro que para expresar también necesitas entender...-

Algunos de los textos utilizados no poseen traducción oficial para el portugués, entre ellos el cuaderno de notas de Juan Rulfo, las cartas de amor a Clara, y la entrevista para la televisión española que Rulfo dio a finales de los años 70, por mencionar sólo algunos de los lugares de donde fueron tomados los diferentes fragmentos, y en este ejercicio de traducción, que no fue individual, y no sólo de una lengua para otra, los sentidos aparecen y se esfuman, muestran una dirección que se acompaña hasta que se agota, evitando la repetición, sordo camino circular, momento de volver a iniciar en otra dirección.

- El poema traducido, al final, es como un móvil, algo frágil e inestable -³¹

(...) Era consciente de que no hablaba todavía el lenguaje adecuado, que debía todavía traducirlo. Así pues, pronto renuncié a lo estético y me esforcé formalmente en comprender. Veía que tantas fantasías requerían una base firme y que en primer lugar debía volver a la realidad humana (...) El retoque estético en el Rotes Buch [Libro Rojo] era necesario por más que ello me molestase, pues sólo gracias a ello tuve conocimiento de mi obligación moral respecto a las imágenes. Influyó poderosamente en mi vida. Comprendí que ningún lenguaje es tan perfecto que se pueda sustituir la vida. Si se intenta sustituir la vida, no sólo no se consigue, sino que la vida se arruina. ³²

Evité hacer referencia - a pesar de consultar algunos comentadores o estudiosos de la obra - ya que no sólo se trata de una bibliografía extensa, inagotable - demostrando que por eso mismo Rulfo es un autor potente, permitiendo relecturas infinitas-, sino que desde el comienzo

sentimentos. Um lugar que está dentro de uma pergunta. Às vezes creio que não há deslocamento a nenhuma parte específica, o que há é a intensidades possíveis.

- Sigo sem entender.

- Acaso não vê que não se trata somente de entender uma coisa senão de expressá-la? Ai, outra vez caiu na dualidade! É claro que para expressar também precisa entender...

Alguns dos textos utilizados não possuem tradução oficial para o português, entre eles o caderno de notas de Juan Rulfo, as cartas de amor a Clara e a entrevista para a televisão espanhola ao final dos anos 70, só por mencionar alguns lugares de onde foram tomados os diferentes fragmentos, e neste exercício de tradução, que não foi individual e não só de uma língua para outra, os sentidos aparecem e se esfumam, mostram uma direção que acompanha até que se esgota, evitando a repetição, surdo caminho circular, momento de voltar a iniciar em outra direção.

- O poema traduzido, afinal, é como um móbile, algo frágil e instável.³¹

(...) Era consciente de que não falava ainda a linguagem adequada, que devia ainda traduzi-lo. Assim, logo renunciei ao estético e me esforcei formalmente em compreender. Via que tantas fantasias requeriam uma base firme e que em primeiro lugar deveria voltar à realidade humana (...) O retoque estético no Rotes Buch [Livro Vermelho] era necessário por mais que ele me incomodasse, pois só graças a isto tive conhecimento de minha obrigação moral em respeito às imagens. Influiu poderosamente em minha vida. Compreendi que nenhuma linguagem é tão perfeita que possa substituir a vida. Caso se tente substituir a vida, não só não se consegue, mas também a vida se arruína.³²

Evitei fazer referências apesar de consultar alguns comentadores ou estudiosos da obra já que não só se trata de uma bibliografia extensa, inesgotável – demonstrando que por isso mesmo Rulfo é um autor potente, permitindo releituras infinitas –, senão que desde o começo

este trabajo no se propuso, como lo dije anteriormente, sumar en la dirección de las ideas terminadas, tampoco colocar en el *centro* alguna hipótesis única en términos literarios, lingüísticos o filosóficos. Se podría decir que consistió en un ejercicio de interpretación de diferentes imágenes (literarias, fotográficas y filmicas) que además de producir un ejercicio literario, como forma de conocimiento sobre las imágenes en cuestión, terminó siendo un lugar de reflexión sobre la interpretación como forma de pensamiento y de conocimiento en un sentido más general.

En fin, estas cosas las escribí para ti que estas allá queriendo salvar tu corazón de mi amor tormenta; como intento de hallar un lugar en donde podamos encontrarnos y conversar, ¿alguna vez te imaginaste que así hayan pasado dos años y ya casi tres, todavía faltaban cosas que quería contarte?...

Al *interpretar* las imágenes de las fotografías, la *literatura* y el *filme*, no sólo estaba al frente de unas imágenes particulares que sugerían determinados caminos de interpretación; estaba también frente a una forma específica –no la única– de responder a lo que significa pensar y conocer, o simplemente preguntarme por el mundo en el que estoy viva, del cual no sólo es posible obtener respuestas a través de lo que se llama –y se separa– comúnmente de reflexión o de la acción, sino a la vez de lo que imagino o recuerdo. Interpretar imágenes, abre para quien opta por este camino de pensamiento, diferentes dimensiones de significado, de resonancias, de ecos, que establecen distintas conexiones que no son únicamente causales; además de estimular la capacidad humana innata de responder al mundo no sólo de forma conceptual sino a la vez de manera simbólica, asociativa y emocional.

La relación que se estableció con las imágenes puede dar la impresión de estar comprometida únicamente con el mundo *interior*, el de los objetos internos, lo que no significa que también, que al mismo tiempo sea una forma de respuesta al *mundo*. Pensar y crear otras imágenes –especialmente literarias– a partir de las imágenes de los Rulfos, tuvo que ver con la forma como se pueden generar símbolos, que es una capacidad humana de primer orden; entrecruce de lo personal y lo colectivo, entre el

este trabalho não se propôs, como se disse anteriormente, somar na direção das idéias terminadas, tampouco colocar no *centro* alguma hipótese única em termos literários, lingüísticos ou filosóficos. Poderia-se dizer que consistiu num exercício de interpretação de diferentes imagens (literárias, fotográficas e filmicas) que além de produzir um exercício literário como forma de conhecimento sobre as imagens em questão, terminou sendo um lugar de reflexão sobre a interpretação como forma de pensamento e de conhecimento em um sentido mais geral.

Enfim, estas coisas as escrevi para você que está lá querendo salvar seu coração de meu amor tormentoso; como intenção de encontrar um lugar aonde possamos nos encontrar e conversar, alguma vez se imaginou que tenham-se passado dois anos e já quase três, e que ainda faltassem coisas que queria lhe contar?...

Ao interpretar as imagens das fotografias, da literatura e do filme, não só estava frente a imagens particulares que sugeriam determinados caminhos de interpretação; estava também frente a uma forma específica – não a única – de responder ao que significa pensar e conhecer, ou simplesmente perguntar-me pelo mundo no qual estou viva, do qual não somente é possível obter respostas através do que se chama – e se separa – comumente de reflexão ou de ação, senão também através do que imagino e recordo. Interpretar imagens abre para quem opta por esse caminho de pensamento diferentes dimensões de significado, de ressonâncias, de ecos, que estabelecem distintas conexões que não são unicamente causais; além de estimular a capacidade inata de responder ao mundo não só de maneira simbólica, associativa e emocional.

A relação que estabeleci com as imagens pode dar a impressão de estar comprometida unicamente com o mundo *interior*, o dos objetos internos, o que não significa que também, que ao mesmo tempo, seja uma forma de resposta ao *mundo*. Pensar e criar outras imagens – especialmente literárias – a partir das imagens dos Rulfos, esteve relacionado com a forma pela qual se pode gerar símbolos, que é uma capacidade humana de primeira ordem; encruzilhada do pessoal e do coletivo, entre o mundo externo e interno que se encontram comunicados em

mundo externo e interno que se encuentran comunicados en una interacción constante, inseparable, política.

Las interpretaciones hechas sobre las imágenes de Rulfo, las mías y las hechas por personas diferentes, no deben ser entendidas como absolutas o inmutables, ya que correríamos el riesgo de hacer de imágenes que son ricas en posibilidades, profundidades y sentidos, imágenes completamente estereotipadas y rígidas, sacrificando su dinamismo, su *vida* (que está dada en la posibilidad que cada uno tiene de encontrar y atribuir sentido, y no de aprender uno ya determinado, dado, establecido como verdad).

De la misma forma, al no encuadrar la interpretación de las imágenes a una línea teórica única, al no pretender su traducción a un lenguaje analítico, las imágenes de los Juanes me llevaron a otras, manteniendo un flujo de imágenes asociadas que tienen un sentido compartido pese a su diversidad y multiplicidad –por eso es que fragmentos de tan diferente procedencia: cuentos, cartas, recuerdos, entrevistas, fotos, filmes pudieron estar juntos. Partían, si se quiere, de alguna imagen inicial que era ampliada por las otras – sin mantener un orden jerárquico de importancia -. Unas veces para aclarar, otras para contradecir, en fin, para una continua renovación de las mismas imágenes y de la imaginación de quien interpretaba.

Así, al optar por la *interpretación* como forma de conocimiento del mundo, no se busca prioritariamente la solución de problemas o la identificación de errores: se trata de imaginar, cuestionar y profundizar significados para la renovación y transformación de quien se pregunta y de la experiencia colectiva de lo que significa pensar, conocer y también vivir.



uma interação constante, inseparável, política.

As interpretações feitas sobre as imagens de Rulfo, as minhas e as feitas por pessoas diferentes, não devem ser entendidas como absolutas ou imutáveis, já que correríamos o risco de fazer de imagens que são ricas em possibilidades, profundidades e sentidos imagens completamente estereotipadas e rígidas, sacrificando seu dinamismo, sua *vida* (que está dada na possibilidade que cada um tem de encontrar e atribuir sentido e não de aprender um já determinado, dado, estabelecido como verdade).

Da mesma forma, ao não enquadrar a interpretação das imagens em uma linha teórica única, ao não pretender a sua tradução a uma linguagem analítica, as imagens dos Juans me levaram a outras, mantendo um fluxo de imagens associadas que têm um sentido compartilhado apesar de sua diversidade e multiplicidade – por isso é que fragmentos de tão diferentes procedências (contos, cartas, lembranças, entrevistas, fotos, filmes) puderam estar juntos – partiam, se quisessem, de alguma imagem inicial, que era ampliada pelas outras – sem manter uma ordem hierárquica de importância – umas vezes para esclarecer, outras para contradizer, enfim, para uma contínua renovação das mesmas imagens e da imaginação de quem interpretava.

Assim, ao optar pela *interpretação* como forma de conhecimento do mundo, não se busca prioritariamente a solução de problemas ou a identificação de erros, se trata de imaginar, questionar e aprofundar significados para a renovação e transformação de quem se pergunta e da experiência coletiva do que significa pensar, conhecer e também viver.

Juan es el nombre de todos los hombres,
y el de cualquiera,
que camina
sobre la tierra
y acaso tenga ojos para mirar las estrellas
bajo la noche

Juan casi todo,
casi nada,
olvido,
rastro.

Alma para dejarla
agujerear por la
llovizna

Soledad para elevarla
como una cometa
sostenida por los hilos.

Juan grito,
ruido de espuelas.

Juan, casi todo
casi nada,
distancia,
exilio,
espera.

Como a ti Juan
algo nos quitaron de las manos,
algo muy querido.

Desde entonces
andamos arrastrando los pies
en el desierto,
errantes
con la boca seca,
nos miramos la palma
de la mano
y ninguna línea
parece señalar
algún destino.

João é o nome de todos os homens,
e o de qualquer um,
que caminha
sobre a terra
e acaso tenha olhos para ver as estrelas
sob a noite.

João, quase tudo,
quase nada,
esquecimento,
rastro.

Alma para deixar-la
salpicar pela
chuva.

Solidão para elevá-la
como uma pipa
sustentada pelos filhos

João grito ,
ruído de esporas

João, quase tudo,
quase nada,
distância,
exílio,
espera.

Como a ti, João,
tiraram algo de nossas mãos,
algo muito querido.

Desde então
andamos arrastando os pés
no deserto
errantes
com a boca seca
olhamos as palmas
de nossas mãos
e nenhuma linha
parece assinalar
algum destino.



NOTAS DE RODAPÉ

Notas a pie de página

De aquellas barrancas suben

1 Rulfo, Juan. *El llano en llamas*. Fundación Juan Rulfo. Editorial RM. Barcelona. 2005. En Luvina Pág.99

2 Discurso de Juan Rulfo cuando ganó el premio Nacional de Literatura (México) 1970. http://books.google.com/books?id=RH9UUpH_rHgC&pg=RA1-PA990&vq=discurso+premio+nacional+de+literatura+1980&dq=obras+completas+de+juan+rulfo&lr=&hl=pt-BR&source=gbsearch_s&sig=ACfU3U3VNpAE_XaZZqYsCz7KPZ58y-y8qQ#PRA1-PA855,M1 Acceso em 9 de junho de 2008

3 Vital, Alberto. *Noticias sobre Juan Rulfo*. Fondo de cultura económica. Editorial RM. México D.F 2003. Pág 203. En entrevista realizada por el periodista argentino Máximo Simpson.

4 <http://sololiteratura.com/php/docinterno.php?cat=miscelanea&doc=390> junio 9 de 2008

5 <http://sololiteratura.com/php/docinterno.php?cat=miscelanea&doc=390> 9 de junio de 2008.

6 <http://sololiteratura.com/php/docinterno.php?cat=miscelanea&doc=390> 9 de junio de 2008.

7 Soler Serrano, Joaquín. *Entrevista con Juan Rulfo*, en el programa A Fondo, RTV, 2da cadena, 17 de abril de 1977 (45 minutos de duración). Transcripción nuestra.

8 <http://www.letras.s5.com/rulfo150202.htm> 9 de junio de 2008. En “Verdad y mentira en la creación literaria” escrita por Juan Rulfo.

9 <http://www.letras.s5.com/rulfo170202.htm> 9 de junio de 2008 Entrevista realizada por Fernando Benítez publicada originalmente en la revista chilena Araucaria N° 33, 1986.

Todo lo que nace de mí

1 Rulfo, Juan. *Los Cuadernos de Juan Rulfo*. Ediciones Era. México D.F 1995. Págs. 15-16. Esta publicación reúne la transcripción de textos de trabajo, donde se pueden apreciar diferentes apuntes, ejercicios, borradores, versiones del ejercicio literario de Rulfo. Este primer fragmento del libro se titula <Retrato y Autobiografía >

2. Ibid Pág 30.

3 Ibid. Pág.50.

Daquelas colinas sobem

1 Rulfo, Juan. *Pedro Páramo & Chão em Chamas*. Tradução e prefácio de Eric Nepomuceno. Editora Record. Rio de Janeiro. 2004. Do conto Luvina. Pág. 301.

2 Discurso de Juan Rulfo de quando ganhou o “Premio Nacional de Literatura (México) 1970”. http://books.google.com/books?id=RH9UUpH_rHgC&pg=RA1-PA990&vq=discurso+premio+nacional+de+literatura+1980&dq=obras+completas+de+juan+rulfo&lr=&hl=pt-BR&source=gbs_search_s&sig=ACfU3U3VNpAE_XaZZqYsCz7KPZ58y-y8qQ#PRA1-PA855,M1 Acesso em 9 de junho de 2008

3 Vital, Alberto. *Noticias sobre Juan Rulfo*. Fondo de Cultura Económica. Editorial RM. México D.F. 2003. Pág 203. Em entrevista realizada pelo jornalista argentino Máximo Simpson.

4 <http://sololiteratura.com/php/docinterno.php?cat=miscelanea&doc=390> 9 de junho de 2008.

5 <http://sololiteratura.com/php/docinterno.php?cat=miscelanea&doc=390> 9 de junho de 2008.

6 <http://sololiteratura.com/php/docinterno.php?cat=miscelanea&doc=390> 9 de junho de 2008.

7 Soler Serrano, Joaquín. *Entrevista con Juan Rulfo*, no programa A Fondo, RTV, 2ª Cade-na, 17 de abril de 1977 (45 minutos de duração). Transcrição nossa.

8 <http://www.letras.s5.com/rulfo150202.htm> 9 de junho de 2008. Em “Verdad y mentira en la creación literaria” de Juan Rulfo.

9 <http://www.letras.s5.com/rulfo170202.htm> 9 de junho de 2008 Entrevista realizada por Fernando Benítez publicada originalmente na revista chilena Araucária No. 33 1986

Tudo o que nasce de mim

1 Rulfo, Juan. *Los Cuadernos de Juan Rulfo*. Ediciones Era. México D.F 1995. Págs. 15-16. Tradução nossa (Td..N). Esta publicação reúne a transcrição de textos de trabalho, onde pode se apreciar diferentes apontamentos, exercícios, rascunhos, versões do trabalho literário de Rulfo. Este fragmento se intitula <Retrato y Autobiografía >

2 Ibid Pág 30. Td. N

3 Ibid. Pág.50. Td. N

4 Ibid. Pág.34,

5 Vital, Alberto. *Noticias sobre Juan Rulfo* .Fondo de Cultura Económica. Editorial RM. México D.F. 2003.Pág.205. Ésta es una respuesta de Rulfo a una entrevista realizada por una persona no identificada, quizás hacia 1970. Su transcripción se encontraba en el archivo de la Sra. Clara Aparicio de Rulfo y fue publicada en esta biografía como anexo.

6 Op. Cit. *Los Cuadernos* (...) Pág 34.

7 Op.Cit. Noticias Sobre (...). Pág.202. Afirmación de Rulfo refiriéndose al personaje principal de Pedro Páramo. Hace parte de una entrevista escrita hecha por Máximo Simpson (periodista argentino) que no le fue entregada.

8 Rulfo, Juan. *Pedro Páramo*. Ediciones Cátedra, S.A. Madrid 1989. Pág 127. “Se me reventaron las cuerdas” es una expresión que señala el fin violento de una resistencia.

9 Ibid. Pág 127.

10 Op.cit. *Noticias sobre...* Pág.33. Este fragmento hace parte de una carta escrita por Jesús Perez Rulfo, tío de Juan, para María, madre de Rulfo, luego de la muerte de Severiano, abuelo paterno acaecido un año después del asesinato de Cheno, padre del escritor. En una entrevista Rulfo afirmará: “Tal vez en lo profundo haya algo que no esté planteado en forma clara en la superficie de la novela. Yo tuve una infancia muy dura, muy difícil. Una familia que se desintegró muy fácilmente en un lugar que fue totalmente destruido. Desde mi padre y mi madre, inclusive todos los hermanos de mi padre fueron asesinados. Entonces viví en una zona de devastación. No sólo de devastación humana, sino de devastación geográfica. Nunca encontré ni he encontrado hasta la fecha, la lógica de todo eso. No se puede atribuir a la Revolución. Fue más bien una cosa atávica, una cosa de destino, una cosa ilógica. Hasta hoy no he encontrado el punto de apoyo que me muestre por qué en esta familia mía sucedieron en esa forma, y tan sistemáticamente, esa serie de asesinatos y de crueldades” en <http://www.clubcultura.com/clubliteratura/clubescritores/juanrulfo/entrevista.htm> Waldemar Verdugo Fuentes. “Juan Rulfo, el tiempo detenido” segunda parte.

11 Op.cit. *Los cuadernos de ...* . Pág.50

12 Rulfo, Juan. *El llano en llamas*. Editorial RM. México.2006.Pág. 96. Este fragmento hace parte del cuento ¡Diles que no me maten!. En donde Rulfo va a colocar el nombre del asesino de su padre, Guadalupe Nava, repartido en los nombres de la víctima y del victimario de la historia.

13 A los 10 años y debido a que el colegio de las Josefinas tuvo que cerrar por la llegada de la Guerra de la Cristiada, Juan se muda a Guadalajara y es internado en el Orfanatorio del

4 Ibid. Pág.34,Td. N

5 Vital, Alberto. *Noticias sobre Juan Rulfo*. Fondo de Cultura Económica. Editorial RM. México D.F. 2003. Pág. 205. Td. N. Resposta de Rulfo a uma entrevista realizada por uma pessoa não-identificada, talvez feita em 1970. A transcrição encontrava-se no arquivo da Sra. Clara Aparicio de Rufo e foi publicada nesta biografia como anexo.

6 Op. Cit. *Los Cuadernos* (...) Pág 34. Td.N

7 Op.Cit. *Noticias Sobre* (...) .Pág.202. Esta afirmação é de Rulfo se referindo ao personagem principal de Pedro Páramo e faz parte de uma entrevista escrita feita por Máximo Simpson (repórter argentino) que nunca foi devolvida ao jornalista.Td.N

8 Rulfo, Juan. *Pedro Páramo & Chão em Chamas*. Tradução e prefácio de Eric Nepomuceno. Editora Record. Rio de Janeiro. 2004. Pág 92. “Minhas cordas arrebentaram” significa o fim violento de uma resistência.

9 Ibid.

10 Op.cit. *Noticias sobre Juan Rulfo*. Pág.33. Td.N Este fragmento faz parte de uma carta escrita por Jesús Perez Rulfo, tio de Juan, para María, a mãe de Juan, após a morte de Severiano, avô paterno que morreu um ano após o assassinato de Cheno, pai de Rulfo. Em uma entrevista, o escritor afirmará: “Talvez, no fundo, há algo que não esteja dito de forma clara na superfície da novela. Eu tive uma infância muito dura e muito difícil. Uma família que se desintegrou muito facilmente em um lugar que foi totalmente destruído. Desde meu pai até minha mãe, incluindo todos os irmãos de meu pai, que foram assassinados. Então, vivi em uma zona de devastação. Não só devastação humana, mas também devastação geográfica. Nunca encontrei, até agora, a lógica de tudo isso. Não se pode atribuir à Revolução. Foi uma coisa atávica, uma coisa do destino, uma coisa ilógica. Até hoje não encontrei a razão que me demonstre porque aconteceu desta forma com minha família, tão sistematicamente, essa série de assassinatos e crueldades.” em <http://www.clubcultura.com/clubliteratura/clubescritores/juanrulfo/entrevista.htm> Waldemar Verdugo Fuentes. “Juan Rulfo, el tiempo detenido” segunda parte.

11 Op.cit. *Los cuadernos* (...) Pág.50 Td.N

12 Op. Cit. *Pedro Páramo &* (...) Pág. 295 Este fragmento faz parte do conto “Diga que não me matem!” onde Rulfo coloca o nome do assassino de seu pai, Guadalupe Nava, repartido nos nomes da vítima e do assassino da história.

13 Aos dez anos, porque o colégio das Joseginas teve de fechar suas portas por causa da guerra Cristiada, Juan muda-se a Guadalajara, onde é internado no Orfanato do Sagrado

Sagrado Corazón de Jesús, que posteriormente se llamará Colegio Luis Silva. Al terminar este periodo escolar Rulfo ingresa al Seminario Conciliar por indicación de la abuela y tras un periodo de dos años se retira e intenta ingresar a la Universidad de Guadalajara, cosa que no consigue debido al cierre de ésta. Destácase entonces una formación católica y posteriormente una curiosidad intelectual autodidacta. Para más detalles ver Noticias sobre Juan Rulfo pág48-56

14 Op.Cit. *Noticias Sobre (...)* Pág. 202

15 Op.Cit. *Los Cuadernos (...)* Pág. 17 <Cuando Transito Pinzón cruzó la puerta>. Tal vez este fragmento se refiera al sentimiento que tuvo Rulfo al dejar el orfanatorio/colegio. Juan Rulfo escribió mientras trabajaba en diferentes oficios. Sólo hasta 1952 consigue una beca de la Fundación Rockefeller por medio del centro mexicano de escritores. Producto de ese trabajo se publica y da forma al Llano en Llamas (antes sólo había publicado algunos cuentos en revistas literarias “PAN” y “América”) y Pedro Páramo. Quizás fué la única vez que Rulfo escribe exclusivamente. Posteriormente crea *El gallo de oro*, que no se publica como novela ya que fue comprada para cine. En 1962, trabaja como Editor en el Instituto Nacional Indigenista hasta el año en que muere, 1986.

16 Ibid. Pág. 9

17 Op.Cit. *Pedro Páramo*. Pág. 108

18 Ibid. Pág.146.

19 Op. Cit. *Pedro Páramo*. Pág.89. Esta frase hace parte de un diálogo entre Pedro Páramo, muchacho, y su madre. Sobre la muerte de María, madre de Juan Rulfo en 1927, Vital escribe: “Magdalena Corona, vecina de la casa y una de las pocas amigas de la joven viuda, supo que María vio dos veces a Guadalupe Nava en San Gabriel. La primera fue en el mercado (...) Allí estaba el asesino. Se quedó petrificada. Otro día a don Alberto Corona, padre de Magdalena, corrieron a avisarle que fuera por María porque estaba en el puente inmóvil, abatida: había ido al Colegio por Severiano y por Juanito, y el criminal se le apareció de nuevo. Y una noche despertaron a don Alberto para que socorriera a María, que se encontraba “muy delicada”. Cuando (él pasó por la casa) la mujer de 32 años ya había fallecido. Nadie volvió a ver a Guadalupe Nava por San Gabriel” Op. Cit. Noticias sobre(...) Pág 36. De esta forma se insinúa que la madre muere de pena moral cuatro años después que el marido.

20 Op.Cit. *Noticias sobre (...)* Pág. IX. Prólogo escrito por Clara Aparicio de Rulfo.

21 A continuación se seleccionan algunas de las frases y dichos que en listas fueron organizadas por Rulfo. Yvete Jiménez de Baéz transcriptor de los cuadernos de J.R, afirma sobre este trabajo: “ (...) En los cuadernos, Rulfo escribía además sobre otros temas y detalles

Coração de Jesus, que posteriormente se chamará Colégio Luis Silva. Ao finalizar esse período escolar, Rulfo ingressa no Seminário Conciliar por indicação de sua avó e após um período de dois anos o abandona e tenta ingressar na Universidade de Guadalajara, coisa que não consegue devido ao fechamento desta. Podemos perceber uma formação católica e uma curiosidade intelectual autodidata. Para mais detalhes, ver Notícias sobre Juan Rulfo pág 48-56

14 Op.Cit. *Noticias Sobre* (...) Pág. 202 Td.N

15 Op.Cit. *Los Cuadernos* (...) Pág. 17 Td.N <Cuando transito Pinzón cruzó la puerta>. Talvez esse fragmento se refira ao sentimento que Rulfo teve ao deixar o orfanato/colégio. Juan Rulfo o escreveu enquanto trabalhava em diferentes empregos. Apenas em 1952 ganhou uma bolsa da Fundação Rockfeller por meio do Centro Mexicano de Escritores, e o produto deste trabalho é publicado e dá forma ao Chão em Chamas (anteriormente só havia publicado alguns contos soltos, nas revistas literárias “PAN” e “América”). Pedro Páramo é a única vez que Juan Rulfo irá escrever exclusivamente. Posteriormente, escreve *O Galo de Ouro*, que não se publica como romance, uma vez que foi comprada pelo cinema. Em 1962, finalmente trabalha como o Editor do Instituto Nacional Indigenista, até o ano em que morre, 1986.

16 Ibid. Pág. 9 Td.N

17 Op.Cit. *Pedro Páramo* &... Pág. 71

18 Ibid. Pág.116.

19 Op. Cit. *Pedro Páramo* &.... Pág.51. Esta frase faz parte de um diálogo entre Pedro Páramo, moleque, e sua mãe. Sobre a morte de Maria, mãe de Juan Rulfo, em 1927, Vital escreve: “Magdalena Corona, vizinha da casa e uma das poucas amigas da jovem viúva, soube que María viu duas vezes a Guadalupe Nava em São Gabriel. A primeira foi no mercado (...) Ali estava o assassino. Ela ficou petrificada. Num outro dia a dom Alberto Corona, pai de Magdalena. Outras pessoas correram a avisar-lhe que fosse ver María porque estava na ponte imóvel, abatida: tinha ido ao Colégio para pegar Severiano e Juanito, e o criminoso tinha aparecido de novo. Outra noite acordaram dom Alberto para que socorrera María, que se achava “muito delicada”. Quando (ele passou pela casa) a mulher de 32 anos já tinha falecido. Ninguém voltou a ver a Guadalupe Nava por São Gabriel” Op. Cit. *Noticias sobre* (...) Pág 36. Td.N Desta forma insinua-se que a mãe do Rulfo morre de tristeza quatro anos depois do marido.

20 Op.Cit. *Noticias sobre* (...) Pág. IX. Td.N Prólogo escrito por Clara Aparicio de Rulfo.

21 Em seguida se selecionaram algumas das frases e ditados que em formato de listas foram organizadas por Rulfo. Yvete Jiménez de Baéz, transcritora dos cadernos de J.R.,

cotidianos que nos aproximan a su persona, y nos facilitan la comprensión de su quehacer. Las hojas sueltas manuscritas suelen estar dentro de los cuadernos junto con las láminas y recortes de revistas, alguna invitación, cuentas, dibujos de alguno de los hijos...”Op.Cit. *Los Cuadernos* (...) Pág.180.

22 Ibid. Pág. 179

23 Op. Cit. *Noticias Sobre* (...) Pág. 180

24.Ibid.

25 Op. Cit. *Noticias Sobre* (...) Pág.200.Esta descripción es en palabras del Rulfo, el estado de ánimo en el que estaba cuando escribió Pedro Páramo, dejando de trabajar como vendedor de llantas para la Goodrich Tire Co, que en México se llamaba Compañía Huelera Euzkadi S.A.

26 Op. Cit. *Noticias sobre* (...) Pág.202.

¿Quién eres tú?

1 Op Cit. *Noticias sobre Juan Rulfo*. Pág. 173. Este texto fue publicado por Juan Rulfo en la sección “Retales” del segundo número de El cuento en junio de 1964 y como él mismo escribió “(el fragmento es una) leyenda tzotzil, recopilada en la cierra de Huitepec, Chiapas, por W.R Holland.”. Como lo cuenta Vidal; desde el primer número Rulfo “presentó varios relatos breves de autores varios, que (...) recogió de periódicos y libros (...) Al final de cada texto se incluía la leyenda <selección de Juan Rulfo>(…) el texto, tal como lo selecciona y presenta él, acaba siendo parte de su autoría. Los cronistas fueron una fuente para él (...) a Rulfo debieron interesarle la pureza y la intensidad con que se efectúa el sincretismo entre la tradición cristiana y la apropiación de ésta a través de una comunidad indígena con sus propias prácticas narrativas y épicas. Años después, el autor grabó y dejó que se filmara su lectura de este relato” Vidal no especifica en dónde está dicha grabación, y si es disponible para consulta.

2 Transcripción nuestra de uno de los personajes de la película “*Del olvido al no me acuerdo*” de Juan Carlos Rulfo. En adelante los diálogos citados en este capítulo pertenecen exclusivamente a este, quien inspira en mayor parte el contenido de esta sección del trabajo.

3 Rulfo, Juan. *El llano en llamas*. Fundación Juan Rulfo Editorial RM. Barcelona 2005. Este fragmento es del cuento El Hombre pág. 30.Vidal va a referirse a este cuento como “(...) los personajes de Rulfo se vuelven trashumantes, inmigrantes en su propia tierra, perseguidos por sus culpas o las ajenas, y todo esto se resume en el título El Hombre, expresión que tanto puede traducirse como este fulano o el tipo aquel cuanto como el ser humano en general: el cuento, paradigmático como toda la obra del jalisciense, es una de las conclusiones que sacó el joven <después de tantas horas de caminar> y de repasar las historias de

afirma sobre este trabalho: “(...) Nos cadernos, Rulfo também escrevia sobre outros temas e detalhes cotidianos que nos aproximam de sua pessoa, e nos facilitam a compreensão de seu fazer literário. As folhas soltas manuscritas costumam estar dentro dos cadernos com imagens e recortes de revistas, algum convite, contas, desenhos de algum dos filhos...” Op.Cit. *Los Cuadernos* (...) Pág.180. Td.N

22 Ibid. Pág. 179 Td.N

23 Op. Cit. *Los Cuadernos* (...) Pág. 180 Td.N

24 Ibid.

25 Op. Cit. *Noticias Sobre* (...) Pág. 200. Td.N Esta descrição, corresponde, em palavras de Rulfo, a um estado de ânimo em que estava quando escreveu *Pedro Páramo*, deixando de trabalhar como um vendedor de pneus da Goodrich Tire Co, que no México chamava-se Compañía Huelera Euzkadi S.A

26 Op. Cit. *Noticias sobre* (...) Pág. 202. Td.N

Quem é você?

1 Op Cit. *Noticias sobre Juan Rulfo*. Pág. 173. Td.N Este texto foi publicado por Juan Rulfo na seção *Retales* do segundo número da revista *El cuento* em junho de 1964 e como ele mesmo escreveu “[o fragmento é uma] lenda tzotzil, compilada na serra de Huitepec, Chiapas, por W.R Holland.” Como conta Vidal; desde o primeiro número Rulfo “apresentou vários relatos breves de autores vários, que (...) recolho de jornais e livros (...) Ao final de cada texto se incluía a frase <seleção de Juan Rulfo>(…) o texto, tal como é selecionado e apresentado por ele, acaba sendo parte da sua autoria. Os cronistas foram uma fonte para ele (...) a Rulfo deveriam interessar-lhe a pureza e a intensidade com que se efetuava o sincretismo entre a tradição cristã e a apropriação desta através de uma comunidade indígena com suas próprias práticas narrativas e épicas; anos depois, o autor gravou e deixou que se filmasse sua leitura deste relato” Vidal não especifica onde está esta gravação e se está disponível para consulta.

2 Transcrição nossa do diálogo de um dos personagens do filme *Del olvido al no me acuerdo* de Juan Carlos Rulfo. Em seguida, os diálogos citados neste capítulo pertencem exclusivamente a este personagem, quem inspira esta parte do trabalho.

3 Op.Cit. *Pedro Páramo* &... Este fragmento é do conto O Homem Pág. 215. Vidal vai se referir a este conto como “(...) os personagens do Rulfo se transformam em transumantes, imigrantes na sua própria terra, perseguidos por suas culpas ou as alheias, e tudo isto se resume no título O Homem, expressão que pode se traduzir como este fulano ou aquele cara quanto como o ser humano em general: no conto, paradigmático como toda a obra do

vida y la historia general de su región y del país. El último balance consiste en admitir que, roto el orden por la espiral de violencia, el ser humano se convierte en el perseguido, sin que por eso deje de ser un tipo cualquiera” Op.cit. *Noticias sobre...* Pág. 59.

4 SOLER SERRANO, Joaquín. *Entrevista a Juan Rulfo*, en el programa A Fondo, RTV, 2da cadena, 17 de abril de 1977 (45 minutos de duración). Transcripción nuestra.

5 Ibid. Es importante señalar que en su vida, la única guerra que Rulfo presencié fue la guerra Cristera (1926-1927) y de la que dirá en la misma entrevista “Los cristeros nacieron cuando se aplicó la constitución Mexicana de que debía haber un cura por cada diez mil habitantes, naturalmente que el pueblo se opuso. Entonces los sacerdotes cerraron las iglesias, y dejaron el culto cerrado también. El pueblo contestó primero con boicots y distintas formas; después se levantó en armas. Tomó las armas y se fueron a defender lo que ellos llamaron la “santa causa de Dios”. Esta rebelión en realidad tiene un origen más bien matriarcal, el fenómeno curioso fue, que las mujeres fueron las que hicieron la revolución cristera; porque decirle a un hermano, a un esposo o a un hijo: no eres hombre si no te vas a pelear por Dios, por la causa de Dios. Pues era una ofensa muy grande. Entonces se levantaron todos en armas (...) La cristiada se caracterizó más que todo por el saqueo; tanto de un lado como del otro. Fue una rebelión estúpida; si se quiere. Porque los cristianos tenían posibilidades de triunfo, y los federales tenían los suficientes recursos para acabar con estos hombres que eran tipo guerrillero. Además tenían que luchar contra las mujeres porque ellas, el motivo principal era atacar al hombre; pero la mujer era la que surtía de parque, la mujer era la que almacenaba el armamento. Era la intermediaria entre el hombre y el cristero. Y eso lo dejó pasar por alto el gobierno federal, y las mujeres se movilizaban libremente, por el campo por todas partes llevando armamento, era difícil terminar con la rebelión.”

6 Op.Cit. *El llano...* del cuento El Hombre. Pág.31

7 Op.Cit. *Entrevista a Juan...*

8 Op.Cit. *El llano...* del cuento El Hombre. Pág.32

9 Ibid. Pág.36 .

10 Op.Cit. Transcripción película *Del olvido al no me acuerdo*

11 Op.Cit. *Noticias sobre...* Pág.206. Esta es una respuesta dada por Juan Rulfo, refiriéndose explícitamente a la Revolución Mexicana, editamos la referencia explícita a propósito para evitar que se haga referencia a una única revolución. En la misma respuesta Rulfo afirmará: “literariamente no tengo por qué justificar si lo que hago es contrarrevolucionario o si es simplemente una ficción literaria”.

jaliscense, é uma das conclusões que teve o jovem <depois de tantas horas de caminhar> e de repassar as histórias de vida e a história geral da sua região e do país. O último balanço consiste em admitir que, arruinada a ordem pela espiral da violência, o ser humano se converte em um perseguido, sem que por isso deixe de ser um qualquer” Op.cit. *Noticias sobre...* Pág. 59.

4 SOLER SERRANO, Joaquín. Entrevista a Juan Rulfo, no programa “A Fondo, RTV, 2da cadena”, 17 de abril de 1977 (45 minutos de duração). Transcrição nossa.

5 Ibid. É importante indicar que em sua vida a única guerra que Rulfo presenciou foi a guerra Cristeira (1926-1927) sobre a qual dirá na mesma entrevista: “Os cristeiros nasceram, quando se alterou a Constituição Mexicana, na qual se dizia que deveria haver um sacerdote por cada dez mil habitantes; naturalmente, o povo se opôs. Então, os sacerdotes fecharam as igrejas e deixaram o culto também fechado. O povo contestou primeiro com boicotes e distintas formas; depois se levantou em armas. Tomaram as armas e foram defender o que eles chamaram de “a santa causa de Deus”. Esta rebelião, na verdade, tem uma origem matriarcal; o fenômeno curioso foi que as mulheres foram as que fizeram a revolução cristeira; falavam a um irmão, a um esposo o a um filho: você não é um homem se não lutar por Deus, pela causa de Deus. Isto era uma ofensa muito grande. Então levantaram-se todos em armas (...) A Cristiada caracterizou-se principalmente pelo saque; tanto de um lado quanto do outro. Foi uma rebelião estúpida, pode-se dizer. Porque os cristãos tinham possibilidades de triunfo, e os federais tinham os suficientes recursos para acabar com estes guerrilheiros. Além disso, tinham que lutar contra as mulheres porque elas... O motivo principal foi atacar o homem; mas a mulher era a que supria os exércitos, a mulher era a que armazenava o armamento. Foi a intermediária entre o homem e o cristeiro. E isso o governo federal deixou passar, e as mulheres se mobilizavam livremente, pelo campo, por todas as partes levando armamento, foi difícil terminar com a rebelião.” Td.N

6 Op.Cit. *Pedro Páramo* e... do conto O Homem .Pág.215

7 Op.Cit. *Entrevista com Juan (...)* Td.N

8 Op.Cit. *Pedro Páramo* e... do conto O Homem. Pág.216

9 Ibid. Pág.221

10 Op.Cit. Transcrição e tradução do filme *Del olvido al no me acuerdo*

11 Op.Cit. *Noticias sobre...* Pág.206. Td.N Esta é uma resposta dada por Juan Rulfo, referindo-se explicitamente à Revolução Mexicana, editamos a referência explícita intencionalmente para não fixá-lo numa única revolução. Na mesma resposta Rulfo afirmara: “literariamente não tenho porque justificar se o que faço é contra-revolucionário o se é simplesmente uma ficção literária”.

12 Op.Cit. Trscripción película *Del olvido al no me acuerdo*

13. Op.Cit. *El llano...* del cuento Nos han dado la tierra. Pág.8. Sobre este cuento Vidal afirma “Rulfo (da) un tratamiento (a) Los espacios equivalente al que reciben las experiencias; en <Nos han dado la tierra> se menciona <El llano>(…) lo plano, lo indiferenciado, lo monótono y por eso tenía mucha razón el cuentista cuando insistía en que resultaba inútil buscar una relación exacta entre los lugares físicos y los de ficción.” Op.Cit. *Noticias sobre...* Pág. 59.

14 Op.Cit. *El llano...* del cuento Nos han dado la tierra. Pág 9.

15 Op.Cit. *El llano...* del cuento homónimo. Pág. 75.

16 Op.Cit. *El llano...* del cuento Nos han dado la tierra. Pág.11. En la versión en portugués esta expresión fue modificada.

17 Op.Cit. *El llano...* del cuento No oyes ladrar los perros Pág.133.

18 Op.Cit. *Entrevista a Juan...*

19 Op. Cit.Trscripción película *Del olvido al no me acuerdo*. En esta parte el personaje llama a una vaca.

20 Op.Cit. *El llano...* del cuento No oyes ladrar los perros Pág.131-132

21 Op.Cit. *Entrevista a Juan...*

22 Op.Cit. Trscripción *Del olvido...* (este fragmento se repite intencionalmente)

23 Op.cit. *Noticias sobre...* Pág.200

24 Op.cit. *Pedro Páramo*. Pág.106-107

25 Op.cit. *Noticias sobre...* Pág.200

26 Op.cit. *Pedro Páramo*. Pág. 114

27 Op.cit. *Noticias sobre...* Pág.200. Rulfo termina la respuesta “Usted dirá que ese planteamiento no aparece nunca en Pedro Páramo; pero yo le digo que sí, que allí está desde el principio y que toda la novela se reduce a esa sola y única pregunta: ¿Dónde está la fuerza que causa nuestra miseria? Y hablo de miseria con todas sus implicaciones”

28 Op.cit. *El llano...* del cuento Es que somos muy pobres Pág 26. Vidal afirma “Aparte

12 Op. Cit. Transcrição e tradução filme *Del olvido al no me acuerdo*

13 Op.Cit. *Pedro Páramo* &... do conto E nos deram a terra. Pág.182. Sobre este conto Vidal afirma “Rulfo (dá) um tratamento (aos) espaços equivalente ao que recebem as experiências; em <E nos deram a terra> menciona <o planalto>(…) o plano, o indiferenciado, o monótono e por isso tinha muita razão o contista quando insistia em que resultava inútil procurar uma relação exata entre os lugares físicos e os de ficção”. Op.cit. *Noticias sobre* (...) Pág. 59 Td.N.

14 Ibid. Pág 182.

15 Ibid. Pág. 270.

16 Ibid. Pág. 184. Em espanhol, Rulfo utiliza a imagem do vento “brincar de fazer redemoinhos” que nesta tradução é modificada.

17 Ibid. Pág.349.

18 Op.Cit. *Entrevista a Juan* (...) Td.N

19 Op.Cit. Transcrição e tradução filme *Del olvido al no me acuerdo*. Nesta parte o personagem chama uma vaca.

20 Op.Cit. *Pedro Páramo* & (...) do conto Você não escuta os cães latirem. Págs.347-349

21 Op.Cit. *Entrevista a Juan* (...) Td.N

22 Op.Cit. Transcrição e tradução *Del olvido*...(este fragmento se repete intencionalmente)

23 Op.Cit. *Noticias sobre*... Pág.200

24 Op.Cit. *Pedro Páramo* & (...) Pág.70

25 Op.Cit. *Noticias sobre* (...) Pág.200 Td.N

26 Op.Cit. *Pedro Páramo* & (...) Pág. 78

27 Op.Cit. *Noticias sobre*(...) Pág.200. Td.N Rulfo termina a resposta da seguinte forma “Você dirá que essa idéia não aparece em *Pedro Páramo*; mas eu digo lhe que sim, que ali está desde o princípio e que toda a novela se resume a essa única pergunta: Onde está a força que causa a nossa miséria? E falo da miséria com todas suas implicações.”

28 Op.Cit. *Pedro Páramo* & (...) do conto É que somos muito pobres Pág 208. Vidal afirma

de la azotea y en general de las alturas, los puentes fueron otro locus determinante en la infancia y la adolescencia del hombre (se refiere a Rulfo). Toda la región de origen está atravesada por ríos de distinto tamaño, y en tiempo de sequía los puentes quedan con un trazo melancólico, como los vestigios de una época mejor. En las cercanías de las casa de Sayula y San Gabriel y de las haciendas de Apulco y San Pedro hay puentes de piedra por donde el niño se detuvo para observar los lechos repentinamente peligrosos o cubiertos de hierba amarilla. La gente de San Gabriel guarda memoria de aquellas crecidas funestas para el ganado y para los cristianos de las que hay registro literario en <Es que somos muy pobres>” Op.cit. *Noticias Sobre...* Pág.45.

29 Ibid. Sólo que ésta es la frase que inicia el cuento. Pág 23

30 Ibid. Pág.26

31 Ibid. Pág 28

32 Rulfo, Juan.*El gallo de Oro*. Ediciones ERA, México D.F. 1980.Pág.121

33 Op.cit. *Pedro Páramo*. Pág.141

34 Rulfo, Juan.*El gallo de Oro*. Ediciones ERA, México D.F. 1980.Pág.123

35 Op. Cit.Trascripción *Del olvido...* Sobre la palabra *chinga*, algunos escritores mejicanos como Octavio Paz (en su *Laberinto de la soledad*, capítulo IV) o Carlos Fuentes (en la *Muerte de Artemio Cruz* al final de la secuencia 1927:Noviembre 23) presentan algunos de los usos idiomáticos de esta expresión. Fuentes escribirá: “tristeza, madrugada, tostada, tiznada, guayaba, el mal dormir: hijos de la palabra. Nacidos de la chingada, muertos en la chingada, vivos por pura chingadera: vientre y mortaja, escondidos en la chingada. (...) Tú y yo, miembros de esa masonería: la orden de la chingada. Eres quien eres porque supiste chingar y no te dejaste chingar, eres quien eres porque no supiste chingar y te dejaste chingar(...)” Fuentes, Carlos. *La muerte de Artemio Cruz*. Edición de José Carlos González Bioxo. Ediciones Cátedra. Letras Hispánicas. Madrid. 2001. pág.245

36 Canción del disco homónimo. *La Circular de Enrrique Díaz*.(Vallenato). Discos Victoria. Colombia. Track1.

37 Op. Cit. Trascripción *Del olvido...*

Cruz de Mezquite

Foto 1 - México: Juan Rulfo fotógrafo. Textos de Carlos Fuentes, Margo Glantz, Jorge Alberto Lozoya, Eduardo Rivero, Victor Jiménez, Érika Billeter. Lunwerg Ediciones. Barcelona. 2001. Página 22

Foto 2 - Ibid. Página 34

“Além dos terraços e, em geral, das alturas, as pontes foram outro locus determinante na infância e na adolescência do homem (refere-se a Rulfo). Toda a sua região de origem está atravessada por rios de distinto tamanho, e em tempo de seca as pontes ficam com um traço melancólico, como vestígios duma época melhor. Perto das casas de Sayula e São Gabriel e das fazendas de Apulco e São Pedro há pontes de pedra onde o menino se deteve para observar os leitos repentinamente perigosos e cobertos de erva amarela. A gente de São Gabriel guarda memória daquelas enchentes funestas para o gado e para os cristãos. Há registro literário em <É que somos muito pobres>” Op.cit. *Noticias Sobre*(...) Pág.45. Td.N

29 Ibid. Só que essa é a primeira frase do conto. Pág 205

30 Ibid. Pág.209.

31 Ibid. Pág 210.

32 Rulfo, Juan. *O galo de Ouro*. Tradução Eric Nepomuceno. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro. 1999

33 Op.Cit. *Pedro Páramo* & (...) Pág.109.

34 Rulfo, Juan. *El gallo de Oro*. Ediciones ERA, México D.F. 1980.Pág.123. Tradução Nossa.

35 Op.Cit. Transcrição e tradução *Del olvido*(...) Sobre a palavra *chinga*, traduzida ao português por Inez Cabral como sacanagem, alguns escritores mexicanos como Octavio Paz (em seu *Labirinto da solidão*, capítulo IV) ou Carlos Fuentes (em *A Morte de Artemio Cruz*, ao final da seqüência: 1927: Novembro 23) apresentam alguns dos usos idiomáticos de esta expressão. Fuentes escreverá: “tristeza, madrugada, torrada, encardida, goiabada, dormir mal: filhos da palavra. Nascidos da sacanagem, mortos na sacanagem, vivos por pura sacanagem: ventre e mortalha, escondidos na sacanagem. (...) Você e eu, membros dessa maçonaria: a ordem da sacanagem. Você é quem é porque soube ser sacana e se deixou sacanear. (...)” Fuentes, Carlos. *A morte de Artemio Cruz*. Tradução Inez Cabral. Editora Rocco LTDA. Rio de Janeiro. 1994. Pág. 110.

36 Música do disco homônimo. *A Circular de Enrique Díaz*. (Ritmo Vallenato). Discos Victoria. Colômbia. Track 1.

37 Op.Cit. Transcrição *Del olvido* (...)

Cruz de Algaroba

Foto 1 - México: Juan Rulfo fotógrafo. Textos de Carlos Fuentes, Margo Glantz, Jorge Alberto Lozoya, Eduardo Rivero, Victor Jiménez, Érika Billeter. Lunwerg Ediciones. Barce-

Foto 3 - Ibid. Página 126
 Foto 4 - Ibid. Página 82
 Foto 5 - Ibid. Página 75
 Foto 6 - Op Cit. *Noticias sobre...* Página 77
 Foto 7 - Op Cit. *México:...* Página 61
 Foto 8 - Op Cit. *Noticias sobre...* Página 39
 Foto 9 - Op Cit. *México:...* Página 137
 Foto 10 - Op Cit. *Noticias sobre...* Página 82
 Foto 11 - Op Cit. *Noticias sobre...* Foto de Manuel Álvarez Bravo, Página 4

I am hurry because finished me the ink

1 Rulfo, Juan. *Aire de las colinas*, cartas a Clara. Plaza & Janes editores, S.A. Barcelona 2000. pág.23. carta I. Vidal anota al respecto de esta carta y de la número II: “Los primeros documentos que disponemos donde el propio interesado usa el nombre de Juan Rulfo, son dos poemas en verso bíblico escritos en 1944 para impresionar a una jovencita con poco más de 16 años(...) la contención y solidez tan características del estilo de Rulfo se deben en parte a un sentimiento convocado a pasar una y otra vez por la escritura amorosa, así como habían transcurrido y seguirán transcurriendo por la palabra oral. El estilo poético bien dosificado e integrado en la prosa narrativa, tuvo una de sus primeras manifestaciones en las palabras escritas a la joven (...)” Op. Cit. *Noticias Sobre...* Pág 106 Tal vez sea interesante aclarar que tanto en el acta de nacimiento, como en la partida de bautismo del escritor figura con diferente nombre: Juan Nepomuceno y Carlos Juan Nepomuceno respectivamente, sólo más tarde se autonombrará Juan Rulfo. También se cuenta que Juan Nepomuceno es el santo patrono de los notarios; y cuenta Vidal que se debe a un mártir que murió torturado en la Edad Media por guardar un secreto de adulterio de una reina en Bélgica. Ibid. Pág. 16-18.

2 Op.Cit. *Pedro Páramo*. Pág 75

3 Op. Cit. Transcripción *Del olvido al no me acuerdo*. Diálogo de Clara en le filme de Juan Carlos Rulfo que será el eje central en esta parte del texto.

4 Op Cit. *Aire de las...* Pág.109

5 Op. Cit. Transcripción *Del olvido al no me acuerdo*. Clara

6 Op.Cit. *Pedro Páramo*. Pág 166.

7 Op. Cit. *Pedro Páramo*. Pág 158

8 Op Cit. *Aire de las ...* Pág.38. Carta VII

lona. 2001. Página 22
 Foto 2 - Ibid. Página 34
 Foto 3 - Ibid. Página 126
 Foto 4 - Ibid. Página 82
 Foto 5 - Ibid. Página 75
 Foto 6 - Op Cit. *Notícias sobre...* Página 77
 Foto 7 - Op Cit. *México:...* Página 61
 Foto 8 - Op Cit. *Notícias sobre...* Página 39
 Foto 9 - Op Cit. *México:...* Página 137
 Foto 10 - Op Cit. *Notícias sobre...* Página 82
 Foto 11 - Op Cit. *Notícias sobre...* Foto de Manuel Alvarez Bravo, Página 4

I am hurry because finished me the ink

1 Rulfo, Juan. *Aire de las colinas*, cartas a Clara. Plaza & Janes editores, S.A. Barcelona 2000. pág.23. carta I. Td. N. Vidal diz a respeito desta carta e da número II: “Os primeiros documentos que temos disponíveis onde o próprio interessado usa o nome de Juan Rulfo são os poemas em verso bíblico escritos em 1944 para impressionar a uma jovem com pouco mais de 16 anos. (...) a contenção e a solidez tão características do estilo de Rulfo se devem em parte a um sentimento convocado a passar uma outra vez pela escritura amorosa, assim como haviam passado e continuavam passando pela palavra oral. O estilo poético bem dosado e integrado com a prosa narrativa, teve uma de suas primeiras manifestações nas palavras escritas à jovem.(...)” Op. Cit. *Noticias Sobre(...)* Pág 106 Td.N Talvez seja interessante declarar que tanto a certidão de nascimento como o batistério o escritor aparece com outros nomes: Juan Nepomuceno e Carlos Juan Nepomuceno, apenas mais tarde se autoneomará Juan Rulfo. Também conta-se que Juan Nepomuceno é o patrono dos tabeliões; e conta Vidal que ele é um mártir que morreu torturado na Idade Média por guardar um segredo de adultério de uma rainha da Bélgica. Ibid. Pág. 16-18.

2 Rulfo, Juan. *Pedro Páramo & Chão em chamas*. Tradução e Prefácio de Eric Nepomuceno. Editora Record. Rio de Janeiro. 2004 Pág 36

3 Op. Cit. Transcrição *Del olvido al no me acuerdo*. Este é um dos diálogos de Clara no filme de Juan Carlos Rulfo. Estes diálogos serão o eixo central desta parte do texto.

4 Op Cit. *Aire de las (...)* Pág.109 Td.N

5 Op. Cit. Transcrição e tradução *Del olvido al no me acuerdo*. Clara

6 Op.Cit. *Pedro Páramo &*. Pág 138.

7 Ibid Pág 129

9 Op. Cit. *Noticias sobre...* pág 22, Vidal termina esta parte contando : Otro recuerdo de esa época se relaciona con un detalle presente en Pedro Páramo; se trata de que las trabajadoras tenían la costumbre de enterrar en las macetas las monedas del cambio. Eran monedas de oro. “Yo cogía una chica”, contó él, “y me salía a comprar”

10 Op Cit. *Aire de las ...* Pág.92. CartaXXI

11 Op.Cit. *Pedro Páramo*. Pág.148

12 Op Cit. *Aire de las ...* Pág.36. Carta VI

13 Op Cit. *Noticias sobre...* Pág 202

14 Op Cit. *Aire de las ...* Pág.43. Carta IX

15 Op Cit. *Pedro Páramo*.Pág.147

16 Op Cit. *Aire de las ...* Pág.53. Carta XII

17 Op Cit. *Pedro Páramo*.Pág 154

18 Op Cit. *Aire de las ...* Pág.30. Carta III

19 Op. Cit. *Pedro Páramo*. Pág 149

20 Op Cit. *Aire de las ...* Pág.63. Carta XIV

21 Op. Cit. *Pedro Páramo*. Pág 164

22. Op. Cit. Transcripción *Del olvido al no me acuerdo*. Clara

23 Op Cit. *Aire de las ...* Pág.70. Carta XVI

24 Ibid. Pág.89. Carta XX

25 Ibid. *Aire de las...* Pág.25. Carta II

26 Ibid. Estos encabezados y finales pertenecen a varias cartas contenidas en el libro.

27 Ibid. Pág.33. Carta V. Frase en inglés que titula esta parte del trabajo.

28 Ibid. Pág.259. Carta LXV.

8 Op Cit. *Aire de las (...)* Pág.38. Carta VII Td.N

9 Op. Cit. *Noticias sobre (...)* Pág 22 Td.N, Vidal termina esta parte contando: Outra lembrança dessa época se relaciona com um detalhe presente em Pedro Páramo; se trata de que as trabalhadoras tinham o costume de enterrar nos vasos as moedas do troco. Eram moedas de ouro. Eu pegava uma pequena, contou ele, e saía para gastar.

10 Op Cit. *Aire de las (...)* Pág.92. CartaXXI Td.N

11 Op.Cit. *Pedro Páramo & (...)* Págs.117-118.

12 Op Cit. *Aire de las (...)* Pág.36. Carta VI Td.N

13 Op Cit. *Noticias sobre (...)* Pág 202 Td.N

14 Op Cit. *Aire de las (...)* Pág.43. Carta IX Td.N

15 Op.Cit. *Pedro Páramo & (...)* Pág 116.

16 Op Cit. *Aire de las (...)* Pág.53. Carta XII Td.N

17 Op Cit. *Pedro Páramo & (...)* Págs 124-125 Td.N

18 Op Cit. *Aire de las (...)* Pág.30. Carta III Td.N

19 Op. Cit. *Pedro Páramo & (...)* Pág 119 Td.N

20 Op Cit. *Aire de las (...)* Pág.63. Carta XIV Td.N

21 Op. Cit. *Pedro Páramo & (...)* Pág 137 Td.N

22 Op. Cit. Transcrição e tradução *Del olvido al no me acuerdo*. Clara.

23 Op Cit. *Aire de las (...)* Pág.70. Carta XVI Td.N

24 Ibid. Pág.89. Carta XX Td.N

25 Ibid. Pág.25. Carta II Td.N

26 Ibid. Estes cabeçalhos e finais pertencem a várias cartas contidas no livro.

27 Ibid. Pág. 33. Carta V. Td. N. Esta frase em inglês titula esta parte do trabalho.

29 Op. Cit. Transcripción *Del olvido al no me acuerdo*. Clara

Cantando entre rezos

1 Op. Cit. *Pedro Páramo*...Pág. 77

2 Op Cit. *Aire de las ...* Pág.61. Carta XIII

3 Op. Cit. *Noticias Sobre...* pág 202

4 Op. Cit. Transcripción *Del olvido*... Este diálogo pertenece al primer personaje femenino que aparece en el filme.

5 Op. Cit. *Pedro Páramo*...Pág 113.

6 Op. Cit. *Pedro Páramo*...Pág.146

7 Op. Cit. Transcripción *Del olvido*...

8 Op.Cit. *El llano*... Luvina. Pág104.

9 Op.Cit. *El llano*... Anacleto Morales. Pág. 153.

10 Op. Cit. Transcripción *Del olvido*...

11 Op. Cit. *Pedro Páramo*...Pág 135

12 Op. Cit. *Pedro Páramo*...Pág 137

13 Bolero *Alma mía*. Composición de María Grever

14 Op. Cit. *Pedro Páramo*...Pág. 96

15 Op. Cit. *Pedro Páramo*...Pág143

16 Op. Cit. *Pedro Páramo*...Pág 141

17 Op Cit. *Aire de las ...* Pág.118. CartaXXVI

18 Op.Cit. *El llano*... en Macario. Pág 63

19 Op. Cit. *Pedro Páramo*...Pág.97

28 Ibid. Pág.259. Carta LXV Td.N

29 Op. Cit. Transcrição e tradução *Del olvido al no me acuerdo*. Clara

Cantando entre rezas

1 Op.Cit. *Pedro Páramo* e... Pág 37

2 Op Cit. *Aire de las ...* Pág.61. Carta XIII. Td. N.

3 Op. Cit. *Noticias Sobre...* pág 202 Td. N.

4 Op. Cit. Transcrição de *Del olvido...* Este diálogo pertence ao primeiro personagem feminino que aparece no filme. Td. N.

5 Op. Cit. *Pedro Páramo* e...Pág 77.

6 Op. Cit. *Pedro Paramo* e...Pág.115

7 Op. Cit. Transcrição de *Del olvido...* . Td. N.

8 Op.Cit. *Pedro Paramo* e.... Luvina. Pág306.

9 Op.Cit. *Pedro Páramo* e... Anacleto Morones. Pág. 379.

10 Op. Cit. Transcrição de *Del olvido...* . Td. N.

11 Op. Cit. *Pedro Páramo*e...Pág 101.

12 Op. Cit. *Pedro Páramo* e...Pág 104

13 Bolero *Alma mía*. Composição de María Grever. Td. N.

14 Op. Cit. *Pedro Páramo* e...Pág. 58

15 Op. Cit. *Pedro Páramo* e...Pág112

16 Op. Cit. *Pedro Paramo* e...Pág 108

17 Op Cit. *Aire de las ...* Pág.118. CartaXXVI. Td. N.

18 Op.Cit. *Pedro Paramo* e... Macario. Pág 255

Último segredo

1 Lispector, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rocco. Rio de Janeiro.1998. Pág 22 Td. N

2 Op. Cit. *Pedro Páramo* &... do conto “E nos deram a Terra”. Pág 181

3 Gênesis 1, 2. *Bíblia de Jerusalém*. Edições Paulinas. São Paulo. 1980. Td. N

4 Op. Cit. *A paixão segundo...* Pág 20. Td. N

5 No quiero decir que ésta forma no sea posible, o que sea necesariamente mala o incorrecta, tanto en el análisis como en la interpretación pueden existir con mayor o menor efectividad, creatividad e inteligencia formas de investigar con imágenes.

6 Juan Carlos Rulfo (cineasta, hijo) y Juan Rulfo (fotógrafo y escritor, padre)

7 Lispector, Clarice. *Correspondências*. Rocco. Rio de Janeiro.2002.Pág.62. Td. N

8 Ibid.Pág.87. Td. N

9 Para esta discusión se puede leer entre otras cosas: E por que nao? Tecendo outras possibilidades interpretativas. de Amnéris Âgela Maroni. Editora Ideias & Letras. Sao Paulo.2008

10 Es importante aclarar que en este punto que tanto que el Profesor Milton José de Almeida con la crítica a la perspectiva renacentista – los cuales son plausibles de consulta ya que están publicados- y otra serie de estudios propios sobre imagen y literatura además de la creación de cuadros y videos y de los trabajos que bajo su dirección han realizado estudiantes de maestría y doctorado durante varios años, como la Profesora Amnéris Maroni (sólo para citar otra persona interesada en este tipo de discusión/estudio) en su crítica de la razón moderna -publicada- y su trabajo también de mucho tiempo con la filosofía y el psicoanálisis, constituyen, cada uno en su forma y estilo, maneras de acercarse a esta discusión, a la que modestamente me refiero, ya que para la fecha de conclusión de este trabajo, y pese a que lo orientó en su totalidad, este apasionante lugar de pensamiento y creación, de sensibilidad y crítica se plantea como algo que puede ser profundizado en estudios posteriores. Así, esta forma de pensar, de crear, de vivir –sin quererla reducir a un simple “ejercicio de auto ayuda intelectual”, sino por el contrario rescatar todo lo vivo, todo lo espiritual, en el sentido profundamente humano, poético- será uno de mis más queridos y apreciados hallazgos de maestría.

11 Op. Cit. *Correspondências...* Pág.23. Td. N

12 McGuire, William e R.F.C Hull. C.G. Jung: *Entrevistas e Encontros*. Editora Cultrix. São

19 Op. Cit. *Pedro Páramo* &...Pág.59

Último segredo

1 Lispector, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rocco. Rio de Janeiro.1998. Pág 22

2 Op. Cit. *Pedro Páramo* &... do conto “E nos deram a Terra”. Pág 181

3 Gênesis 1, 2. *Bíblia de Jerusalém*. Edições Paulinas. São Paulo. 1980.

4 Op. Cit. *A paixão segundo...* Pág 20.

5 Com isto não quero dizer que esta forma não seja possível, ou que seja necessariamente má ou incorreta. Tanto a análise como a interpretação - formas de investigar com imagens - podem existir com maior ou menor efetividade, criatividade e inteligência.

6 Juan Carlos Rulfo (cineasta, filho) e Juan Rulfo (fotógrafo e escritor, pai)

7 Lispector, Clarice. *Correspondências*. Rocco. Rio de Janeiro. 2002. Pág.62.

8 Ibid. Pág.87.

9 Para esta discussão se pode ler, entre outras coisas: E por que não? Tecendo outras possibilidades interpretativas, de Amnéris Ângela Maroni. Editora Idéias & Letras. São Paulo.2008

10 É importante esclarecer que neste ponto tanto o Professor Milton José de Almeida com a crítica à perspectiva renascentista – a qual é plausível de consulta já que está publicada – e com outra série de estudos próprios sobre a imagem e literatura, sem contar com a criação de quadros e vídeos e com os trabalhos que sob sua orientação realizaram estudantes de mestrado e doutorado durante vários anos; assim como a Professora Amnéris Maroni (e isso é só para citar outra pessoa interessada nesse tipo de discussão/estudo) em sua crítica da razão moderna – publicada – e seu trabalho também de muito tempo com a filosofia e a psicanálise constituem, cada um à sua maneira e estilo, modos de aproximar-se desta discussão, a que me refiro. Este apaixonante lugar de pensamento e criação (sem que reduzi-lo a um espaço de “auto-ajuda intelectual”), de sensibilidade e crítica se apresenta como algo que pode ser aprofundado em estudos posteriores. Assim, esta forma de pensar e resgatar todo o vivo, todo o espiritual, no sentido profundamente humano, poético, será um dos meus mais queridos e apreciados achados do mestrado.

11 Op. Cit. *Correspondências...* Pág.23.

Paulo, 1977. En "Todos temos duas almas" Pág. 68. Td. N

13 No es el amor, o la búsqueda de su sentido a lo largo de la vida una gran pregunta posibilitada de diversos sentidos...?

14 Por algo el título de este trabajo...

15 Op. Cit. C.G. Jung: *Entrevistas...* Pág.80. En Está o Mundo em vésperas do renascimento espiritual? Td. N

16 Jung, C.G. *Recuerdos, sueños, pensamientos*. Biblioteca Breve Editorial Seix Barral, S.A. Barcelona. Pág.306. En este sentido la obra de Juan Rulfo incluyendo las fotografías, es un bello ejemplo de búsqueda de ese mito, o de esa forma de decir lo inaccesible, así la vida, la muerte, la violencia y el amor aparecen de una forma substantiva y no adjetiva como el mismo lo diría.

17 Op. Cit. *A paixão segundo...* Pág34 Td. N

18 Jung, C.G. *Recuerdos, sueños, pensamientos*. Biblioteca Breve Editorial Seix Barral, S.A. Barcelona. Pág.16-17. Esta última frase también es dicha por Rulfo cuando le preguntan si se preocupa por la literatura social...

19 Ibid. Es difícil recordar con exactitud cómo comienzan los sueños, se puede decir que comienzan en la parte que se recuerda, pero hay veces que los sueños comienzan antes de lo que uno recuerda, de modo que se tiene un fragmento que al ser narrado establece un comienzo, pero sólo para efectos de poder contarlo.

20 Ibid. Pág 362

21 Op.Cit. *Pedro Páramo...* Pág 63

Este fotograma es del filme Del olvido al no me acuerdo de Juan Carlos Rulfo, esta imagen recuerda a la Formación rocosa, reinterpretada.

12 McGuire, William e R.F.C Hull. C.G. Jung: *Entrevistas e Encontros*. Editora Cultrix. São Paulo, 1977. Em “Todos temos duas almas” Pág. 68.

13 Não é o amor, ou a busca de seus significados ao longo da vida uma pergunta possibilitadora de diversos sentidos...?

14 Por alguma razão, o título deste trabalho...

15 Op. Cit. C.G. Jung: *Entrevistas...* Pág.80 En Está o Mundo em vésperas do renascimento espiritual?

16 Jung, C.G. *Recuerdos, sueños, pensamientos*. Biblioteca Breve Editorial Seix Barral, S.A. Barcelona. Pág.306.Td. N. Neste sentido é que a obra de Juan Rulfo, incluindo as fotografias, são um belo exemplo de busca deste mito, ou dessa forma de dizer o inacessível. Assim, a vida, a morte, a violência e o amor aparecem de uma forma substantiva e não adjetiva como ele mesmo diria.

17 Op. Cit. *A paixão segundo...* Pág. 34

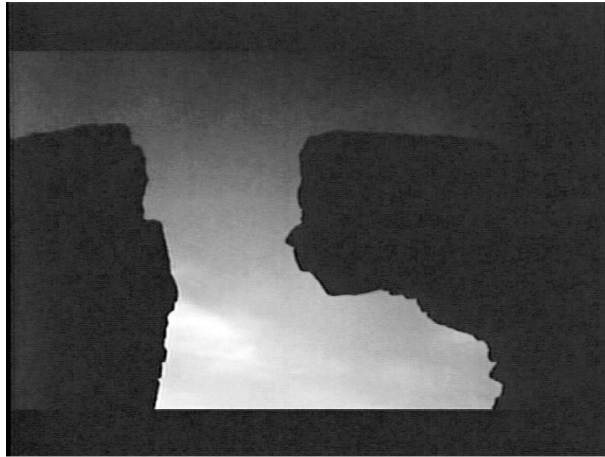
18 Jung, C.G. *Recuerdos, sueños, pensamientos*. Biblioteca Breve Editorial Seix Barral, S.A. Barcelona. Pág.16-17. Td. N. Esta última frase também é dita por Rulfo quando perguntam-lhe se se preocupa com a literatura social...

19 Ibid. Td. N. É difícil lembrar com exatidão como começam os sonhos, caso possa se dizer que começam na parte que se lembra, mas ocorre às vezes dos sonhos começarem antes do que uma pessoa se lembra, de modo que se tem um fragmento que ao ser narrado estabelece um começo, mas apenas para efeito de poder contá-lo.

20 Ibid. Pág 362. Td. N

21 Op.Cit. *Pedro Páramo...* Pág 63

Este fotograma é do filme Del olvido al no me acuerdo de Juan Carlos Rulfo, e recorda a fotografia intitulada Formación Rocosa, reinterpretada.



22 Op. Cit. *Biblia...* Génesis 1-11, trechos varios.

23 En el filme este fotograma también vuelve a recordar...



24 Op.Cit. . *A paixão segundo...* Pág.67 Td. N

25 Op.Cit. *Recuerdos, sueños...* Pág.321

26 El fondo de Cultura Económica realizó unas grabaciones de la voz de Juan Rulfo leyendo algunos fragmentos de los cuentos y de la novela, algunas de estas frases son utilizadas por el hijo en la película. Tuve acceso a estos discos, conocí por espacios largos la voz de Rulfo, disfruté de su acento, de su calma para leer y a la vez me estremecí de pensar que era de esta forma como él se oía por dentro... Este material fue anexado para el examen de cualificación, junto con una entrevista realizada por un programa español, una selección de fotografías y los diálogos editados de personajes de la película que inspiraron cada una de las partes.



22 Op. Cit. *Bíblia...* Gênesis 1-11, trechos vários.

23 No filme, este fotograma também volta a recordar...



24 Op.Cit. *A paixão segundo...* Pág.67

25 Op.Cit. *Recuerdos, sueños...* Pág.321. Td. N.

26 O Fondo de Cultura Económica realizou algumas gravações da voz de Juan Rulfo lendo alguns fragmentos dos contos e da novela. Algumas destas frases são utilizadas pelo filho em seu filme. Tive acesso a estes discos, conheci por longos trechos a voz de Rulfo, disfrutei de seu sotaque, de sua calma para ler e ao mesmo tempo me estremei ao pensar que era desta forma como ele se ouvia por dentro... Este material foi anexado ao exame de qualificação, junto com uma entrevista realizada por um programa espanhol, uma seleção de fotografias e os diálogos editados de personagens do filme que inspiraram cada uma das partes deste trabalho.

27 Op.Cit. *Recuerdos, sueños...* Pág.325

28 Op.Cit. *A paixão segundo...* Pág. 73 Td. N

29 Dickinson, Emily. *Alguns Poemas*. Tradução José Lira. Editora Iluminuras LTDA. São Paulo.2006. Pág 28. Td. N

30 Ibid. Esta introducción está escrita por José Lira que reflexiona sobre la traducción de los poemas de Emily Dickinson. Td. N

31 Ibid. Pág 29 Td. N

32 Op.Cit. *Recuerdos, sueños...* Pág.196

27 Op.Cit. *Recuerdos, sueños...* Pág.325. Td. N.

28 Op.Cit. *A paixão segundo...* Pág. 73

29 Dickinson, Emily. *Alguns Poemas*. Tradução José Lira. Editora Iluminuras LTDA. São Paulo.2006. Pág 28.

30 Ibid. Introdução esta escrita por José Lira que reflete sobre a tradução dos poemas de Emily Dickinson.

31 Ibid. Pág. 29

32 Op.Cit. *Recuerdos, sueños...* Pág.196. Td. N.

BIBLIOGRAFIA

bibliografía

I

- RULFO, Juan. *Pedro Páramo*. Edición de José Carlos González Boixo. Ediciones Cátedra. Letras Hispánicas. Madrid 1989.
- Los Cuadernos de Juan Rulfo*. Introdução de (Presentación) de Clara Aparicio de Rulfo. Transcripción y Nota de Yvette Jiménez de Báez. Ediciones Era. Mexico. D.F. 1995.
- Aire de las Colinas*. Cartas a Clara. Plaza & Janes Editores. Barcelona . 2000.
- México: Juan Rulfo fotógrafo*. Textos de Carlos Fuentes, Margo Glantz, Jorge Alberto Lozoya, Eduardo Rivero, Victor Jiménez, Érika Billeter. Lunwerg Ediciones. Barcelona. 2001
- El llano en Llamas*. Fundación Juan Rulfo. Editorial RM. Barcelona. 2005.
- El gallo de oro y otros textos para cine*. Ediciones Era. Mexico D.F. 2005.
- Pedro Páramo & Chão em Chamas*. Tradução e prefácio de Eric Nepomuceno. Editora Record. Rio de Janeiro. 2004.
- VIDAL, Alberto. *Notícias sobre Juan Rulfo*. Fondo de Cultura Económica. Editorial RM. México, DF. 2003.

II

- ANDRADE, Mário. *Mário de Andrade - Oneyda Alvarenga: Cartas (Correspondência trocada no período 1893 - 1945)* Duas Cidades. São Paulo. 1983.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Edições Paulinas. São Paulo. 1980.
- BAIR, Deirdre. *Jung. Uma Biografia*. Tradução Helena Londres. Volume 1 e 2. Editora Globo. São Paulo. 2006.
- DOWNING, Chistine (org). *Espelhos do self. As imagens arquetípicas que moldam a sua vida*. Editora Cultrix. São Paulo. 1991
- FELL, Claude. *Toda la obra de Juan Rulfo*. Editorial Universidad de Costa Rica. San José.

1996.

FUENTES, Carlos. *A morte de Artemio Cruz*. Tradução Inez Cabral. Editora Rocco. Rio de Janeiro. 1994.

JUNG, Carl Gustav. *O eu e o inconsciente*. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Editora Vozes. Obras completas de C.G Jung, v.7/.2. Petrópolis, Rio de Janeiro. 2007.

-----*Recuerdos, sueños, pensamientos*. Biblioteca Breve Editorial Seix Barral, S.A. Barcelona. 1971.

-----*Fundamentos de Psicologia Analítica*. Tradução de Araceli Elman. Editora Vozes. Obras Completas de C.G Jung, v.18/1, Petrópolis, Rio de Janeiro. 2007.

-----*Entrevistas e Encontros*. Coordenação de William McGuirre e F.C. Hull. Tradução de Álvaro Cabral. Editora Cultrix. São Paulo. 1977.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo GH*. Rocco. Rio de Janeiro. 1998.

-----*Laços de Família*. Rocco. Rio de Janeiro. 1998.

MARONI, Amnérís Ângela. *E por que não? Tecendo outras possibilidades interpretativas*. Editora Idéias & Letras. Aparecida SP. 2008

POPOL VUH. *Antiguas histórias de Quiche*. Fondo de Cultura Económica. México, DF. 2005.

VALÉRY, Paul. *Variedades*. Iluminuras. São Paulo. 2007

VON FRANZ, Marie-Luise, James Hillman. *A Tipologia de Jung*. Editora Cultrix. São Paulo. 1971

Páginas de Internet

<http://www.clubcultura.com/clubliteratura/clubescritores/juanrulfo/fundacion.htm> 9 de junho de 2008



<http://sololiteratura.com/php/docinterno.php?cat=miscelanea&doc=390> 9 de junho de 2008

<http://www.letras.s5.com/rulfo150202.htm> 9 de junho de 2008.

<http://www.letras.s5.com/rulfo170202.htm> 9 de junho de 2008

http://books.google.com/books?id=RH9UUpH_rHgC&pg=RA1-PA990&vq=discurso+p remio+nacional+de+literatura+1980&dq=obras+completas+de+juan+rulfo&lr=&hl=pt-BR&source=gbs_search_s&sig=ACfU3U3VNpAE_XaZZqYsCz7KPZ58y-y8qQ#PRA1-PA855,M1 Acesso em 9 de junho de 2008



Filmes

I

Del Olvido al no me acuerdo



México Color (Panavisión). 1999.

Una producción de: Instituto Mexicano de Cinematografía (IMCINE), La Media Luna Producciones, S. A. de C. V., Producciones Por Marca, Secretaría de Turismo y Secretaría de Cultura del Estado de Colima, con el apoyo del Fondo Nacional para la Cultura y las Artes, la Fundación Rockefeller, la Fundación MacArthur y la Fundación Cultural Juan Rulfo

Gênero: Documentário
Duração: 74 min.
Som: Dolby estéreo
Direção: Juan Carlos Rulfo

Produção: María Fernanda Suárez
Roteiro: Juan Carlos Rulfo
Fotografia: Federico Barbabosa
Edição: Juan Carlos Rulfo y Ramón Cervantes Audelo
Sonoplastia: Evelia Cruz, Antonio Diego, Lena Esquenazi y Daniel Hidalgo
Música: Gerardo Tamez

Elenco:

Justo Peralta		ele mesmo
Rebeca Jiménez		ela mesma
Jesús Ramírez		ele mesmo
Juan José Arreola		ele mesmo
Manuel Cosío		ele mesmo
Clara Aparicio de Rulfo		ela mesma
Jaime Sabines		ela mesma
Juan Michel		ele mesmo
Aurora Arámbula		ela mesma

Eloísa Partida		ela mesma
Cirilo Gallardo		ele mesmo
Consuelo Reyes		ela mesma
Víctor Parra		ele mesmo
Matías Pérez Rulfo		ele mesmo
Don Alberto “El triste”		ele mesmo
Los Maclovios		eles mesmos



Entrevista com Juan Rulfo

Entrevistador: Soler Serrano

Transmitido pelo programa A Fondo, RTV

2ª Canal - 45 minutos

17 de Abril de 1977 - Transcrição nossa

II

Sans Soleil

Direção: Chris Marker

2 de Março de 1983

Blue

Direção: Derek Jarman

3 de Dezembro de 1993

A infância de Ivan

Ivanovo detstvo

Direção: Andrei Tarkovsky

27 de Junho de 1963

- Qual é a sua reação perante uma obra já publicada, perante um livro?



- Está morto, já é uma coisa morta.

(<http://sololiteratura.com/php/docinterno.php?cat=miscelanea&doc=390>)

TRADUÇÃO FINAL E CORREÇÃO ORTOGRÁFICA E GRAMATICAL REALIZADA POR JOÃO FRANCISCO DIEL. CAPA E DIAGRAMAÇÃO POR JOÃO FRANCISCO DIEL. FOTO DA CAPA POR JUAN RULFO. ÍCONES E DESENHOS CRIADOS POR MILTON JOSÉ DE ALMEIDA. COMPOSTO EM *MINION PRO*. IMPRESSO EM CAMPINAS, ABRIL DE 2009.



-e'arriscado de todos lados